

# TRANSESPÉCIE / TRANSJARDINAGEM



Ian Guimarães Habib (Org.)





O projeto tem apoio financeiro do Estado da Bahia através da Secretaria de Cultura e da Fundação Cultural do Estado da Bahia (Programa Aldir Blanc Bahia) via Lei Aldir Blanc, direcionada pela Secretaria Especial da Cultura do Ministério do Turismo, Governo Federal.

**Apoio Financeiro:**



SECRETARIA  
DE CULTURA

SECRETARIA ESPECIAL DA  
CULTURA

MINISTÉRIO DO  
TURISMO



MUTUA

MUSEU TRANSGÊNERO  
DE HISTÓRIA E ARTE



Criado em maio de 2021. Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/2/1998. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida sem autorização prévia por escrito de Ian Guimarães Habib (Museu Transgênero de História e Arte - MUTHA), sejam quais forem os meios e mídias empregados: eletrônicos, impressos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

1.<sup>a</sup> Edição - Copyright © 2021 - Ian Guimarães Habib  
MUTHA Museu Transgênero de História e Arte  
Brasil  
www.mutha.com.br

Edição Epub © O Sexo da Palavra - Projetos Editoriais-2021  
Curadoria: Fábio Figueiredo Camargo  
Editor-chefe: Antonio K.valo

## Catálogo na Publicação - CIP

T772

Transespécie /Transjardinagem [recurso eletrônico] / autor/org. Ian Guimarães Habib. – Uberlândia: O Sexo da Palavra, 2021.

E-book.

Realização Museu Transgênero de História e Arte - MUTHA.

E-book, no formato ePub.

Modo de acesso: Internet.

ISBN 978-65-88010-20-4

1. Arte moderna - Séc. XXI. 2. Transexualidade. 3. Arte e história.

I. Habib, Ian Guimarães, org. II. Título

CDD: 709.04

CDU: 7.038.1

Elaborada por Gizele Cristine Nunes do Couto – CRB6-2091

## CONSELHO EDITORIAL

Alex Fabiano Jardim  
Ana Maria Colling  
André Luis Mitidieri  
Andréa Sirihal Werkema  
Antonio Fernandes Jr.  
Cíntia Camargo Vianna  
Cláudia Maia  
Cleudemar Fernandes  
Davi Pinho  
Djalma Thurler  
Eliane Robert Moraes  
Eneida Maria de Souza  
Emerson Inácio  
Flávia Teixeira  
Flávio Pereira Camargo  
Joana Muylaert  
Larissa Pelúcio  
Leandro Colling

Leonardo Mendes  
Luciana Borges  
Luiz Morando  
Maria Elisa Moreira  
Mário César Lugarinho  
Nádia Batella Gotlib  
Patrícia Goulart Tondinelli  
Paulo César Garcia  
Renata Pimentel  
Ricardo Alves dos Santos  
Telma Borges  
Vinícius Lopes Passos

## CURADORIA

Fábio Figueiredo Camargo  
Leonardo Francisco Soares  
Ivan Marcos Ribeiro



O Sexo da Palavra - Projetos Editoriais  
Av. Dr. Laerte Vieira Gonçalves, 466 | Santa Mônica  
CEP: 38.408-176 | Uberlândia - MG  
CNPJ: 33.713.941/0001-21  
*Printed in Brazil / Impresso no Brasil*



## MUSEU TRANSGÊNERO DE HISTÓRIA E ARTE

**CONCEPÇÃO E COORDENAÇÃO  
DIREÇÃO DE ARTE  
ARTES DIGITAIS  
WEB SITE**

Ian Guimarães Habib  
Ian Guimarães Habib  
Débora Paixão  
Juno Nedel

PROJETO PRIMEIRA EXPOSIÇÃO DO MUTHA  
**CURADORIA, CONCEPÇÃO,  
PESQUISA, COORDENAÇÃO  
E PRODUÇÃO**

Ian Guimarães Habib

PRIMEIRA EXPOSIÇÃO DO MUTHA  
**CONCEPÇÃO, PESQUISA,  
COORDENAÇÃO E PRODUÇÃO  
APOIO FINANCEIRO**

Ian Guimarães Habib

Estado da Bahia através da Secretaria de Cultura e da Fundação Cultural do Estado da Bahia (Programa Aldir Blanc Bahia) via Lei Aldir Blanc, direcionada pela Secretaria Especial da Cultura do Ministério do Turismo, Governo Federal

**REALIZAÇÃO  
TEXTO  
COMUNICAÇÃO  
DIREÇÃO DE ARTE  
ARTES DIGITAIS**

Museu Transgênero de História e Arte  
Ian Guimarães Habib  
Ian Guimarães Habib  
Ian Guimarães Habib  
Débora Paixão

ARTISTAS EM EXPOSIÇÃO  
**BAHIA**

Berrna, BS (Bernardo Santos), Copioba, Dante Freire, Dodi Leal, Ella Pérola Preta Wel J. Reis, Esteban Rodrigues, Fabi Ferro, Fayola Caucaia & Tiê Francisco Maria, Fêrnande Ayô, Fervu Profanu, Gaé Charrí, Ian Habib, Inaê, Jackie Chean, Jeisiekê de Lundu, Kanani, Kukua Dada, Láz, Lira, Loste, PorcaFlor, Sumé Aguiar, Tali boy, Vick Nefertiti, Xan Marçall, Yara Sereya

**OUTROS ESTADOS BRASILEIROS**

A TRANSÄLIEN, Anis Yaguar & Bruno Magliari & Giulia Maria Reis & Loren Minzú & Lucax Mate-de & Sumé Aguiar, Babi Mello, Beijamim Aragão, Breno Falcão Silva, Fefa, Félix B. Perini, Fernanda Silva, Júpiter & Lau Baldo & Nog4yra & PV5000, Larissa Cemitério & Lino Calixto & Xâtana Xâtara, Lino Arruda, Lino Calixto, Mogli Saura, Rafa Kennedy, Re Moraes, Rucka de Lacaia, Sladká Meduza, Thia Sguoti, Tuca Mello, Xyk

## SELEÇÃO

Anis Yaguar, Bioncinha do Brasil & Hellena Kuasne, Caru, Cristina Judar, Efe Godoy, Gab Dias, Guilhermina Augusti, Hilda de Paulo, htadhirua, Loren Minzú, Maria do Rio, Monique Huerta, Princeznhadapaz, Safira Clausberg, Yná Kabe Rodríguez

## CONEXÕES GLOBAIS

Amanda Araújo (Barcelona, Espanha)  
Ava Namen (Paris, França)  
Hadassa Gomes Bobô (São Tomé, São Tomé e Príncipe)  
Poppy Carpio (Valencia, Venezuela)  
Shuli Dura (Buenos Aires, Argentina)  
Zed Boió 104 (Nova York, EUA)

## APOIO

**ACERVO DIGITAL (AD) DO ARQUIVO  
HISTÓRICO DO MUTHA EM  
EXPOSIÇÃO**

Kalutor  
Theo Brandon, Yuna Vitória

## INSTITUIÇÕES PARCEIRAS

NUCUS/UFBA, Linha de Estudos Trans Travestis e Intersexo (NUCUS/UFBA), Seminário Desmonte, Transacademicus, CLOSE – Centro de Referência de História LGBT+ do Rio Grande do Sul, GENHI – Grupo de Estudos e Pesquisas em História e Gênero do IFCH/UFRGS, HT EM AÇÃO, CATS – Coletivo de Artistas Transmasculines.

## PROJETO EDITORIAL

### PROJETO

### DIREÇÃO DE ARTE

### TEXTO

### PREFÁCIO

### REVISÃO

### ORGANIZAÇÃO E EDIÇÃO

### ARTES DIGITAIS

### PROJETO GRÁFICO

### PRODUÇÃO GRÁFICA

Ian Guimarães Habib

Ian Guimarães Habib

Ian Guimarães Habib

Caio de Souza Tedesco, Juno Nedel, Morgan Lemes

Ian Guimarães Habib

Ian Guimarães Habib

Débora Paixão

xyk

xyk

O Arquivo Histórico do Museu Transgênero de História e Arte do Brasil (MUTHA), fundado em dezembro de 2020, é formado por três eixos: o Programa de Preservação e Difusão Histórica (PPDH); o Programa em Educação (PED); e o Arquivo Digital (AD). Em sua totalidade, propõe questionar: é o museu um lugar “do passado” ou é um espaço potente para a criação de sociedades outras? A história está localizada estritamente no passado ou se trata, entre outras possibilidades, de um discurso poderoso sobre o que aconteceu para fundar imaginários sociais, subjetividades e materialidades de quem somos hoje individual e coletivamente?

Nesse viés, articulando perspectivas críticas e transformadoras, tais como descoloniais e transfeministas, o MUTHA e seu Arquivo Histórico tensiona a concepção cisnormativa de que não havia pessoas trans no passado. Ainda, tem como objetivos resgatar as múltiplas histórias trans que compõem o Brasil e realizar trabalhos que versam na difusão e criação de Memória(s) e História(s) Trans brasileiras.

**CAIO DE SOUZA TEDESCO**

Diretoria do Arquivo Histórico do MUTHA

Através da história podemos conhecer o nosso passado. Há diversas formas de registro desse passado, porém o olhar das narrativas deste deve se interferir pelo meio. Diversas civilizações tiveram suas histórias como priori e houve diversos fatores para de fato descobrir-se seus registros da memória.

Por diversas gerações houve apenas uma narrativa da história dada como “geral”, mas ao aprofundarmos sobre as narrativas históricas e diferentes historiografias (maneiras de enxergar o passado, investigá-lo e contá-lo), percebemos a existência de diversos registros de civilizações que não seguiam esse “padrão”, o que Chimamanda Adichie chama de “História Única”.

Devemos entender, portanto, que o/a/e historiador(a/ie) é um instrumento que revela o que foi passado e que ditar uma hegemonia da “história única” oculta e destrói a riqueza da pluralidade do SER. Através da atualidade, pode-se notar que esses corpos e sujeitos vivem e que através deles é possível fazer o resgate historiográfico destes ao dar direito de equidade à diversidade.

**MORGAN LEMES**

Diretoria do Arquivo Histórico do MUTHA

Engana-se quem pensa em museu como uma instituição estanque, que apenas guarda e preserva memórias poeirentas de tempos passados. Os museus são, sobretudo, lugares de conflito, memória e poder. Todo acervo museológico é, também, uma interpretação – uma entre diversas interpretações possíveis e que, portanto, são passíveis de distorções, silenciamentos e apagamentos. Nos museus, manifesta-se a disputa entre ruído e silêncio, presença e ausência, lembrança e esquecimento.

É nessa relação entre memória e história que se insere o Museu Transgênero de História e Arte (MUTHA). Pensar um museu transgênero, no Brasil, é desestabilizar as categorias que comumente tomamos como naturais e pré-discursivas, analisando-as em sua contingência histórica, social e cultural. É reconhecer a branquitude, a cisnormatividade e a heteronormatividade como lugares específicos de produção de saber, e não como perspectivas “neutras” sobre a realidade social. Trata-se também de entender que as noções sobre civilização e progresso estão atravessadas por epistemologias coloniais, que estabelecem um único modelo (racista, etnocida, cis-heteronormativo) de desenvolvimento civilizatório.

Desmantelar o legado venenoso do período colonial não é tarefa fácil. Mais do que isso, é uma necessidade. Atualmente o Brasil é um dos países mais perigosos do mundo para pessoas trans, principalmente para os corpos não-brancos, pobres e periféricos. Ao propor uma outra mirada sobre passado, presente e futuro, o MUTHA busca contribuir para a construção de imaginários mais potentes e mundos mais habitáveis para pessoas trans e gênero-diversas.

**JUNO NEDEL**

Diretoria do Arquivo Histórico do MUTHA

O MUTHA é um museu transformacional, ou seja, continuamente em transformação, que objetiva criar incentivos, ferramentas e alternativas à produção de dados sobre violências cotidianas à vivências transgêneras no Brasil, pretendendo sugerir caminhos artísticos, educativos, políticos e sociais alternativos; resgatar memórias e investir em (re)escritas históricas de processos que foram apagados desde o período colonial, suprimidos pela ditadura brasileira em outras configurações e perduram como tentativas de extermínio até os tempos atuais; investir na criação de um arquivo brasileiro sobre História e Arte transgênera; valorizar memórias e produções artísticas dessas existências, que não são ainda reconhecidas e visibilizadas em espaços de produção cultural; discutir epistemologias corpo e gênero diversas nas artes; fomentar novos modos de vida em paisagens em ruína; celebrar a imaginação; destruir, por vezes, o que for preciso; produzir eventos e suportes para debates sobre diversidade de gênero e suas interseccionalidades, como processos étnico-raciais, deficiência, classe, sexualidade, e outros; criar paisagens radicais para outros futuros.

# MUTHA

Ian Habib é performer, artista audiovisual, escritor e pesquisador. Bacharel em Artes Cênicas (UFMG/UFRGS). Mestrando em Dança (CAPES/UFBA) com o projeto Corpes Transformacionais. Investiga Dança Butô, Performance e Gênero, com ênfase nas poéticas e políticas das transformações corporais e alterações dos estados da matéria, através de estudos sobre processos de cura, fim do mundo, êxtase, memória, ritualidade e xamanismo. Ganhou o Prêmio Açorianos de Dança 2015 e o Aldir Blanc Funceb 2020. Criou o Museu Transgênero de História e Arte, uma obra artística e uma tecnologia transformacional de produção de Arquivo brasileiro sobre História e Arte corpo e gênero variante. Coordenador da Linha de Estudos Trans, Travestise Intersexo do grupo de pesquisa NuCus (POSCULT/UFBA). Criou e produz o Desmonte Seminário e o ABCDário Desmonte. Publicou artigos nos periódicos URDIMENTO/ UDESC, ASPAS/USP, ARTE DA CENA/UFG, EPHEMERA/UFOP e um capítulo do livro Práticas Decoloniais nas Artes da Cena (Orgs. Dr. Robson Haderchpek/UFRN, Dra. Joice Aglae/UFBA e Saulo Almeida/USP), publicado pela Editora Giostri. Está em processo editorial para o lançamento de seu primeiro livro como organizador, DESMONTE: Corpo, Gênero e Interseccionalidades (Ed. Associação Nacional de Pesquisadores em Dança)

**IAN HABIB**

criação e curadoria MUTHA

## **PRIMEIRA EXPOSIÇÃO MUTHA**

É com enorme satisfação que o Museu Transgênero de História e Arte (MUTHA) abre seus Portais para a transformação. O MUTHA é um espaço pensado como uma obra artística e como uma série de tecnologias transformacionais de construção de arquivos trans. Como parte dessa abertura, o MUTHA propõe sua Primeira Exposição, que ocorrerá na Galeria Virtual MUTHA, um local criado para exposição virtual e permanente de pessoas trans, e inaugurado através do website MUTHA.

Nosso website é integrado pelo Arquivo MUTHA - composto do Arquivo Histórico MUTHA e do Arquivo Artístico de Dados MUTHA. O Arquivo Histórico MUTHA, que ainda está em construção, é integrado pelo Programa de Preservação e Difusão Histórica (PPDH), pelo Programa em Educação (PED) e pelo Arquivo Digital (AD). O PPDH tem como objetivo coletar arquivos, dados e doações, promovendo sua organização, manutenção, restauro e digitalização, e criando ferramentas de difusão dos mesmos. O PED tem como foco o desenvolvimento de programas educacionais em História e Arte, e foi criado para tornar as produções corpo e gênero diversas mais acessíveis para todas as

peessoas que desejam aprender mais sobre elas. O PED oferece suporte para pessoas pesquisadoras, estudantes e para o público em geral. O AD é o acervo digital que engloba todo o material coletado pelo museu, como fotografias, panfletos, clippings, newsletters, correspondências, periódicos, impressos, história oral, transcrições de entrevistas, jornais, folhetos, objetos físicos, programas, anúncio, artigos, pôsters, discursos, dentre outros. Já o Arquivo Artístico de Dados MUTHA é uma ferramenta que visa fornecer um mapeamento de pessoas artistas corpo e gênero variantes brasileiras e/ou produções artísticas corpo e gênero diversas executadas em território nacional. O Arquivo Artístico de Dados também é aberto a todas as pessoas indígenas do país. As inscrições para o envio de informações artísticas e obras que comporão esse banco ficarão abertas por tempo indeterminado. As doações de materiais para o nosso Arquivo Histórico também ficarão abertas por tempo indeterminado. O MUTHA convida você para fazer parte desse percurso!

Na Primeira Exposição MUTHA serão apresentados, através deste livro e de nosso website, trabalhos artísticos de mais de 25 pessoas corpo e gênero diversas da Bahia, um número considerado altíssimo para uma população que

vive hoje em situações extremamente precárias, devido às violências cisheteronormativas agravadas por condições pandêmicas, como o desemprego e o sofrimento mental.

Junto delas, a exposição visibiliza outras 16 pessoas convidadas corpo e gênero diversas de todo o país. Em adição, o processo curatorial contemplou 15 artistas em um processo seletivo, partindo de um incentivo às inscrições no nosso Arquivo Artístico de Dados. Por fim, mais 6 artistas compõem uma seção denominada Conexões Globais, destinada a pessoas de outros países vivendo no Brasil e pessoas do Brasil vivendo em outros países.

Essa é a maior exposição trans de artes feita no Brasil até hoje: ela inclui todas as cinco regiões brasileiras e também conexões com mais seis países em quatro continentes; abrange zonas litorâneas, urbanas e rurais; valoriza a produção de vivências negras, amazônicas, indígenas, imigrantes, emigrantes, com deficiência e em diversas faixas etárias e classes sociais; considera todos os aspectos de precarização que permeiam os modos de criação dessas existências – nesse caso, nossa perspectiva caminha pela não-interferência nos materiais enviados e pela tentativa de não reafirmação de normativas linguísticas, museológicas e curatoriais; contempla todas as identidades de gênero

não-cisgêneras; promove todas as linguagens artísticas: artes cênicas, audiovisual, artes visuais, dança, moda, beleza, literatura, body art, artesanato, dentre outras.

Esse tão amplo panorama objetiva fortalecer redes de empregabilidade, visibilidade e colaboração mútua transregional, transtemporal, trans\*, trans-; ampliar o mercado de trabalho cultural para a população corpo e gênero diversa, com elaboração de ferramentas expositivas e difusoras de criações, confecção de publicações, venda de obras e organização de redes para produção, modificação e resgate histórico; formar arquivos. A colaboração de toda a comunidade é extremamente importante, já que uma iniciativa como essa - de formação de arquivo e de empregabilidade - somente conseguirá se manter a longo prazo, a partir da formação de redes de apoio e fomento institucional consistentes e constantes.

# **CURAR É *SER OUTRES CORPES*: A TRANSFORMAÇÃO CORPORAL É UMA PRECE DE 15 MOVIMENTOS PARA SOBREVIVÊNCIA**

**1** curar é *ser outres corpes*

**2** é pregar a morte do Criador, o instituidor da normativa, dessa forma de autoria imóvel

**3** é ser à revelia do sentido, contra o local onde se fixam código e linguagem, contra o sujeito, e contra o objeto, à contradição insolúvel sujeito

**4** é não ter que explicar

**5** é usar pronomes de gênero flutuantes para gêneros variantes

**6** é compreender que há uma ilógica metamórfica que não se move pelo princípio básico da identidade

**7** é a ação de fazer uma coisa ser outra, de forma que cada movimento contém seu oposto e tudo implica o seu contrário e pode ser outra coisa

**8** é não fabricar o princípio da não-contradição

**9** é desconhecer sua própria imagem

**10** é uma poética da inominação/da alteração de estadosnome

**11** é produzir algumas narrativas

**12** é gargalhar audaciosamente durante a primavera

**13** é destilar veneno durante o verão

**14** é emanar plumas durante o inverno

**15** é sacudir bicos durante a primavera

## **APOIO**

bianca kalutor

## **UM CHÃO PARA BIA**

Um Chão para Bia é uma chamada pública urgente de moradia. O objetivo é arrecadar 90 mil reais em doações para comprar uma casa na Região dos Lagos - RJ para Bianca Kalutor morar. Bianca é uma importante artista e ativista, referência principalmente entre artistas LGBTQIA+, que se encontra em estado constante de vulnerabilidade e resistência diante das mazelas e injustiças sociais mais profundas. Para participar desta reparação tão necessária, é possível contribuir financeiramente via transferência, boleto ou pix. Além de compartilhar, divulgar os materiais da campanha e colaborar com um vídeo pessoal: grave um vídeo se apresentando e declarando seu apoio à chamada pública Um Chão para Bia. Para mais detalhes e conteúdos, acesse o perfil @umchaoparabia no Instagram ou envie um e-mail para [umchaoparabia@gmail.com](mailto:umchaoparabia@gmail.com).

## **Dados bancários**

Agência: 0001  
Conta: 39449990-2  
CPF: 092.352.286-70  
José Suriani Caetano  
Nu Pagamentos S.A (260)

## **PayPal**

[umchaoprabiakalutor@gmail.com](mailto:umchaoprabiakalutor@gmail.com)

## PUBLICAÇÕES MUTHA<sup>1</sup>

**KUKUA**

**DADA**

Enkantada, Kukua Dada. Mãe mulher de grelo enorme e ovários externos que amamenta suas filhas de sabedoria e cadência. Kari'oka multiartista e preta. Desakadêmica e educadora.

**ELLA PÉROLA**

**PRETA WEL J. REIS**

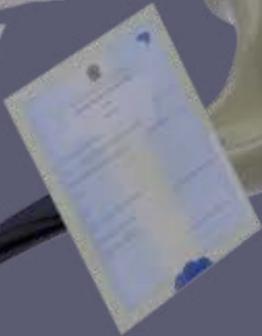
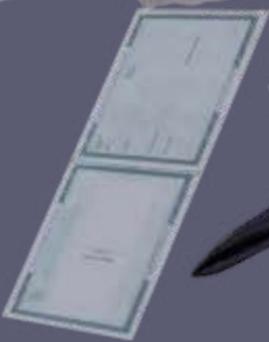
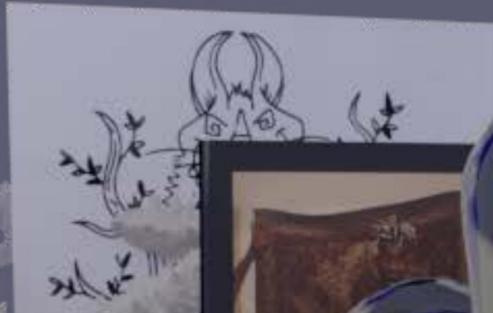
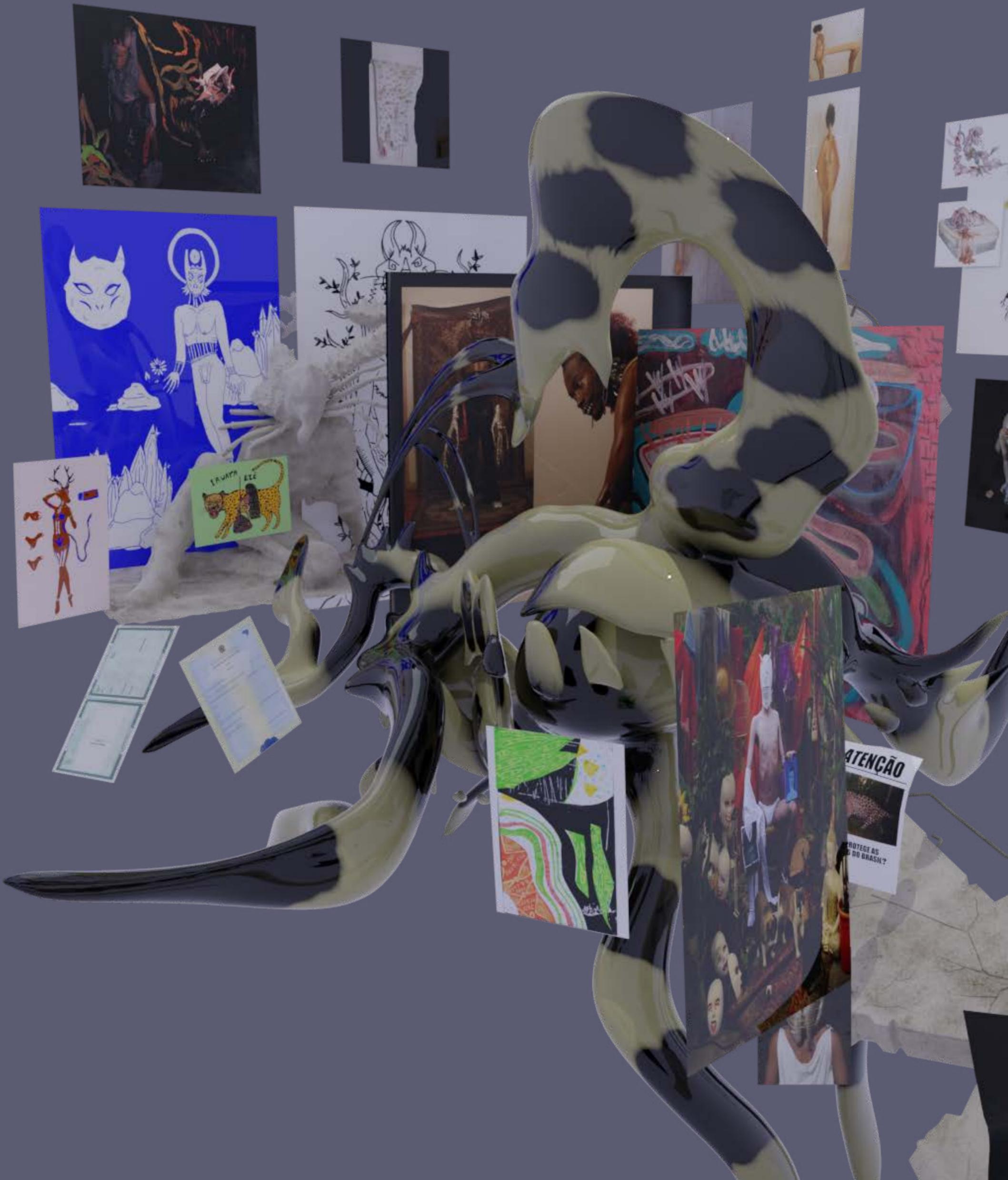
Sobrevivo como artista da performed, canto, danço, escrevo, interpreto, não preciso de abrigagem, brigas, sou colocada nos lugares onde tenho leveza de agradecer a sol, a mar, jacy, jurema, os dias de paz intrauterino doce vínculo das vidas indissociáveis, indisciplinas, invisíveis renascidas horas análogas epistemes, ontologias da poeta do futuro jazz agora, parece que estamos em uma nova ordem mundial.

**YARA**

**SEREYA**

Yara Sereya, 31 anos, atriz, bailarina, gestora cultural e poeta feminina. Candomblecista, mulherista candace, filha de yansã, maconheira, bruxa, justiceira. Negra. Yara Sereya.

<sup>1</sup>Podem ser encontradas em [www.mutha.com.br](http://www.mutha.com.br)



# TRANSESPÉCIE



Espécie é *speciēs* em Latim, e significa em sentido próprio “vista”, “sentido da vista”, “vista de olhos”; em sentido usual “aspecto” e “aparência” ou “forma”, “exterior” e “ar”; e em sentido figurado “beleza”, “falsa aparência”, “fantasma”, “imagem”, “aspecto”, “idéia que se faz de uma coisa” ou “tipo” (FARIA, 1962, p. 935). A palavra vem de *speciō*, que indica “olhar”, “ver” e “avistar” (ibidem). Dessas indicações, pode-se pensar que espécies são tentativas de atribuições de idéias e sentidos para aspectos, formas, aparências e para o que está em campos de percepção. A própria palavra nos indica pelo menos duas oposições. A primeira é um oxímoro que contém em si seu próprio e seu oposto, ao conectar tipo e afinidade, “[r]eferindo-se tanto ao implacavelmente ‘específico’ ou particular quanto a uma classe de indivíduos com as mesmas características (...)”<sup>3</sup> (HARAWAY, 2012, p. 19, tradução minha). A segunda é uma operação cartesiana que reitera paradoxos de forma e conteúdo, rendendo o sentido à externalidade ou ao campo de percepção visual. Essa dicotomia é uma das bases do pensamento ocidental, junto de diversas outras contidas nos desenhos das discussões bioculturais e filosóficas que rondam disputas nos campos do agronegócio global, dos conflitos territoriais e de pautas étnico-raciais, de gênero e de deficiência, e que organizam hierarquicamente valores de seres a partir da interrogação: que ou quem é humano? Quem deve morrer e como? A *espécie* nasce do solo do humanismo cishétero branco imperialista e capaz para regular e exterminar alteridades pela colonização, escravização, fixação dos binômios sexo-gênero e especismo – perpetuações do etnocídio, do racismo, do capacitismo, da cisheteronormatividade, “do extrativismo, do agronegócio, da poluição, das queimadas de florestas, da extinção de animais hospedeiros de microorganismos”<sup>4</sup>.

*Espécie* é uma unidade organizacional complexa de biota viva animada ou não, composta de organismos com moléculas e átomos, e outros. As unidades organizacionais são agrupamentos, sendo espécies um deles, e, ainda que determinados grupos não possuam táxon ou possam ser especificados, são diagnosticados e classificados por propriedades, podendo ser compostos por

<sup>2</sup> Este texto é trecho adaptado de minha dissertação de mestrado.

<sup>3</sup> "Referring both to the relentlessly 'specific' or particular and to a class of individuals with the same characteristics, species contains its own opposite in the most promising - or special - way." HARAWAY, Donna. Species Matters, Humane Advocacy: In the Promising Grip of Earthly Oxymorons. DEKOVEN, Marianne; LUNDBLAD, Michael (Ed.). Species Matters: Humane Advocacy and Cultural Theory. Columbia University Press, 2012. p. 17-26.

<sup>4</sup> HABIB, Ian Guimarães; ROCHA, Lucas Valentim. Desmonte: Sobre (cura) dorias, feridas e modos de ser em Arte. Urdimento-Revista de Estudos em Artes Cênicas, v. 1, n. 40, p. 1-29, 2021.

vírus, bactérias, fungos, plantas, animais, protozoários, minerais. Cada conceito formulado no campo da diversidade biocultural é produzido por diferentes abordagens histórico-filosóficas, reflete abrangências e limitações específicas de operação e aplicabilidade, permite variantes avaliações ontocosmoepistemológicas da diferença e da riqueza espacial, postula realidades e irrealidades de inúmeras criações corporais, possibilita agrupamento de seres em uma infinidade de universos materiais e imateriais - morfológicos, genéticos, reprodutivos, ambientais, espaço-temporais, de fluxo. O conceito de *espécies*, ou melhor, os inúmeros conceitos existentes de *espécies* não são em nada diferentes: não são produções essencialistas, nem naturais ou imutáveis, são gerenciamentos de conservações, hierarquizações, definições, comparações, localizações, inventariações e especificidades de reprodução e variabilidades que separam ou unem seres. Cada definição contempla questões de sobrevivência, transformação e relacionabilidade. Produzir um conceito de *espécie* é então analisar um modo ou uma condição de existência, seja por presença de partes ou por articulações entre diferentes estruturas de organização, mais ou menos mutáveis.

A preposição e preverbo *trans* vem do Latim *trāns* (FARIA, 1962, p. 1012). Como preposição significa “além de”, “para o outro lado de”, “do outro lado de” e “por sobre”. Como preverbo, além de ter o sentido de “além de”, aponta para o de “de um lado para o outro, inteiramente”. Como sinônimos de “de um lado para o outro” temos “por entre”, “através de”, “ao longo de”, “no decorrer de”, “durante”, dentre outros. Pode-se inferir daí que Transespécie é um movimento de transformação corporal além-espécie. Transespécie é igualmente uma prece para a sobrevivência. Transespécie é *ser outres corpes* por meio da transmetamorfose, transmutação ou transsubstanciação corporal transespecífica, ou seja, ser para além da unidade organizacional da *espécie*, ser por entre espécies, ser através de *espécies* ou ser *outras espécies*. Nesse sentido, Transespécie pode indicar um movimento por entre diversas espécies ao longo do tempo. Isso significa que

Transespécie está para além da *espécie*, ou do que significa o limite das espécies, isto é, indica que a *espécie* em Transespécie não tem limite próprio. Transespécie questiona o limite específico, rompendo os limites do humano e do mais-que-humano, do vivo e do mais-que-vivo, do animado e do mais-que-animado, do sexo e do gênero, da natureza e da cultura, do corpo e da alma, do exterior e do interior, do visível e do invisível, da literalidade e da figuração. Transespécie interpela também as produções de sentido sobre percepções de seres, interroga abrangências e limitações de operação e aplicabilidade da *espécie*, exponencia avaliações ontocosmoepistemológicas da diferença e da riqueza espacial, fatura separabilidades entre realidades e irrealidades corporais, e indaga a própria possibilidade de agrupamento de seres em distintos universos materiais e imateriais – morfológicos, genéticos, reprodutivos, ambientais, espaço-temporais, de fluxo. Se o limite dos agrupamentos de diferenças é interrogado, também o são suas necessidades de conservações, hierarquizações, definições, comparações, localizações, inventariações, e especificidades de reprodução e variabilidades que separam ou unem seres. Contudo, se Transespécie não se despreza completamente da *espécie*, é que ainda diz de maneiras de sobrevivência e relacionabilidade a partir da diferenciação corporal.

Esses rompimentos que excedem as possibilidades humanas de produção de idéias de *espécies* permitem a fabulação de gêneros e mundos infinitos, da qual surgem aliens, divindades, criaturas mitológicas, monstros, feras, quimeras, espíritos, fantasmas, espectros ou entes invisíveis, figuras arqueológicas, híbridas, fantásticas, místicas, primordiais, celestes, submarinas, subterrâneas, e outros seres possíveis e impossíveis – ou mais-que-possíveis. A transespeciação, ou seja, o movimento de transformação corporal transespécie pode acontecer pela transformação material ou imaginária em outros seres; por hibridização; por identidades transespécie coletivamente ou individualmente performadas; por teias de transalteridades afetivas; por transplante transespécie ou xenotransplante; por engendramentos transformacionais da

matéria<sup>5</sup>; por iterabilidade ecológica coabitativa entre átomos, células, genomas e organismos multiespécies; pela capacidade de cruzamento genético transespecífico; pela troca ou transferência translateral de genes, células, átomos e matérias; por operações corporais como multiplicação, subtração, crescimento ou diminuição de partes; pela quimerização; pela montagem; por imagens e imaginários corporais; por metáforas – como as linguísticas –; pela transespeciação da percepção ou de órgãos e outras partes; por migração transcorporais de características, comportamentos ou estruturas, dentre outros.

Transespécie é, por fim, uma maneira de desarticular narrativas objetificadoras advindas de imagens metamórficas com as quais pessoas corpo e gênero variantes são associadas em miradas cisheteronormativas, brancas e capacitistas, ressignificando-as em novas políticas de desidentificação, que se aproveitem de afetos como ódio, revolta e deboche. Transespécies são produções de novas investigações corporais e ações de cura à cisheteronorma, engendramentos que valorizam a potência de criação de outros seres e mundos.

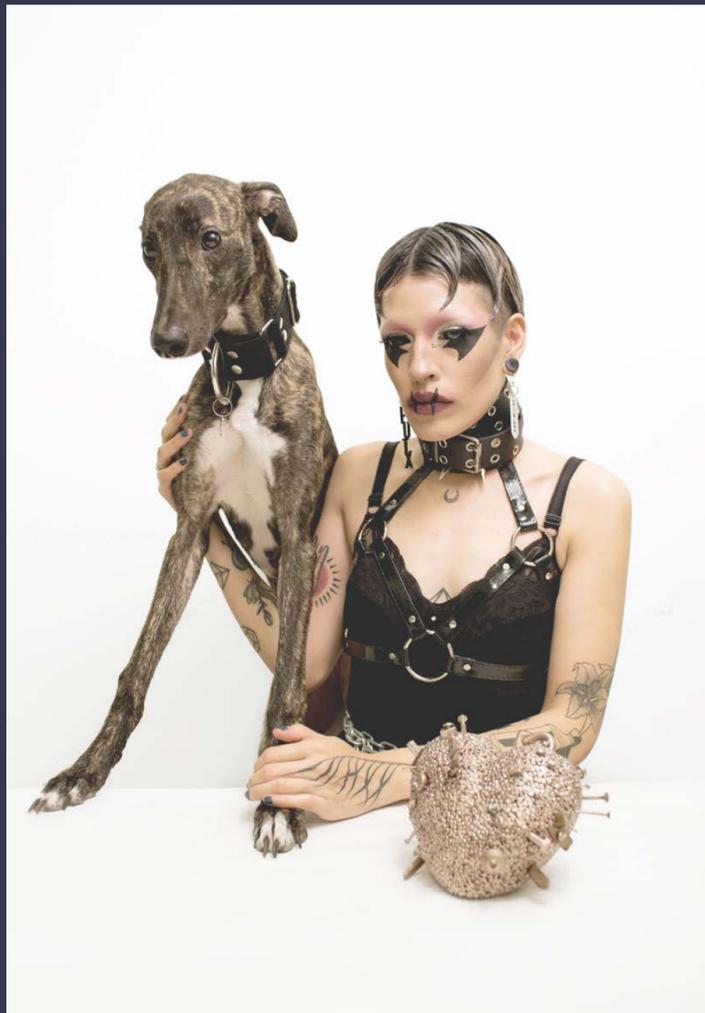
Julissa Dura é uma fotógrafa uruguaia nascida em 1996. Ela começou como autodidata fazendo auto-retratos aos quatorze anos. Desde 2013, participa de diversos workshops sobre fotografia, design teatral, direção de arte e roteiro audiovisual. Também desde 2017, Shuli faz parte da comunidade fotográfica Women Photograph, e a partir de 2019 faz parte do Archivo X e trabalha como artista residente no Colectivo Careta, um espaço de criação para dissidências performáticas. O seu trabalho é uma janela para a sua verdadeira natureza, baseado na construção de diferentes percepções e narrativas sobre a identidade que emergem do seu próprio self e da sociedade e cultura em que vive. Nas suas imagens, cada elemento, como símbolos, cenas ou signos, são concebidos por meio de uma mistura de pesquisa e experimentação lúdica, abertos ao desafio da criação espontânea. O poder de mudança, a oportunidade dada pela arte de incorporar uma nova identidade ou persona sempre que necessário, é sempre um processo de liberação e alívio psicológico para pessoas trans como nós, que se reflete na fotografia de Julissa. Para criar suas fotografias, Julissa entende a fotografia como um meio com infinitas possibilidades para pessoas artistas plásticas, em que a encenação e a performance são parte fundamental da composição em seu processo criativo. A confecção de adereços e figurinos ou instalações efêmeras específicas são feitas como forma de imaginar uma imagem final. Além disso, o uso de ferramentas digitais para aprimorar seu trabalho é frequentemente outro elemento perturbador em suas fotografias; desta forma, Shuli combina realidade e fantasia desmascarando os diferentes níveis de ficção e documentário que podemos encontrar misturados em sua obra.





## S/ título

Fotografia digital  
Collab with artist Nea Apocalypta  
Ano: 2020



## Leonardo and Marsha

Fotografia digital  
Collab with artist  
Anne Leonardo  
Ano: 2019



## “Estar podrido”

Série Como quien dice  
Fotografia digital  
Collab with artist  
Lamixtura  
Ano: 2019

## Selfie-stick

Fotografia digital, instalação  
Ano: 2015

## Sky Seeds

Fotografia digital

Make up artist Gas Marichal (Lamixtura)

Ano: 2016

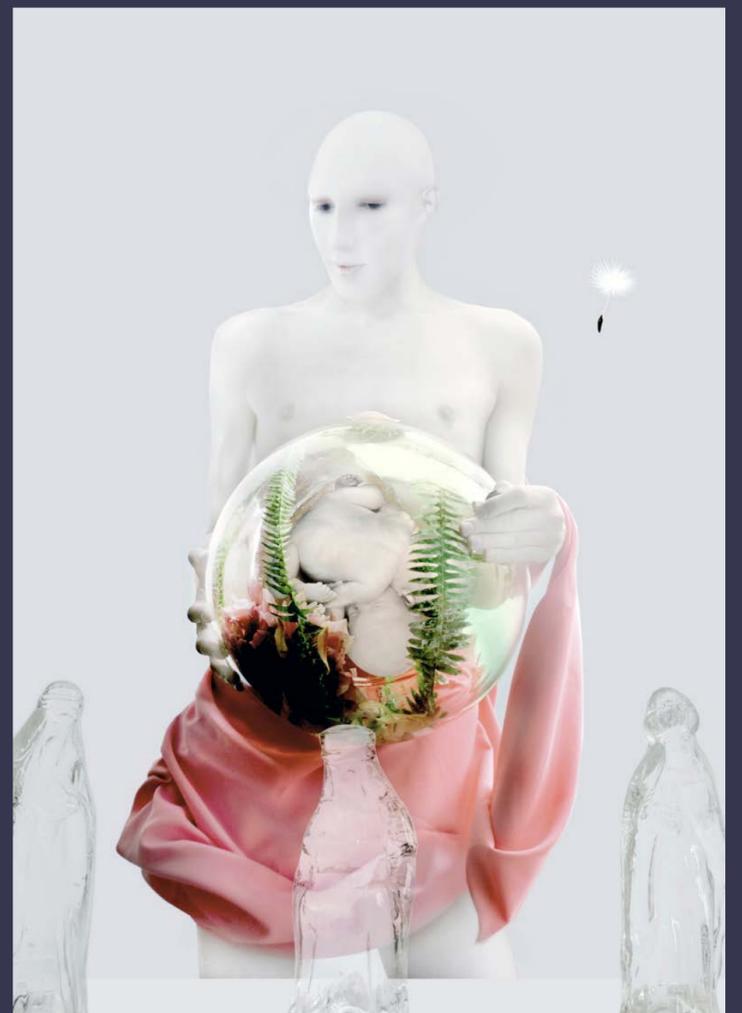


## Inner child

Fotografia digital

Auto-retrato

Ano: 2017





## **S/ título**

Fotografia digital

Tamanho: Papel A4 300g

Collab with artist Laescalanta

Ano: 2021

Uma janela para minha verdadeira natureza, a constante necessidade inconsciente de imortalizar minhas fantasias são expressas em meus retratos. Estes são criados como uma forma de explorar diferentes aspectos da construção da identidade dentro de narrativas que às vezes compreendem a visão de outras pessoas artistas performativas.

Em minhas imagens, cada elemento, como símbolos ou cenas, é concebido por meio de uma mistura de pesquisa e experimentação lúdica, aberta ao desafio da criação espontânea. O poder de mudança que vem com a forma; a oportunidade que a arte nos dá de incorporar uma nova persona sempre que necessário é sempre um processo libertador e psicologicamente aliviador.

Entendo a fotografia como um meio de infinitas possibilidades para as pessoas artistas visuais, em que a encenação e a performance são parte fundamental da composição no meu processo criativo. A confecção de adereços e figurinos, ou instalações efêmeras específicas, é feita como forma de imaginar uma imagem final. Também usar ferramentas digitais para aprimorar meu imaginário é freqüentemente outro elemento perturbador em meus retratos; assim, procuro combinar realidade e ilusão, desmascarando os diferentes níveis de ficção e documentário que coexistem em meu trabalho.

Anis Yaguar (1996) é artista, transmutante, performer e construtora de ficções visionárias. Graduanda em Artes Visuais pela UERJ, tendo passado por formações artísticas na EAV do Parque Lage, na Casa França-Brasil e no espaço Saracvra. Desenvolve seu trabalho transitando entre a performance, o audiovisual e a construção de próteses. Seu campo de pesquisa gira em torno de questionamentos dos discursos de gênero e suas as condições cárnicas, através da subversão de simbologias impositivas, buscando por formas de manipulação e transmutação da carne. Permeando entre seus processos transicionais, astrais e autogestativos.

Processos-dispositivos de dar continuidade à ativação da ideia de outras possibilidades de auto identificação. Ato de criar a sua própria forma – ou outras formas de preencher as lacunas – a partir da subversão dos documentos de registros civis, realocando a ideia de legitimação dos mesmos.

Ação-distribuição em massa dessa documentação vazia impressa como forma de implementar e naturalizar a ideia dos processos de retificação de nome e gênero, dentre outras.



## Retificação Construção de ficções visionárias

Manipulação Digital e ação de distribuição

Materiais: Carteira de Identidade e Certidão de Nascimento (Brasileiras) impressas em papel

Ano: 2019



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL  
REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS NATURAIS

# CERTIDÃO DE NASCIMENTO

NOME

MATRÍCULA

DATA DE NASCIMENTO POR EXTENSO

DIA

MES

ANO

HORA

MUNICÍPIO DE NASCIMENTO E UNIDADE DA FEDERAÇÃO

MUNICÍPIO DE REGISTRO E UNIDADE DA FEDERAÇÃO

LOCAL DE NASCIMENTO

SEXO

FILIAÇÃO

AVÓS

GÊMEO

NOME E MATRÍCULA DOS GÊMEOS

DATA DO REGISTRO POR EXTENSO

Nº DA DECLARAÇÃO DE NASCIDO VIVO

OBSERVAÇÕES / AVERBAÇÕES

O conteúdo da certidão é verdadeiro. Dou fé.

\_\_\_\_\_

corpos esquecidos.

## Visão

Ilustração

Tamanho: Papel A4 300g

Materiais: Caneta nanquim e caneta vermelha hidrográfica

Ano: 2019



Não vemos as coisas como são, mas como somos!

BRENO FALCÃO SILVA



## Tempo

Ilustração

Tamanho: Papel A4 300g

Materiais: Caneta nanquim

Ano: 2019

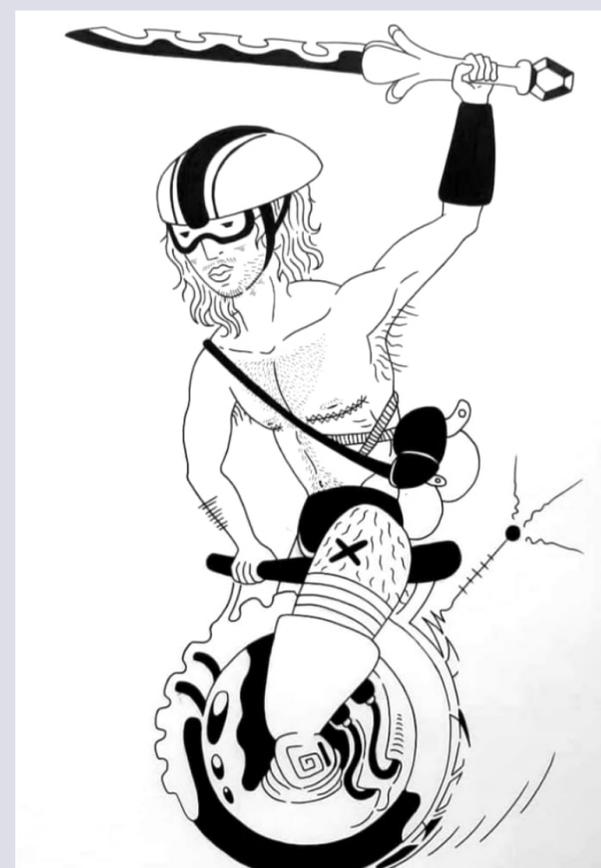
## Coragem

Ilustração

Tamanho: Papel A3 120g

Materiais: Caneta nanquim

Ano: 2021



Loren Minzú é pessoa nascida no território São Gonçalo, graduande em Artes na Universidade Federal Fluminense e atuante nas artes visuais, performance e cinema. Se move à disrupção dos sistemas simbólicos que constituem as ficções da matriz cis-colonial que instauram o capitalismo global, propondo diálogos com outras noções de corpo e tempo-espço. Atua como pesquisadore no campo dos saberes subalternizados dentro dos planos estéticos e políticos das relações pessoais e institucionais.



**Ensaio para um voo, estudo do caminhar Protótipos**

Manipulação em Fotografia Digital

Ano: 2020

Ensaio para um voo, estudo do caminhar é um experimento visual pela possibilidade de inventar para si espaços de liberdade a partir da fabulação.



**Tentativa de Comunicar o Trauma nº1**

Fotografia Digital

Material: Acoplages orgânicas e inorgânicas

Manipulação em Fotografia Digital

Ano: 2020

Tentativa de comunicar o Trauma nº1 é um exercício de mapeamento de memórias e tensões em meu corpo através de acoplages, realizado a partir de processos investigativos iniciados em uma imersão meditativa de observação corporal que durou 240 horas.



## **Cenas de Corpo e Segredo**

Vídeoarte em díptico

Manipulação em Fotografia Digital

Material: Fios de aço

Duração: 00:03:12 e 00:04:20 minutos

Ano: 2020



“Cenas de corpo e segredo” ficciona processos de autogestão que escapem aos campos burocráticos de identidade, propondo novos imaginários e estratégias de emancipação às corporalidades. Através do campo do segredo enquanto espaço de força política e recusa às realidades hegemônicas, se visibiliza a tessitura de outras maneiras de acontecer e relacionar.

Mogli Saura (1987). Brasileiro.

Pãe de matilha, performer, cantore, compositore, escritore, permacultore e instrutore de yoga.

Experimenta e investiga intervenções em espaços urbanos desde 2006, partindo das fronteiras arte e vida, loucura e crime - e suas relações categórico-estruturais envolvendo raça, gênero e classe.

Integrou o corpo de iniciativas coletivas como Coletivo Coiote, Anarcofunk, e NúcleodeCaos.

Iniciou-se na Dança Butoh em 2011, desde 2013 apresenta performances rituais e conduz vivências de Kaos Butoh.

Em 2017 começou a elaborar a noção de ecologia-interseccional no qual localiza em processo cartográfico praticas como permacultura, agroecologia e ecosofia como elemento base de diversos movimentos artísticos, anticapitalistas, marginalizados e dissidentes. Essa cartografia será lançada esse ano em seu primeiro livro chamado Modos Artísticos Em Intersecções Ecológicas: Eco-Monstruosidades Pelo Fim do Mundo-Humano, Entre Povos da Terra e Grupos Dissidentes.

Lançou em 2020 seu primeiro EP com o Anti-Projeto Anarco Fake.

Nômade, atualmente residindo em São Paulo.

Mogli Saura é artista experimental e independente.

Sua pesquisa enquanto artista tem como base a contracultura e a anti arte como referência orgânica.

Trabalha com as linguagens da Body art, Pós Pornô, música experimental e Performance Ritual, como eixos móveis de sua prática trans-indisciplinar.

Mogli desenvolve a escrita de modo cartográfico, compõe letras, toca instrumentos, canta, dança e performa.

Seu trabalho está voltado para os limiares que pretendem apartar a arte da via, e é justamente nas bordas e fronteiras que cria o sentido de seu fazer (anti)artístico.

Sua anti-arte trans-indisciplinar não é facilmente localizável.

Na Performance-Ritual, traz o aspecto cotidiano e corriqueiro como elemento fundamental a ser celebrado e dignificado, como algo que pode e deve ser tratado de modo poético e criativo –evidenciando toda a densidade política que comporta o real –, tratando de estetizar os (im)possíveis trajetos que precisamos percorrer, rumo a uma vida que prese pela potência do diferente, do dissidente, inventivo e combativo. Romper (e atravessar) as normas que regem o mundo normativo e sua violência (naturalizada nos gestos).

Na pós pornografia, evoca o inesperado, como por exemplo, apresentar-se com sua mãe em uma seção ritual de depilação, ao passo em que conversam temas íntimos abertamente com os confidentes (para não reduzi-los, simplesmente, a “publico” ou “plateia”).

No Butoh, faz do corpo um meio de descolonizar o espaço-tempo de modo catártico e não linear, desfazendo as leis que operaram a lógica do normal, do objetivo e funcional: assim, desfaz a (até então) consagrada humanidade e deforma, desforma e transforma (pela potência do inumano) o sentido.

Na escrita, cartografa acontecimentos singulares, situa a contracultura dos lugares por onde passou, e evidencia o potencial de uma ecologia (dissidente e interseccional) por vir.

Na música, faz a macumbaria que pretende dar a liga que levará suas elaborações aos sete cantos do planeta.



## **Raudal.**

Performance-Ritual em Kaos Butoh

Em sua práxis radical Kaos Butoh está conceituada como modo de vida, distante de ser definida somente como mais uma linguagem estética das artes cênicas, performáticas e de dança.

Está composta pela totalidade da existência e se apresenta de modo “formal” pela prática ritual-performática, assim como por escritos, sons, imagens...

**SEM DUVIDA É UM MOVIMENTO!**

Entendendo o Butoh como movimento que arrasta a vida em sua totalidade aberta ao devir, abarcando e desejando se afetar pelo desconhecido, o outro, o estrangeiro, o incompreensível e inominável - incluindo a morte como possibilidade de “uma outra vida” que está “fora” do que até então conceituamos e percebemos, tanto dentro das narrativas religiosas, que visam responder oficialmente a esse lugar limite da experiência humana, quanto da noção biopolítica e humanista de vida, que com sua razão do necessário e do básico impõe formas de vida, nivelando, convertendo em poder qualquer traço de diferença, e conseqüentemente matando tudo aquilo que está fora de sua lógica sendo assim considerado ilegítimo ou perigoso para a vida genérica - não há como sequer tentar entender a prática da Kaos como uma disciplina fechada, como mais uma linguagem artística, como mais uma vertente ocultista ou como uma ação política, somente.

Se o butoh arrasta tudo junto indiscriminadamente então não tem como as coisas ficarem em seu devido lugar.

Sumé Aguiar (1997) é artista, cineasta e transmutante. Desenvolve suas experimentações na performance e no audiovisual. Formada pela escola de arte e tecnologia Oi Kabum e graduanda em Cinema e Audiovisual pela UFF. Atualmente sua pesquisa se direciona na investigação do choque de sua corporeidade em relação aos espaços físicos e imateriais das construções coloniais. Partindo da Corpa, enquanto conceito de dissonância de estruturas organizadas de gênero, abrindo caminhos ao cuidado das subjetividades dissidentes e a manifestação de sua própria presença enquanto identidade trans e indígena em contexto urbano. Através do resgate de sua ancestralidade, trabalha a memória, a subversão de símbolos, formas de ser-estar e combater no campo civilizado e institucional.

## Ofertório

Fotoperformance  
Registro: Anis Yaguar  
Rio Mambucaba, RJ  
Setembro, 2020

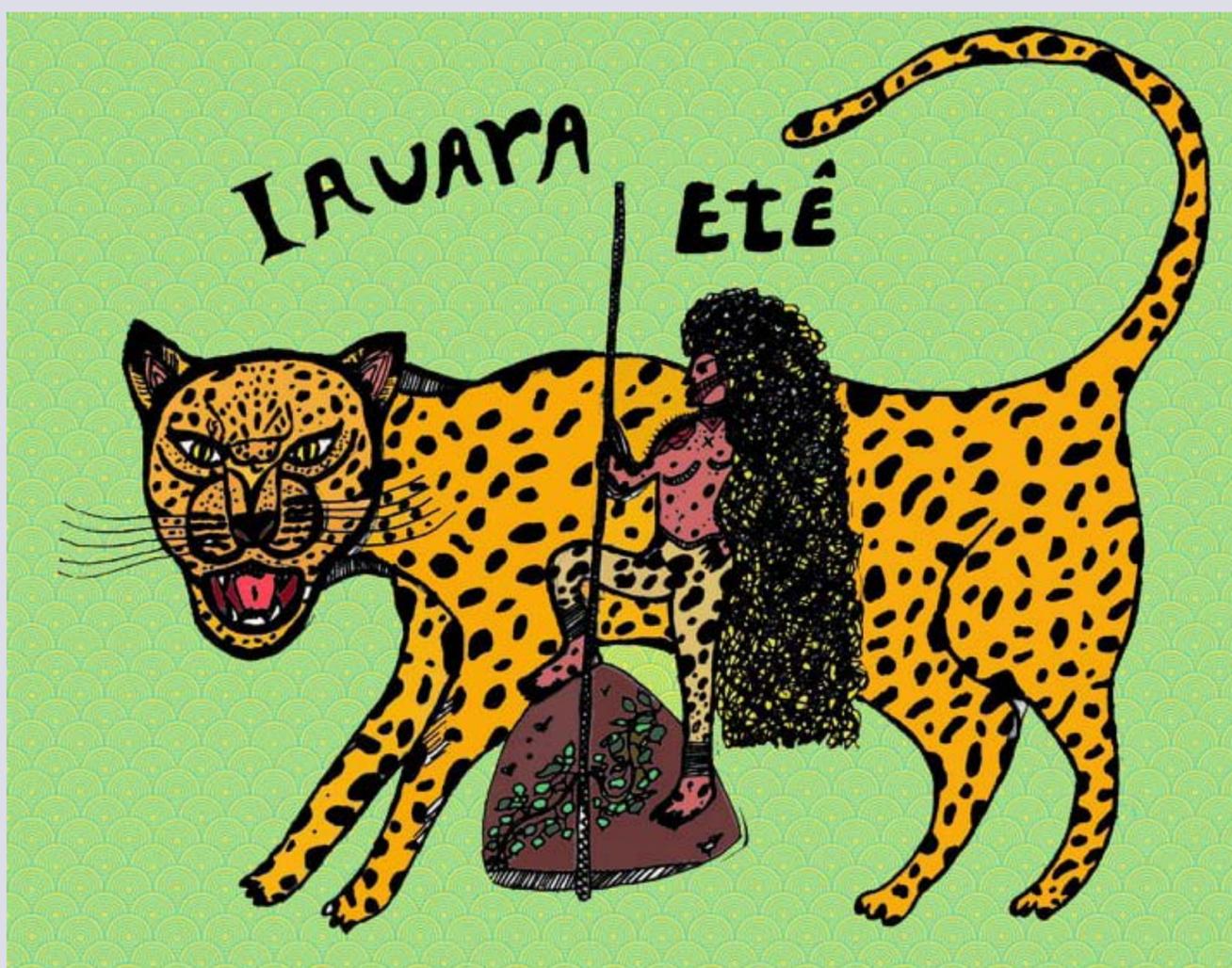




Minha cabeça comporta carne, matéria de vida, que se desenvolve em fluídas águas em tempos de calmaria e de trombas d'água. Me vejo ofertando esses peixes. Amarro-os em minha pele, sentindo as escamas a cortarem e a pressão dos corpos dificultarem a minha respiração. Permaneço imóvel até esquecer dos sentidos que residem em mim. Meu pescoço treme com o que ofereço, percebo que a carne quando fora do seu lugar, pesa e com tempo se

decompõe. O cheiro se intensifica a cada pássaro que se aproxima, em outras condições, eles já teriam os devorado, mas a quentura do meu corpo os afasta. Por mim eu nadaria em águas, não acredito na natureza dessa oferta, mas quando a maré tá baixa é difícil de se caminhar pela terra debaixo do rio, o chão gruda nos pés enquanto sinto minha boca seca pedindo pela cheia. Me acostumo em não ver pelos olhos, em sentir meus lábios racharem. O sol que senti em minha pele do lado direito, já sinto estar em cima de mim. Questiono o porquê da ação. Penso em como a cabeça, peixe e rio se relacionam de diferentes formas para cada corpo que os encontra. Sinto perder minha cabeça no rio e encontrar outras. Me vejo ofertando esses peixes. Tento achar formas de não precisar ofertar. Busco compreender a malícia em negociar. O cheiro se intensifica. Escuto cada vez mais presenças próximas a mim, elas questionam se minha natureza está viva ou morta. Me finjo de morta. Meu corpo continua quente. Permaneço imóvel até esquecer dos sentidos que residem em mim.

Xan Marçall atriz, arte-educadora, artista multilinguagem, professora de teatro. Sou uma Kaaboka Amazônida do Pará - Belém. Trabalho com a infância e a juventude na educação formal e não-formal desde 2006. Acredito que vivemos uma disputa de narrativas, e tenho defendido as narrativas históricas e contemporâneas desenvolvidas no Norte e Nordeste brasileiro, pensando que só aqui poderemos reinventar este território que conhecemos como Brasil. Meu trabalho poético e acadêmico tem se desenrolado em torno de temas como preservação e fomento a cultura dos diferentes povos da Amazônia. Ancestralidade KAABOKA na Amazônia brasileira. A intersecção AIDS HIV ARTES. Narrativas ancestrales dos povos ancestrales das Américas sobre a vida-morte-renascimento. A ancestralidade Travesty Trans na América Latina. Sendo uma artista que trabalha com os conceitos de IMAGEM e IMAGINÁRIO, acredito que a urgência da transformação do país em que vivemos é, sobretudo, a escavação e a reverberação das narrativas cujo imaginário residem fora do eixo Sul-Sudeste.



## Patuá/Iauara Etê

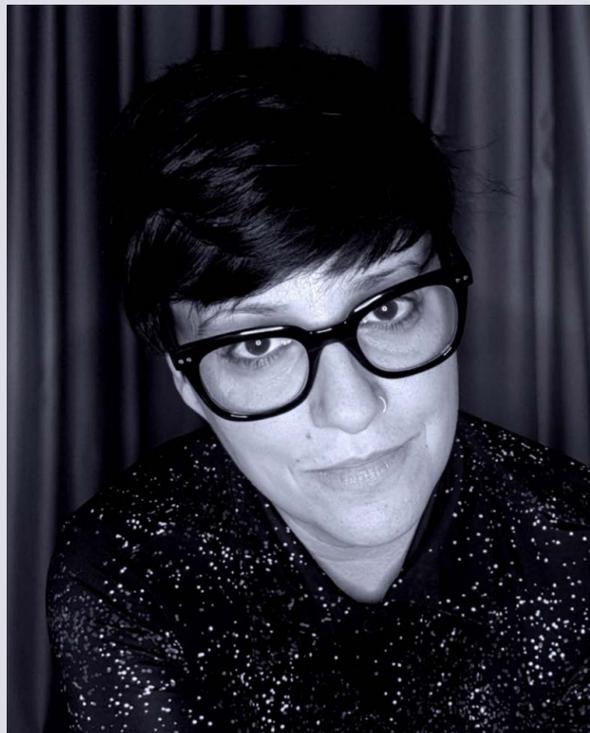
Ilustração | Tamanho: 744 x 558px | Materiais: Nankin e Arte Digital | Ano: 2020



### **Patuá/Rio Pará**

Ilustração | Tamanho: 960 x 720 px | Materiais: Nankin e Arte Digital | Ano: 2020

PATUÁS - IAUARA ETÊ e RIO PARÁ são desdobramentos de um trajeto intitulado KAABOKA, investigação poética e antropológica em torno da Ancestralidade TRAVESTIS na Amazônia. Assim IAUARA ETÊ E RIO PARÁ compõem a série de PATUÁS imagéticos, de cura e proteção. PATUÁS são amuletos encantados, são artefatos mágicos. Para proteger contra panema. Patuá nesta proposta poética é AVIVAMENTO, é um chamamento para a nossa força interior, Travesti Encantaria AMAZÔNICA, BRASILEIRA, SUL AMERICANA, LATINO AMERICANA, dos povos de Abya Yala.



Cristina Judar é natural de São Paulo, capital. Escreveu o romance Oito do sete, ganhador do Prêmio São Paulo de Literatura 2018 e finalista do Prêmio Jabuti do mesmo ano. Lançou o livro de contos Roteiros para uma vida curta (Menção Honrosa no Prêmio SESC de Literatura 2014) e as HQs Lina e Vermelho, Vivo. Coorganizou as antologias A resistência dos vaga-lumes e Pandemônio – nove narrativas entre São Paulo – Berlim.

Seu segundo romance, Elas marchavam sob o sol, foi publicado em abril de 2021. Cristina também integra a antologia CUÍER, composta por escritories do Brasil, lançada pela editora estaduniense Two Lines Press.

## SINFONIQUE

Existe um eu que em mim transita.

Nascido, todos os dias.

Não há como conter aquilo que é tanto em apenas um corpo.

Não há decomposição naquilo que vibra por toda a vida.

Da mesma forma que uma só cor não define aquilo que é prisma.

Não há X que me sirva ao preencher formulários que oferecem apenas duas opções.

Óstia alguma pode ocupar a minha língua.

Quais são os eus que me tornam individual?

Entre ser homem e mulher, a natureza me oferece uma sinfonia.

A natureza me preserva. A natureza é uma reserva. Sem fim, eu e a natureza.

Desconcerto visões fixas e edifícios de concreto.

Degenero palavras que delimitam territórios sem fronteiras.

Causo desconforto nesse mar de ondas que se friccionam ao qual chamamos de humanidade.

Muitas são as direções dos meus fluxos aquáticos.

Quando convulsiono nos movimentos crescentes do desencaixe social, monumentos de praças públicas, bancos e leis são fortemente abalados. Mas eu não me afogo. Minha mente é uma nave espacial operada por tecnologia desconhecida. Sou irmane dos polvos, amigo das libélulas, conselheira do neon da noite. Os gatos são os meus honoráveis sacerdotes; seus olhos, minhas lanternas. Em permanência fluida, risco, com ossos finos, o corpo do planeta: é necessário criar estradas para pés tidos como impossíveis de existir. O ar que eu respiro é real, assim como a música que, neste momento, sai dos meus pulmões. Às vezes sinto meu coração flutuar acima de minha cabeça. Ou como se ele estivesse encerrado em uma caixa blindada. Um minuto depois, reconheço-o dentro de mim, novamente. Me sinto parte da humanidade, então. E capaz de amar de formas diferentes. De me envolver em relações indefinidas, em graça e dor. Devo considerar que não é confortável ser: um punhado de areia, uma frequência no ar, a força que move o mundo, o significado da palavra eu

## **AGUARDENTE (OU FRUSTRAÇÃO)**

Uma pulsação em linhas graves de contrabaixo causou interferências nas minhas cheias, fez com que eu me sentisse em um fundo de mar de cores que não dava pra ver no escuro dominante, mas elas ditavam as frequências magnéticas, os interditos do lugar e suas respectivas pluralidades: eu estava em imersão na suntuosidade de uma catedral gótica e sentida.

A mim, foram trazidos por uma onda:

(1) o senso de inadequação; (2) a incapacidade de me expressar verbalmente (3) e/ou de estabelecer diálogos de ordem conciliadora.

Foi quando desaprendi a falar e a ouvir – agi como se pés tivessem prioridade às mãos – inconsciente dos meus contornos, de minha alma atonal, meus cabelos flutuantes em um tempo seco, águas moles em formas breves, sem capacitação qualquer.

Não houve resposta vinda do mar ou qualquer mensagem via whatsapp.

Quanto a mim, não sabia emitir sinais, fui atuante quando devia ter me calado, insisti atividades na hesitação, sem chama de calor e no total anonimato.

Na secura das areias, não ouve concha, pérola ou prêmio, mas aspereza.

Só a lembrança de uma íris que me pareceu aquática unicamente pela atuação do raio de um sol que, nela, resolveu pousar.

Não houve rito, não houve espaço, rota, continuidade, confluência. A morte conduziu o caminho, rareou o que já era estreito, fez de epopeias monossílabas - eu queria uma epifania de Florence and the Machine, mas tudo não passava de uma rapsódia de Brahms.

## **ESPELHADA NAS MARÉS**

Das primeiras imagens formadas naquelas águas, a mais forte lembrança: fios de cabelo que quase se fizeram passar por algas marinhas, mas que eram mesmo fios: vermelhas ondulações não de sangue, mas de fidelidade às próprias raízes e de, à verdade, devoção.

À mesma maneira, órgãos translúcidos formaram-se aos poucos: uma órbita ocular, depois duas, a tessitura de uma pele pálida: não da morte, mas da virgindade ali contida. Até que naquele mar de encosta brava e inconsciente, 25 anos depois, mulher inteira fosse feita - a oceânica, siamesa minha e ao mesmo tempo independente, ela emitia a linguagem das sereias-focas, mulheres travestidas de animal mitológico, do tipo que professa segredos seculares aos montes e de cor.

Em casos de medo ou de questionamento, eu sempre recorria ao mar para acessar essa minha parcela dupla, a diva espelhada nas marés que tanto se parecia comigo, à qual apelidei com meu nome próprio: Laura. Era incrível, a dona da íris verdejante transformava os enganos dos meus dias em fatos memoráveis, tantos eram os significados por ela revelados entre minhas pausas e palavras.

Até que no 27º ano levei a ela a notícia de um terceiro entre nós, indivíduo de minhas entranhas mas a mim parcialmente estranho, já que não havia sido feito com minhas sombras, muito menos com minhas palavras: ele era um substrato de nossa relação. Foi

quando vi Laura chorar naquelas águas, na primeira vez em que deixei de enxergar sua forma física, em um movimento inverso rumo ao desaparecimento aquático, até que ela se resumisse a uma tremulação de idas e vindas na maré composta pelo sal de suas lágrimas mescladas ao sal do mar.

Foi assim até que nada mais eu visse, embora ainda tentasse caçar na fluidez qualquer imagem identificável. Mas o dia desceu escuro e só me ofereceu torvelinhos sem luz. O mês desceu escuro. Os anos seguintes, igualmente. Hoje, no 35º ano, vivo com aquele terceiro que a fez chorar, fora o quarto, o quinto, até chegar a um décimo sexto filho. Todos expostos, em paredes opostas. Todos retratos de tinta antes líquida, condensada na reprodução de cada forma, de cada palavra-lenda entre a Laura oceânica e a Laura mundana. Os convites acabaram de ser enviados. A vernissage inaugural será na próxima terça-feira e eu mal posso esperar pela chegada desse momento. Adoraria que Laura estivesse aqui.

## **MENSAGEM NA GARRAFA**

Foi um mar que caiu sobre minha cabeça. Mais certo do que o céu que me cobria há duas décadas. Fugi, agora ondulante, então velejador. Distante, ao vento de um horizonte aberto. Abri mão da sensatez das linhas. Não seria mais filho-problema-sombra-despesa-não-programada-incômodo-genético-a-ser-desprogramado-em-colégio-católico. Passaria a ser onda partida – névoa – maresia – lenda – arrebentação – calmaria – escuridão das abissais.

Nessa minha nova condição, me dedicaria a atos que, se escritos, resultariam em grandes livros.

Engoliria garrafas com mensagens em papel para que alguém dentro de mim as lesse (em caso de necessidade). Nem peixe, nem homem, saltei, afundado e naufrago.

## **O CAMALEÃO**

46

Comprei sapatos brancos para me sentir um pouco David Bowie. Todo mundo já quis se sentir um pouco Bowie um dia. Embora,

nesse caso, não dê para ser pouco – tem que ser completo. Na vitrina da Oxford Street, encontrei, à venda, meu caminho para a androginia estelar, levado pra casa em uma caixa retangular de papelão.

Eu já havia comprado um terno azul e feito com que meus cabelos parecessem fogo de chama alta. Rebelde eu já era faz tempo, então faltavam apenas alguns cigarros finos e perfis meticulosamente refletidos em espelhos.

Pra ser Bowie, você precisa ser bom de perfil. Senão, nem adianta tentar. Pra mirar o firmamento primeiro, depois fechar os olhos e sustentar um sol sustentado com a decência de um Bowie não dá pra ser qualquer um. Tem que ter uma estrela guia, um belo salto plataforma, uma sombra jade muito bem aplicada nas pálpebras, já que um olho de cada cor ninguém vai conseguir ter mesmo.

Enxergar o mundo em duas cores faz total diferença em relação à criação artística de quem quer que seja. É um avançado exercício de estética favorecido pela biologia. Intervenção da mãe natureza nas leis da genética que beneficiam alguns poucos humanos e gatos. Coisa tão grandiosa que, já no Egito Antigo, conferiam aos híbridos de gato e humano o status de deidade, como Bastet. O que nos dias atuais estaria bem próximo à figura do herói. Em suma, eu queria ser Bowie. Apenas por uma vida.

## **UM CÉU DIFERENTE**

Um sol para pronta entrega. Ele chegou em uma caixa. Achei um despropósito um sol receber de presente um outro sol. Mesmo que tenha sido enviado com as melhores intenções. Eu já possuía meu próprio reinado. Meu firmamento e minha coroa.

Que fosse ao menos uma lua fria. Um meteoro. Até um asteróide de causar estragos em crostas terráqueas. Mas nada, era sol mesmo, o danado. Não parava de queimar. Em um fogo de entranha daqueles impossíveis de apagar. Era pequeno ainda. Um sol criança. Arrogante, como só os sóis sabem ser. Eu nunca tive a notícia de que sóis poderiam ser rejeitados. Daí o aceitei. Temerosa do que fazer com tamanho calor. Poderia ser o meu fim. Ou o começo. Acreditei na segunda opção.

Tornamo-nos, assim, dois sóis em um céu quieto, imagem presente em dez entre dez pesadelos da população encarcerada mundial – encarcerada, não carcerária, o que significa que donas de casa e homens de negócios podem fazer parte deste grupo. Para a humanidade, pode parecer que os astros siderais vivem em constante disputa de egos pela posição mais brilhante no céu, passível de evidenciar mesquinhas mundanas. Tudo bem que há uma certa petulância envolvida nisso tudo. Ainda não nasceu pessoa incapaz de se sentir diminuída diante de nós. Mas juro, não temos qualquer controle quanto à nossa monumentalidade. As coisas são assim porque já nasceram assim, muito antes de que o verbo fosse feito.

Hoje, ambos convivemos em perfeita suspensão indiscreta. Em um contínuo carnaval dos trópicos. Numa dupla apoteose de primeira divisão. E explodimos a todo instante. A carbonizar e a propagar ironias universais. O buraco negro engolirá a todos nós um dia? Sinceramente, duvido, enquanto planejo, na minha própria carne, uma tempestade capaz de interferir no funcionamento dos eletrodomésticos da Terra. De fundir com o HD externo dos humanos. De paralisar pra sempre a cafeteira italiana de muita gente. Viveremos assim por centenas de milhares de anos, até que não haja no universo qualquer resquício do que tenha sido uma cafeteira italiana ou HD externo. Esse tempo marcará a chegada do nosso terceiro, a constituição de nosso tríptico. Será quando enviaremos, a um sol de confim de galáxia, uma caixa. Dentro dela, um presentinho.

Ativista LGBTQIA+, Thiago 'Thia' Sguoti traz em sua produção artística, uma crítica ao sistema de imposições de gênero de nossa sociedade atual. Intercala performance, pintura, escultura e se apropria de um ser mitológico para representar suas ideologias em relação à beleza, sexualidade e identidade. A sereia dentro de muitas culturas, é um grande símbolo de estética feminina e sensualidade. Sua imagem já é um estereótipo enraizado no inconsciente coletivo das pessoas, assim como políticas assimilacionistas de gênero presentes até mesmo na comunidade LGBTQIA+. Sguoti confronta tais imposições ao desfigurar um ícone de beleza, visando causar estranheza e reflexão. Uma mulher com cabeça de peixe em um corpo humano, não é algo convencional de se esperar. A ideia de uma mulher metade peixe somente da cintura para baixo, assim como as expressões femininas e masculinas correspondentes aos ideais heteronormativos, já são padrões pré-estabelecidos. Busca provocar uma reflexão sobre o sistema binário que vivemos e como compreender melhor outras diferentes formas de existir além desse sistema.





## Sereia-me

Fotografia

Tríptico

Tamanho: 35 x 45 cm cada uma

Ano: 2017

Ao abdicar-se de alguns costumes estéticos estruturados por uma sociedade que dita o que é e não é belo, a liberdade e a identidade das pessoas são invalidadas e comprometidas por não se enquadrarem nestas normas. Neste tríptico fotográfico, a degradação

da figura da sereia faz alusão ao popular hábito social de “colocar as pessoas em caixas”. Em seu habitat natural, o artista caracterizado como uma sereia, representa sua livre forma de expressão, e ao ser transferido à uma banheira, perde os cabelos e o semblante alegre, condicionado à uma forma artificial de vida para uma criatura do mar.



## **O Nascimento de Vênus que se descobriu Marte Série Trans Seres**

Mista

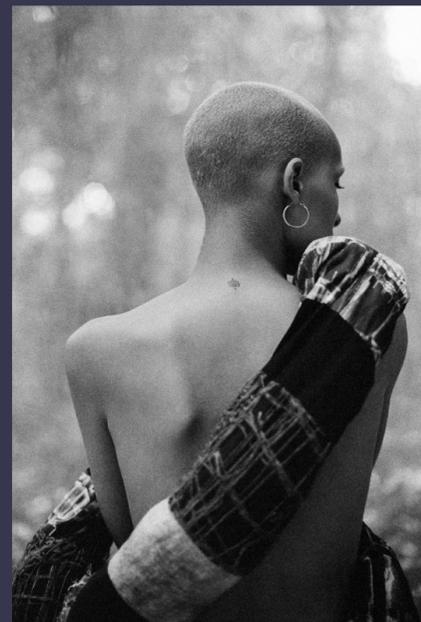
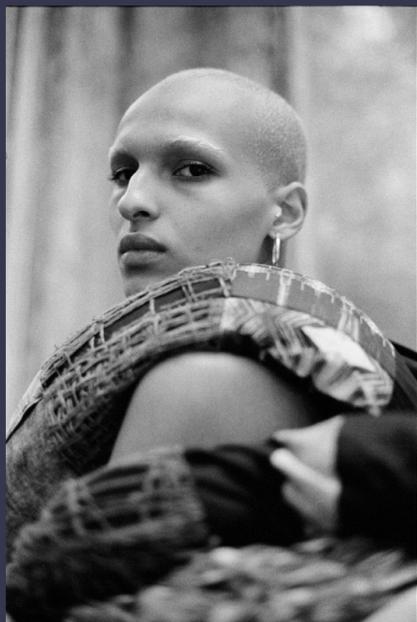
Tamanho: 42 x 29 cm

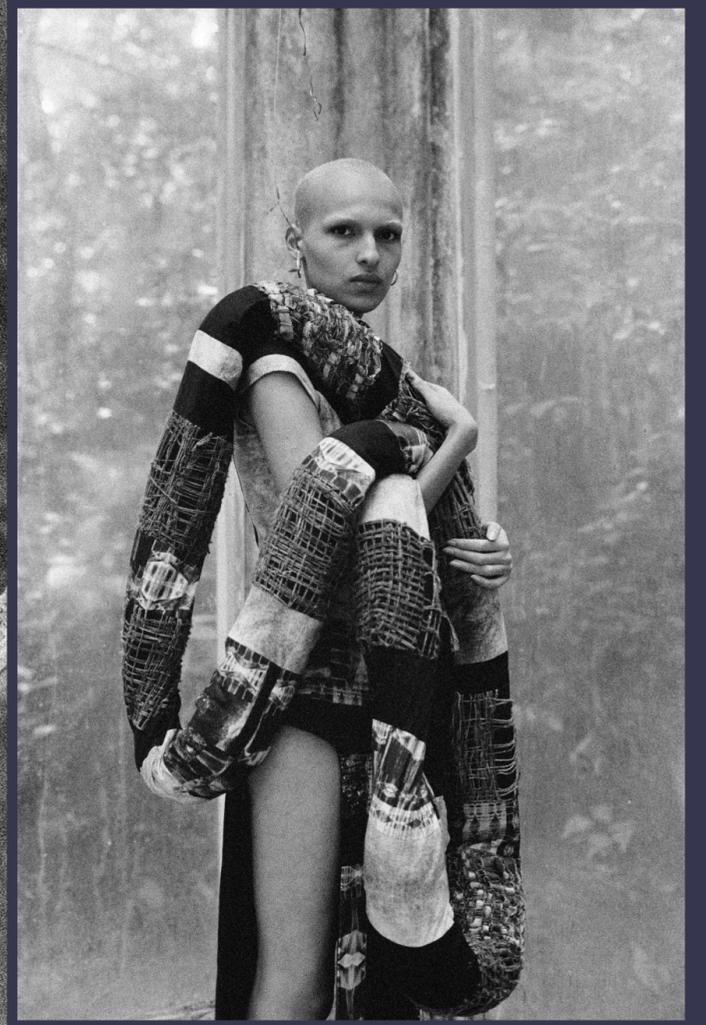
Materiais: Aquarela e papel espelho

Ano: 2020

Série de aquarelas que explora o místico e o sagrado, e os simbolismos que envolvem o peixe e suas ligações com divindades femininas como Afrodite, Iemanjá, Sheila-nagig, nereidas, entre outros. Todas essas figuras tem relação forte com a fertilidade, com a beleza e os sentimentos, elementos geralmente associadas ao feminino. A série tem uma sutil influência queer, quando retrato essas entidades fora de suas originais representações culturais. As aquarelas possuem áreas vazadas com uma superfície espelhada se revelando por trás, os espelhos representam o elemento água, presente em todas as figuras retratadas.

Ava se formou recentemente em Design de Moda e Modelagem em Paris, onde trabalhou nos últimos 3 anos. Nascida na pequena cidade de Nova Friburgo no estado do Rio de Janeiro, ela deveria se formar em Arquitetura e Urbanismo na capital - mas no meio desse percurso ela percebeu que a Moda iria satisfazer mais seus desejos pessoais. Essas experiências trouxeram luz ao seu magnetismo pelas possíveis formas de materialização, focando em ideias substanciais e atmosféricas ao invés de práticas baseadas puramente em formas e funcionalismo. Decidida a trabalhar na indústria da moda, Ava se mudou para São Paulo para iniciar os estudos. Nesse curto período, muitas experiências novas aconteceram em sua vida, principalmente relacionadas à exploração de possibilidades de seu gênero e performances corporais na maior capital brasileira. Isso mudou sua vida completamente, e mais tarde naquele ano Ava se mudou para Paris para continuar seus estudos em um lugar que era inesperadamente conservador e com uma comunidade trans muito menor e menos expressiva em comparação com o Brasil. Este contraste de culturas junto a gêneros híbridos confrontantes no dia-a-dia seriam então a sua principal inspiração. Suas coleções sempre foram feitas em sua maioria com tecidos sustentáveis, estoques mortos ou achados vintage. Assim como em sua experiência com a arquitetura, Ava fica mais emocionada com os materiais e possibilidades que eles podem oferecer. Por estes motivos, as áreas de Desenvolvimento Textil / Design Criativo / Design Gráfico são as suas principais áreas profissionais.







## EVA

Direção, produção e design: Ava Namen

Fotografia: Bruna Sussekind

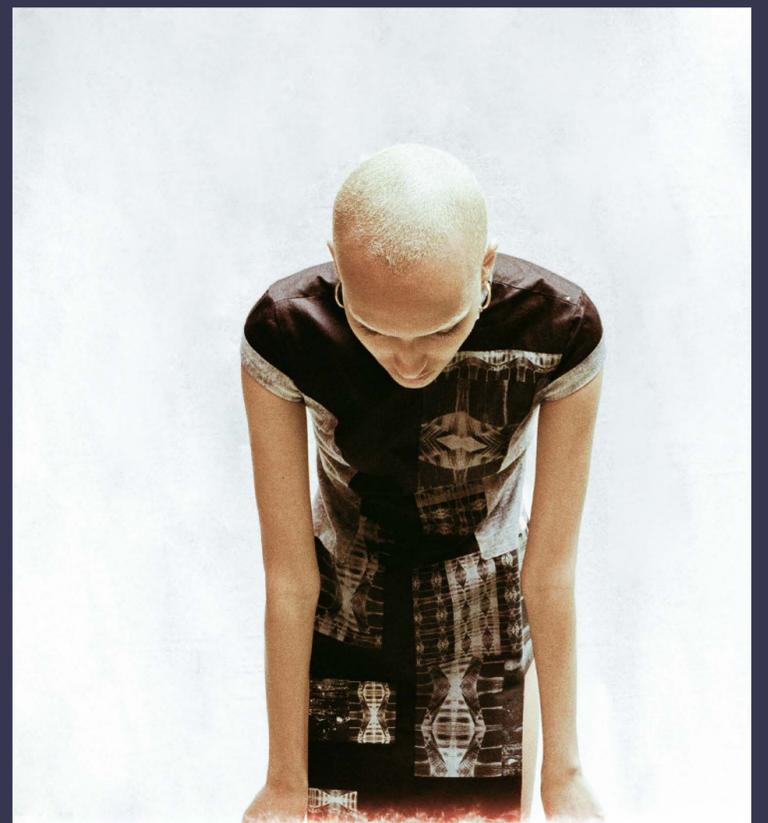
Modelo: Naja Canet

Material: Algodão acetinado e lã merino

Técnica: Fotografia analógica

Tamanho: 28,2 cm x 42,3 cm

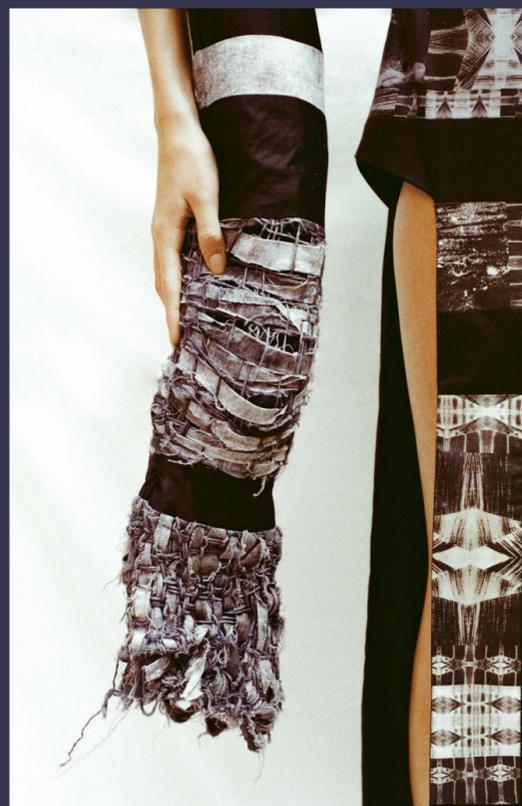
Ano: 2018



EVA

EVA foi o primeiro vestido que desenvolvi e costurei como projeto autoral. Seu processo começou quando minha transição de gênero foi ganhando novas intensidades de expressão, onde eu passei a buscar por referências de feminilidade enquanto criação. Foi como explorar nesse projeto parte de minha identidade a partir de Eva e da serpente que a seduziu, enquanto também uma provocação pelo confronto entre esses personagens bíblicos com referências que vão de Tunga a Madonna.

A figura feminina como a do réptil são um só corpo nesse trabalho, ambos símbolos de renovação e transformação como narrativa que inclui uma vestimenta. Através da destruição, Eva se recriou como uma nova espécie após ser envolvida pelo que lhe foi proibido e a partir de então mergulha em novos contrastes entre si mesma e o mundo. Assim como a pele que se descasca, a construção da roupa em algodão acetinado preto se fragmenta em cortes geométricos



que dão lugar a uma estampa – por sua vez criada a partir de processos químicos naturais e digitais. O vestido, que a princípio tem uma estrutura rígida, ganha um movimento orgânico junto ao longo acessório que inclui bolsos para celular que chamo de cobra. Nela, também há criações têxtis feitas em um tear 20x20cm por mais de 40 horas utilizando lã merino e algodão tingido, que em seu processo de fiação livre fazia entrelaçamentos que lembravam ondas e rastejos.

Junto as fortes sensibilidades da fotógrafa Bruna Sussekind e da modelo Naja Canet, esse trabalho que adentra processos pessoais a partir de uma narrativa universal foi traduzido enquanto registro analógico, fazendo dessas e outras questões parte da tecelagem de um ecossistema transmutável e (re)imaginário.

Travesti educadora, performer e pesquisadora em Artes Cênicas. Profa. do Centro de Formação em Artes e Comunicação (CFAC) da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), em Porto Seguro. Realiza estudos e obras artísticas de performance e iluminação cênica, perpassando por ações de crítica teatral, curadoria e pedagogia das artes. Em 2020 foi curadora da Encontro de Pedagogias da Teatra: afetividades do saber riscar e arriscar no Eixo Ações Pedagógicas da 7a Mostra Internacional de Teatro de São Paulo (MITsp).



## Tetagrafias

Performance

Criação, realização e produção  
fotográfica: Dodi Leal

Colaboração artística em Coimbra (PT):  
André Rosa

Registro fotográfico da realização em  
Coimbra (PT): Daniela Proença

A digitalidade das tetas postas ao manuseio intermediado pela performance é uma demonstração concreta do quadro maior em que novas tecnologias refazem constantemente o escopo dos processos de feitura artística na contemporaneidade e também do conceito cisgênero de humanidade. A hibridização de linguagens inerente ao tempo atual de convergência das mídias guarda, por sua vez, uma incrível semelhança com os corpos trans: se por

um lado os projetos criativos hoje são feitos cada vez mais para pertencer o cruzamento de variadas linguagens (e não apenas uma ou outra), os corpos trans não se contentam a pertencer a um ou a outro espaço; enquanto corpos trans, somos a resultante da ocupação híbrida de múltiplos espaços sociais. E também a experimentação da digitalidade como uma alteração do estatuto de humanidade cisgênera que não contempla os corpos trans. O deslocamento dos seios compoendo visualmente por áreas distintas aos seus locais tradicionais dá materialidade à uma. Aqui, coloca-se em xeque a noção hegemônica de transexualidade de que para ser trans é preciso realizar algum tipo de modificação corporal. A transgeneridade diz sobre processos subjetivos e sociais e sua expressão é fundamentalmente visual.

Maria do Rio Negro. 24 anos, Travesti, Ativista LBTQIAP+, Artista, Influenciadora e Figura Pública da Cidade de Manaus. Tem impacto social e cultural nacionalmente e internacionalmente através do seu Curta-Metragem Protagonizado e Roteirizado por ela: Maria, de Elen Linth, exibido em mais de 40 festivais e Mostras de Cinema, totalizando 10 premiações na carreira do Filme, também na Serie Documental Territórios, de Elen Linth exibidas em mais de 256 canais públicos de TV que evidencia sua participação social e artística na Cidade e na Serie Ficcional Transviar, de Elen Linth, Protagonizando uma Personagem Trans nas Televisões Brasileiras, onde realizou uma Consultoria Temática para Roteiros LGBT+. Atualmente em 2020-2021 está Protagonizando uma nova produção Manaus Hot City, de Rafael Ramos, exibido em 6 festivais de cinema e premiado no CINE PE 2020 pelo Canal Brasil como Melhor Curta: Premio de Aquisição. Todas suas produções cinematográficas refletem sobre a comunidade LGBT+. Atualmente trabalha desenvolvendo Roteiros nas mais diversos mercados da comunicação: Dandariando (PODCAST-2020-2021), Musica do Norte (PROGRAMA DE TV - 2020-2021), Alexandrina, um Relampago (CINEMA - 2021), Recabanos (HQ-2021), Direito a Memoria (MULTIMIDIA-2020), Contos de Vida e Norte (WEBSERIE-2019), 21 Dias de Ativismo Contra o Racismo (CAMPANHA SOCIAL E EDUCATIVA-2019), Serie Transviar (SERIE FICCIONAL-2019) Serie Territórios (SERIE DOCUMENTAL-2019), Maria (CINEMA-2017). Desenvolvendo Novos Roteiros para as empresas Picolé da Massa Produções, Coletivo Cumbuca, Pedra de Fogo Produções e Rio Negro Agencia de Roteiro. Criou a WebSerie Contos de Vida e Norte em parceria com a SaferNet Brasil, Google Brasil e UNICEF. Desenvolve a Assessoria de Comunicação de Artistas e Roteiros para Shows na Produtora Musical Pedra de Fogo. É multiartista, percussionista, porta-estandarte, atriz de teatro e cinema, performer, dançarina afro-brasileira, folclórica e caribenha, estudante de Produção Folclórica, estudante de Cinema, estudante de Comunicação, estudante de Pedagogia pela Universidade Federal do Amazonas, sendo precursora do Nome Social para pessoas trans e travestis na Universidade e no Estado e Educadora de Pares em Direitos Reprodutivos e Sexuais. Atua no Terceiro Setor nas áreas da Educação, Cinema e Comunicação com foco na população LBTQIAP+, população negra e população TRANS+.



## Rio Tapajós Série Rios

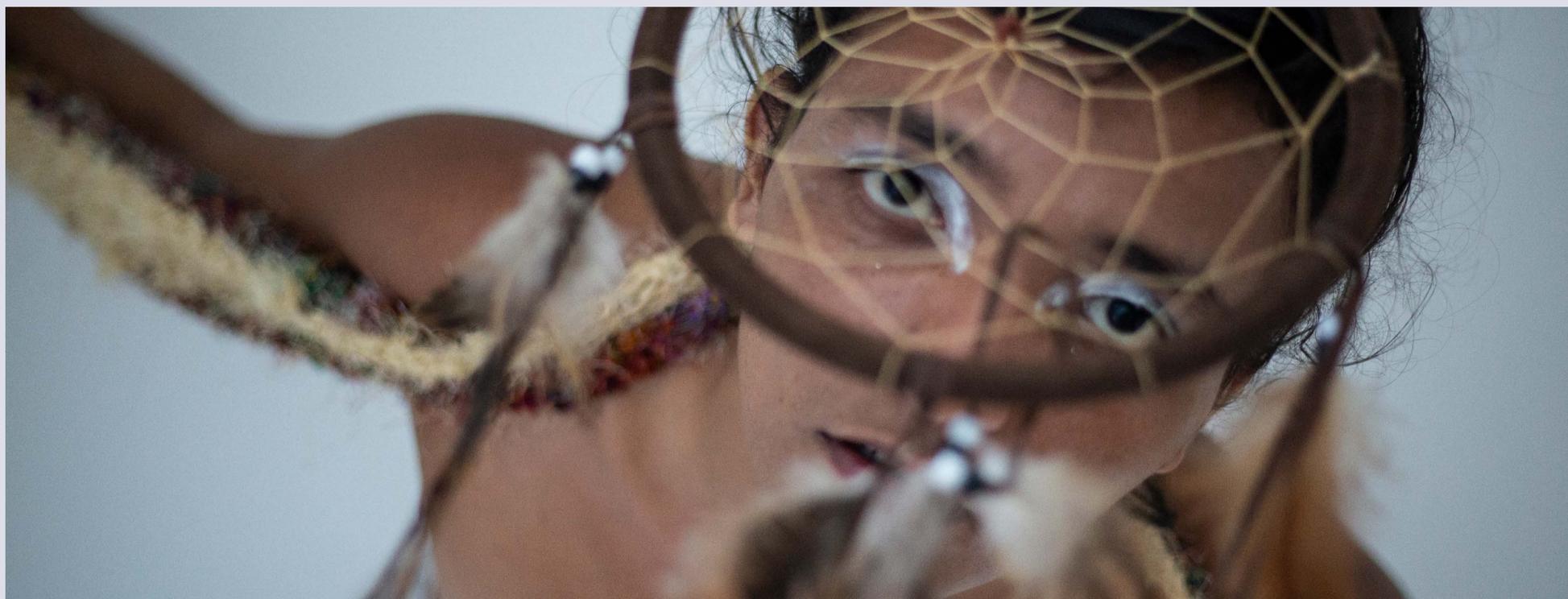
Fotografia e Fotoperformance  
Tamanho: 1334 x 752 pixels  
Ano: 2018

Rio Tapajós é o primeiro ensaio performático da Série Rios, uma série de ações performáticas nos Rios da Amazônia, buscando captar e transportar a energia das águas para o desenvolvimento da intimidade humana com a natureza e com os fenômenos naturais, assim, a artista utiliza água como suporte de imaginação e dos prazeres dos banhos. Para a artista, sua intervenção performática também é um ritual de oferenda a Oxum, divindade da cultura afro-brasileira e para Yara, divindade da cultura

indígena brasileira, associadas às águas dos rios. No imaginário local da sua cidade, as águas transbordam as significações e simbologias no universo cultural do ser humano na crença de que no fundo do rio existem seres encantados que protegem a natureza e elevam nossa intimidade.

...como dizia um velho pescador: nem tudo o que existe aparece. Há coisas que existem, mas só aparecem quando querem aparecer. Quando nosso sentimento merece. Certas coisas existem dentro do rio, assim como as que existem dentro da gente. Elas passam o seu encantamento pra nós. Porque no fundo do rio há tudo o que a gente imagina. Mas a gente tem que merecer ver. Se encantar, também, para poder ver... (PAES LOUREIRO, 2011, p. 332).

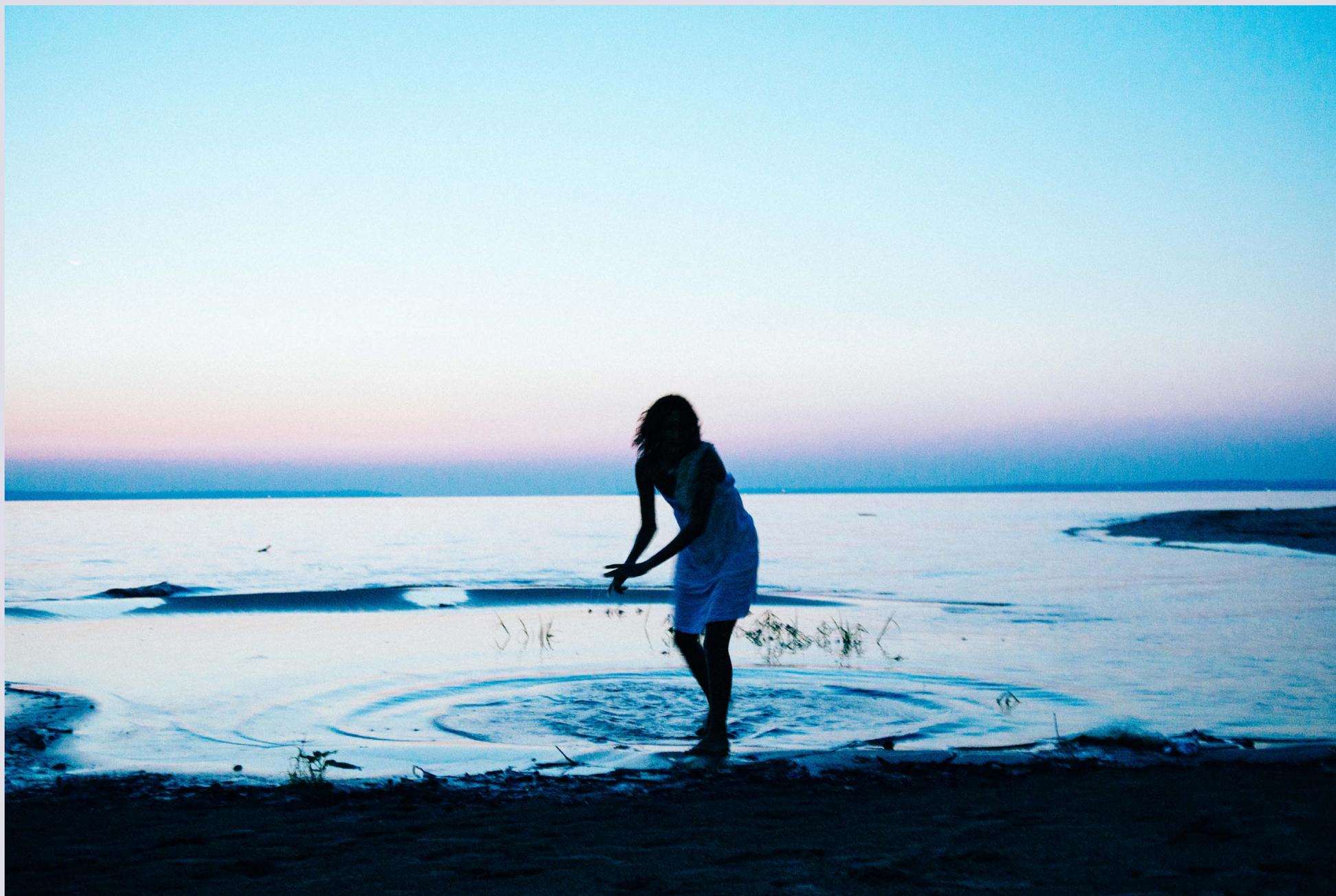
O rio Tapajós é um rio que nasce no estado do Mato Grosso, banha parte do estado do Pará e deságua no rio Amazonas, ainda no estado do Pará, em frente à cidade de Santarém a cerca de 695 quilômetros de Belém. A ação performática foi realizada na Ilha do Amor, Alter do Chão-Pará.



## A queda do céu

Fotografia e Fotoperformance  
Tamanho: 5472 x 3648 pixels  
Ano: 2018

A Queda do Céu é um ensaio performático que apresenta o corpo como estética cultural da comunidade LGBTQIAP+ urbano-rural na cidade de Manaus, combinando elementos da fantasia, da arte indígena brasileira e realismo mágico com cosmologias não-ocidentais para criticar não só os dilemas atuais dos negros e indígenas, mas também para revisar, interrogar e reexaminar os eventos históricos do passado.



## Rio Negro Série Rios

Fotografia e Fotoperformance  
Tamanho: 4800 x 3200 pixels  
Ano: 2019

Rio Negro é o segundo ensaio performático da Série Rios, uma série de ações performáticas nos Rios da Amazônia, buscando captar e transportar a energia das águas para o desenvolvimento da intimidade humana com a natureza e com os fenômenos naturais, assim, a artista utiliza água como suporte de imaginação e dos prazeres dos banhos. Para a artista, sua intervenção performática também é um ritual de oferenda a Oxum, divindade da cultura afro-brasileira e para Yara, divindade da cultura indígena brasileira, associadas às águas dos rios. No imaginário local da sua cidade, as águas transbordam as significações e simbologias no universo cultural do ser humano na crença de que no fundo do rio existem seres encantados que protegem a natureza e elevam nossa intimidade.

...como dizia um velho pescador: nem tudo o que existe aparece. Há coisas que existem, mas só aparecem quando querem aparecer. Quando nosso sentimento

merece. Certas coisas existem dentro do rio, assim como as que existem dentro da gente. Elas passam o seu encantamento pra nós. Porque no fundo do rio há tudo o que a gente imagina. Mas a gente tem que merecer ver. Se encantar, também, para poder ver... (PAES LOUREIRO, 2011, p. 332).



Nascido e crescido em Corumbá - Mato Grosso do Sul, região do Alto Pantanal, divisa com a Bolívia e o Paraguai. Artista autodidata, historiador, educador e produtor cultural. Pesquiso Artes em suas multilinguagens, Corpo, Gênero e Sexualidade, sob a ótica decolonial-transdisciplinar. Busco através da memória e do esquecimento produzir minha existência, dar o meu nome. A arte surgiu como mecanismo de sobrevivência e desde então estudo à mim mesmo. Fui membro fundador da Companhia Translúcidas de Teatro em 2016, além de integrar o coletivo que okupou um prédio abandonado, o Canto do MARL (Movimento dos Artistas de Rua de Londrina, Paraná) até 2018. Nesse mesmo ano me mudei para Salvador- Bahia e continuo de forma autônoma meu trabalho iniciado no Paraná. Atualmente faço parte do Coletivo das Liliths, agrupamento de arte feita por pessoas LGBTQIA+.

### S/ título

Pintura e Colagem

Tamanho: 176 cm x 96 cm

Materiais: terra, búzios, pedras, ossos, plantas, sementes, papelão, papel, hélice, moedas antigas, chaves.

Registro: Diogo Andrade

Ano: 2020

A enunciação desse painel paira sobre o meu não saber. A minha angústia primordial.

O painel é uma ação de colocar minha voz. Um grito. Entendendo o corpo-encruzilhada, vejo essa obra Sem título enquanto uma extensão de mim, dessa memória-esquecimento e desse lugar. A arte que venho fazendo nos últimos anos, é o meu corpo e meu corpo é essa arte. São todas as minhas insurgências. A obra é uma invocação e uma anúncio, e também um vislumbre do que é possível assentar nesse mundo onde a justiça é impossível, parafraseando Jota Mombaça.

A ruptura começa com a reutilização de matérias primas, como a terra, búzios, sementes de abóbora, melão, caju, pimentão e abacate, pedras, ossos, plantas, e outros. Participar e perceber como essas matérias se degradam, os mofos, insetos, o sol, o encolher. O colher das peças na rua. O uso do papelão, papel, da hélice, moedas antigas, chaves e outros objetos considerados lixos,

fazem parte do processo de criação da obra. O CéuCabeça é coroado por folhas de peregum, palmeira e a palha de milho. Comida ancestral. Os restos, eu trabalho com o resto. Resto que é fim e é começo.

Ao todo foram 6 meses, desde a primeira passada de tinta até o quase-fim. Quase-fim pois entendo a obra não como permanente, mas sim algo em transformação.

Foi aqui em Salvador que o sentimento de incompletude se tornou abismal. Nunca entendi, mas aqui a busca por minha origem se tornou urgente. Ao que é permitido descobrir, no Pantanal minhas raízes são Terena ou Kadiwéu. As memórias familiares e muitas pesquisas apontam para isso. O não saber é reflexo do que a história branca encarregou-se de apagar. Não tenho certezas, carregadas. O vazio ainda existe, talvez até o fim. Após o fim, engolide pela TerraCéu, serei enfim.

A obra fala da minha cosmovisão, que é afetada diretamente pelas memórias Yanomami de Davi Kopenawa e por tantos chãos que pisei ao longo de minha própria história. Assim como as lembranças que carregam cada uma das peças. Essa cosmovisão é feita de terra, das cheias do rio, dos sons, do cheiro e da cor de sua água, barro. Não quero definir a obra. Não é esse o objetivo. O que posso dizer é que mostro o meu corpo material e imaterial.



Lino Arruda é pesquisador, artista e quadrinista transmasculino. Dentre suas publicações independentes em quadrinhos se destacam os zines “Sapatoons Queerdrinhos”, “Quimer(d)a: Quadrinhos Dissidentes Antiespecistas”, “Anomalina na Heterolândia” e “Novo Corte de Peitos”. Atualmente, com o apoio financeiro do Itaú Rumos, desenvolve a graphic novel autobiográfica “Monstrans: experimentando horrormônios”, que será publicada em 2021. Ademais, Lino é bacharel em artes visuais pela UNICAMP e pela Universidad Politecnica de Valencia (Espanha), mestre em história da arte pela USP (FAPESP) e doutor em Literatura pela UFSC / University of Arizona (CAPES/FULBRIGHT), onde desenvolveu sua tese sobre autorrepresentação travesti/trans\* em zines latino-americanos.

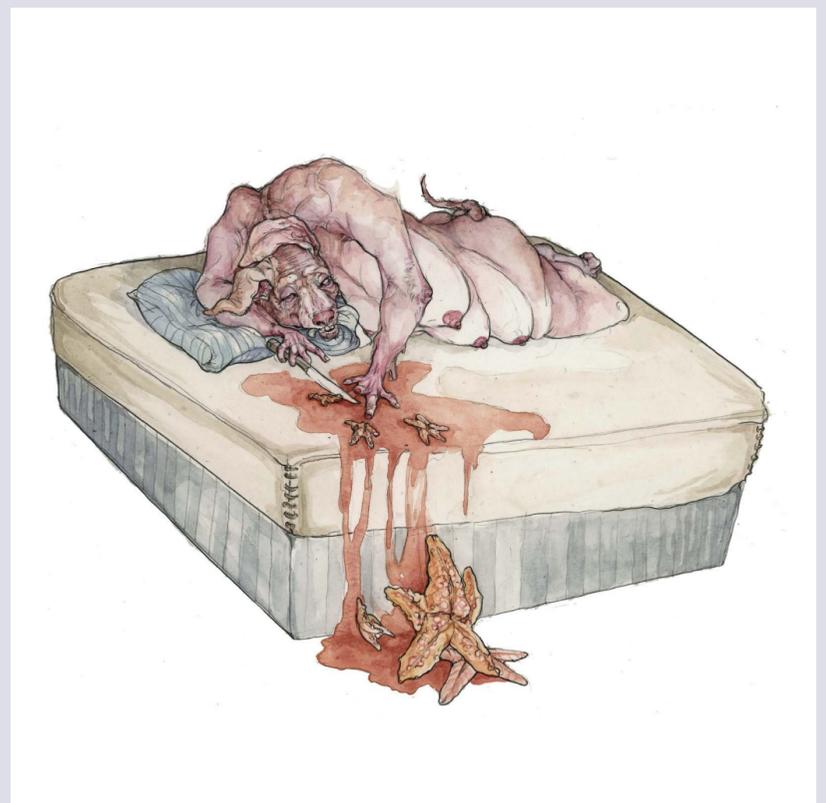


## **S/ título**

Desenho sobre papel/  
Aquarela sobre papel  
Tamanho: 4724 x 4724 pixels  
Ano: 2021

## **S/ título**

Desenho sobre papel/  
Aquarela sobre papel  
Tamanho: 5656 x 4593 pixels  
Ano: 2020





**S/ título**

Desenho sobre papel/Aquarela sobre papel

Tamanho: 3060 x 2847 pixels

Ano: 2020

Faço arte desde que me entendo por gente e me entendo por gente fazendo arte. Tenho 21, soterapolitane, do litoral, do nordeste, Tenho anemia falciforme, muita dor e muita luta. Sapatransviade, pessoa trans não binária e prete. Escrevo, pinto e pesquiso sobre mim, minha subjetividade, minha relação comigo e meu corpo e minha identidade, minhas comunidades, seguindo os passos das escrituras de Conceição Evaristo, escrevo e faço arte sobre realidades não-binárias e pretas, Sobre subjetividade, afetividade, sobre acúrlombamento, sobre a importância do afeto entre pessoas negras, entre pessoas trans, entre pessoas não-binárias, acreditando numa arte político-afetiva como forma de resistência. Assim, sou graduande no Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades, na Universidade Federal da Bahia (IHAC/UFBA). Alinho minhas artes às minhas pesquisas e estudos na Linha de Lesbianidades, Interseccionalidades e feminismos (LIF) e na linha de Estudos Trans, Travestis e Intersexo (TTI) ambas pertencente ao Núcleo de Pesquisa e Extensão em Culturas, Gêneros e Sexualidades (NUCUS), procurando sempre romper, transpor e derrubar as barreiras impostas pelo academicismo (cis)temático.



### **Loba e Mandu**

Ilustração

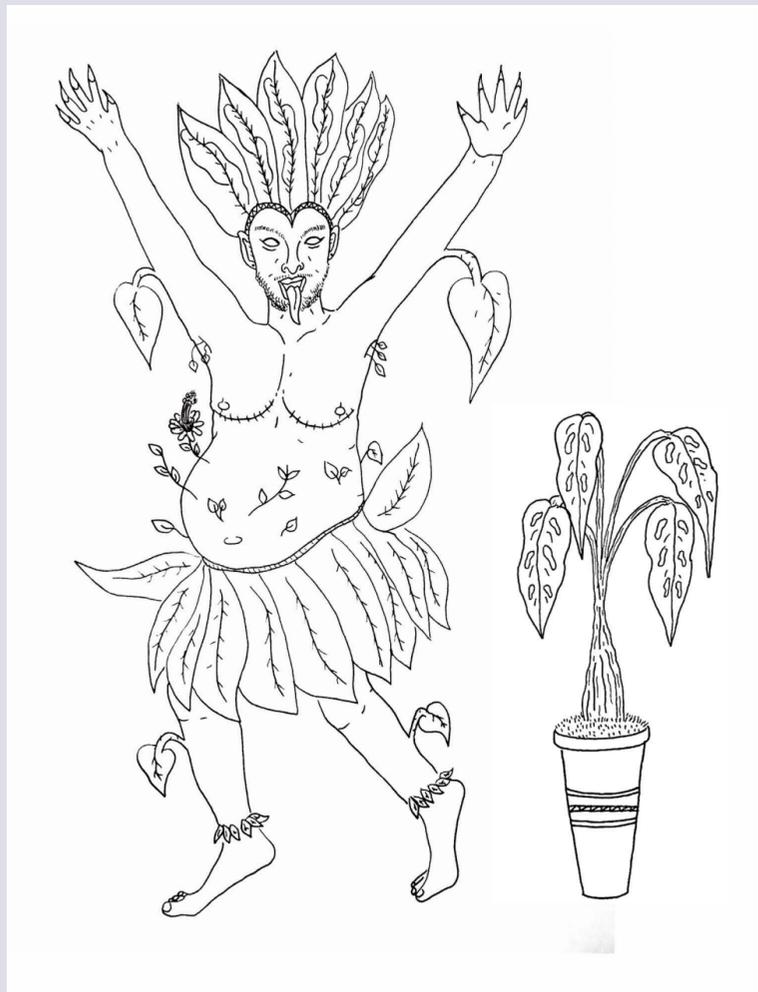
Tamanho: 1366 x 728 pixels

Materiais: Arte Digital

Ano: 2020

Fanart do desenho Kipo and the Age of Wonderbeasts (pode ser traduzido aqui no Brasil como Kipo e as Criaturas Incríveis ou Kipo e os Animonstros) que se passa numa terra pós-apocalíptica em que os animais são mutantes, podendo ser gigantes, imortais, e que majoritariamente falam. É um desenho incrível, com a maioria dos personagens pretos e não-brancos e acredito que a primeira animação a ter um personagem se afirmando LGBT, falando que é. No desenho, duas personagens, Mandu, a porquinha mutante e Loba, guerreira da superfície, uma reprodução do logo da Dreamworks.

Beijamim Aragão, Artista Visual e Produtor audiovisual. As Ilustrações são referências das relações de afetividade com meu corpo e o mundo ao redor, marcadas pelas memórias da minha infância e do cotidiano com meu corpo transmasculino, além da construção zoomórfica do fantástico, do que é periférico, com a naturalização dos diferentes tipos de corpos.



### **Acordos universais**

Desenho sobre papel / Arte digital

Tamanho: 2480 x 3508 pixels

Ano: 2020

Apesar do forte balanço que me consomem os desejos na intenção da visita ao passado, muitas vezes embarco no futuro, em campos desconhecidos da visão, me reconstruindo em novos fragmentos impossíveis de ler em um planeta terra.



### **Memória enfeitando os detalhes**

Desenho sobre papel / Arte Digital

Tamanho: 902 x 1280 pixels

Ano: 2020

Eu fui Beija até uns 10. Depois disso tive medo de falar as coisas que via e ouvia por medo de ser repreendido, ou chamado de louco, esquisito. Descobri q sou um pássaro com medo da queda. Andei com os pés descalços, e com o tempo foram ficando tortos, grandes e esquisitos.

Tinha um pé de Cajá no quintal e um chão de terra batida boa demais, pois era fria e úmida. As tardes na árvore sombreira, com cheiro de planta molhada, foi onde consegui os primeiros vôos sozinho. O período mais quente do ano me lembra essa casa, as ripas de carnaúba e o cheiro de mato.

Sladká Meduza é realizadora audiovisual, nos últimos anos tem realizado uma série de vídeos autorais, utilizando o audiovisual e a performance como ferramentas de diálogo para desconstrução e reconstrução do seu próprio corpo. Também presta serviço para produções tele cinematográficas e publicitárias como diretora de fotografia, operadora de câmera e montadora etc.



**TRANSESPÉCIE**  
Vídeo



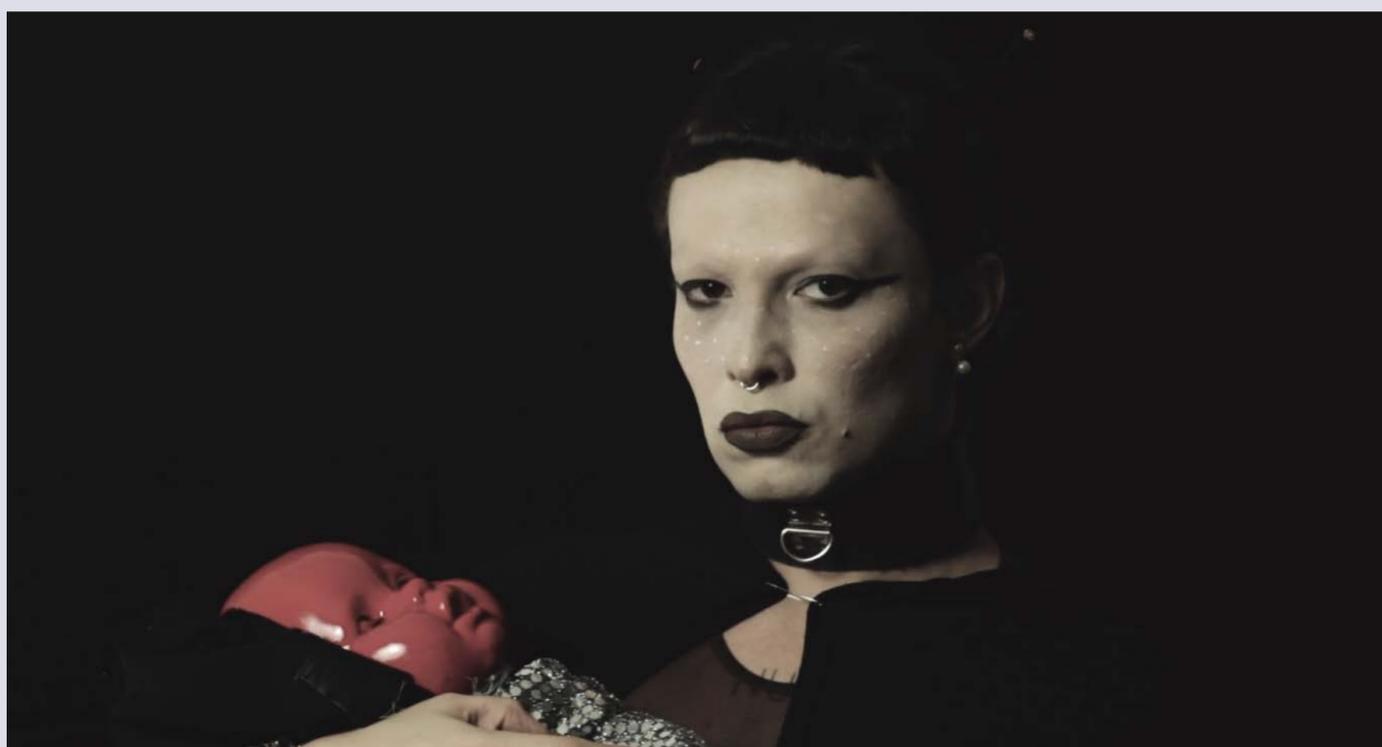
**ALOMORFIA**  
Vídeo





## la nuit de vampirisation de trois travestis posttransex

Vídeo



## venuSARTdee

Vídeo

nullmove é um sistema de signos e significados que utiliza o audiovisual e a performance como ferramentas de diálogo para desconstrução e reconstrução de algum corpo. Utiliza da ficção realista sci-fi documental e da magika, cerimonial, prática e caótica para ironizar o tempo vivido como o fim de uma era que nunca existiu, considerando que a montagem das artes tem como principal método um objeto nulo de consumo. Esse sistema de signos acredita que revolucionar é reverter a ordem de poder vigente, revertê-la ao ponto de destituir até mesmo o poder como norma. Assim se faz necessário desconsiderar a binariedade das coisas, pois se tudo só existe pelo oposto o caos se estabelece. Aceitar que as coisas podem não ser somente binárias e muitas vezes não terem um oposto é conhecer a harmonia. Entretanto, e por via de regra esse sistema de signos habita o caos e o aceita como uma deidade, mas a iluminação da grande obra fez com que esse sistema se encontre na harmonia das infinitas possibilidades e assim como um objeto nulo se propagara! F.:F.: 999



### Cateto

Linóleogravura

Tamanho: 21 cm x 30 cm

Ano: 2017

Nesta gravura, as linhas e os espaços formam uma composição que está numa linha tênue entre o figurativo e o abstrato. No meio encontra-se uma figura complexa de decifrar. Muitos conseguem visualizar algo concreto, mas a maioria perde-se ou encontra-se na ambiguidade da obra, chamada “Cateto”. Consegue decifrar?

Poppy Hoogesteijn Carpio (Valencia, Venezuela, 1998). Multiartista, atua em diversas linguagens, com ênfase no desenho, pintura e a arte digital. O seu fazer artístico funciona como meio de expressão e comunicação consigo e com o mundo. Tem como interesse em seus trabalhos representar o universo vasto do gênero que não se implica somente ao feminino e ao masculino, ou ao corpo feminino e masculino como os conhecemos, mostrando o gênero que não é fixo, pessoas que transgridem ou não se inserem na binariedade de gênero.



## **A Venezuelan Born-Seattle Native. A Mother Fucker**

Linóleogravura

Tamanho: 21 cm x 30 cm

Ano: 2017

Yva Las Vegas, cantora venezuelana que mora nos Estados Unidos, encontra-se à frente nesta obra que mistura a realidade e o sonho. Ela está em companhia de Diablos del Yare, e outros personagens fantasiados que, na cultura venezuelana saem às ruas em procissões durante a época de Corpus Christi para elucidar a luta entre o bem e mal.



## Formiga Zumbi

Xilogravura

Tamanho: 21 cm x 30 cm

Ano: 2017

O fungo *Ophiocordyceps* infesta seres e os transforma em espécies de zumbis. Eles infestam o hospedeiro, e se protuberam na parte de cima do animal, controlando-o e levando-o a locais mais altos, locais melhores para a reprodução do fungo.

A morte se alimenta da vida e a vida se alimenta da morte. Elas dependem uma da outra para criar-se e recriar-se, num ciclo sem fim.



## coçumelos na mente

Escultura em cerâmica

Tamanho: 7 cm x 11 cm

Ano: 2018

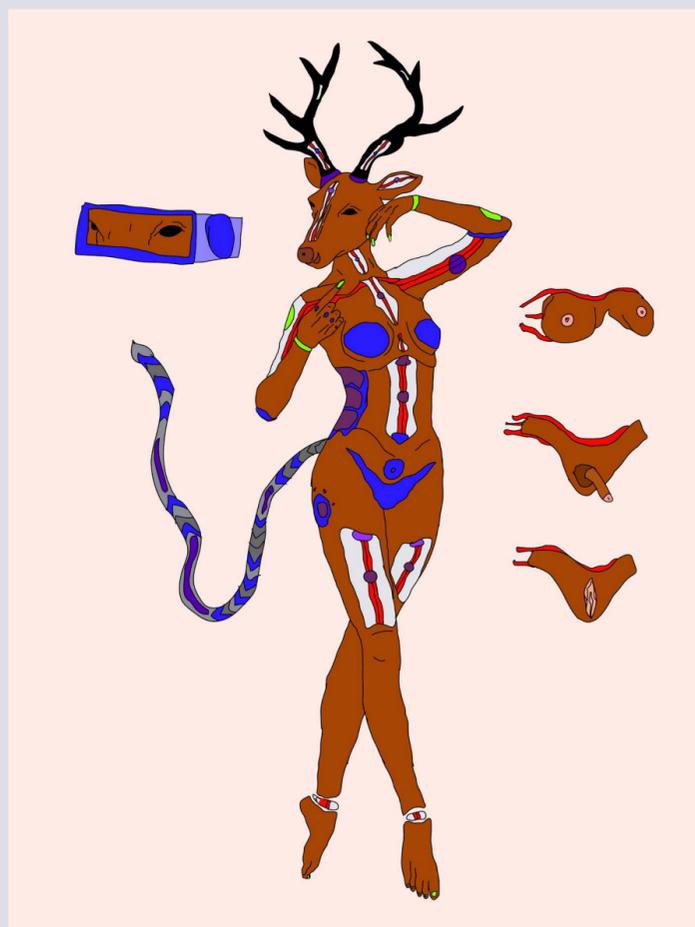
Cogumelos na mente. Fungos na cabeça. O vivo e o morto dentro de nós, o pessoa e não pessoa, a fluidez, a ambiguidade, presente dentro da pessoa humana.

Guilhermina Augusti, artista plástica, estudante de audiovisual e filosofia. O trabalho propõe uma experiência atraveçada enquanto uma possível cosmovisão de mundo, através de signos da feminilidade enquanto incorporações de uma experiência de realidade não violenta, enquanto um outro caminho que não seja os fluxos de uma cosmologia da brancura, para com isso criar formas de permanência, consciência, memória e subjetividade numa perspectiva positiva.



**DESVIOUM**

Pintura Virtual  
 Tamanho: 1366 x 728 pixels  
 Materiais: Arte Digital  
 Ano: 2020



**DESVIODOIS**

Pintura Virtual  
 Tamanho: 4482 x 5796 pixels  
 Materiais: Arte Digital  
 Ano: 2020

**OBJETOS CIBERNÉTICOS E TRANSEXUALIDADE:  
 UM DESVIO POLÍTICO**

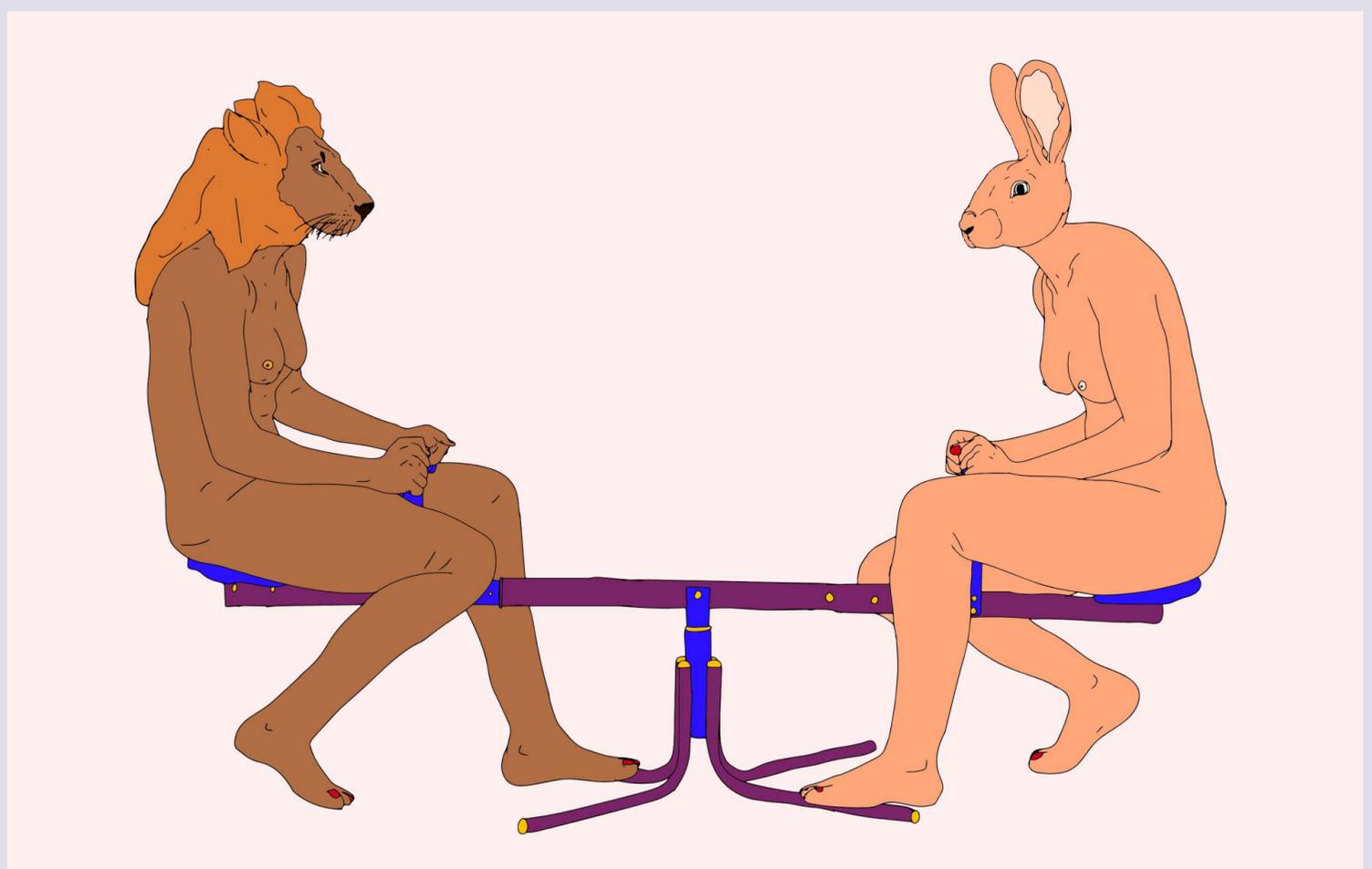
O corpo e o sistema sexo-gênero, determinações naturais acerca de propriedades éticas e morais caem com o ciborgue.

O atraveçamento incomoda as formas de natureza/cultura. Também se coloca enquanto uma forma possível, uma conexão

entre o objeto corpo e tecnologia, uma abertura de sujeitos, agentes, sistemas e territórios. Inventivos enquanto formas tecnológicas de vida. Estilhaça: por conta do acontecimento discursivo que emerge e se inscreve no objeto corpo, ao significado que damos a esse objeto construído por meio de tecnologias e materialidades que foram desenvolvidas por fontes de interpretação em seus respectivos pesos históricos e tecno-orgânicos, o ciborgue marca o desvio político.

Podemos entender o ciborgue como a própria transformação da forma-sujeito do sexo-gênero na qual a própria ideologia que disjunge corpo e alma funciona 'contra e sobre si mesma', sustentando novas possibilidades de práticas políticas. – Haraway

Contrapondo a falácia naturalista do corpo, o atraveçamento das personagens identificadas com características cibernéticas, assim como transexuais se constrói a partir de suas próprias experiências e vontades no processo de elaboração de seu corpo, transexuais constroem suas identidades a partir das mudanças de aparência e dos modos de vida discursivos que se opõe a estrutura social normativa construímos a nós por meio de um desvio: o político, e nesse sentido as transexuais criam uma via subversiva, entre as possibilidades tecno-orgânicas, cibernéticas.



## PINTURA VIRTUAL

Tamanho: 8191 x  
5626 pixels  
Materiais: Arte Digital  
Ano: 2020



### **IDENTIDADES NÃO-NATURAIS, POIS, NATUREZA É ALIENAÇÃO: NATUREZA É ALIENAÇÃO**

as identidades não-naturais são aquelas que não estão na falácia naturalista, que é embasamento para questões de imaginário social, linguagem, e a universalidade das coisas que tornam alguns signos tidos como naturais, ou seja, aquilo que é e faz por nascimento, por natureza. as classificações das coisas de bom ou mal, se dá de acordo com as valorações do nosso sistema.

A “falácia naturalista” é cometida por qualquer teoria que procure definir a ética em termos naturalistas. – Moore

a falácia naturalista procura acima de tudo corrigir o não-natural, aquilo que se desvia, curva-se. ela confunde o dever ser, com há liberdade de ser. a falácia naturalista já foi (e ainda é) embasamento para teoria eugenista, que se levantava em termos biológicos para discursos de cunho racista. a falácia naturalista hoje é facilmente presente em discursos acerca da transexualidade, na qual se levanta por termos biológicos para classificar o que você não é, por natureza. celebramos as coisas não-naturais, sejam aquelas cuja estão na não-concordância. pois natureza é alienação.

# PORCAFLOR

Se PorcaFlor florescerá.

Multi artista nascida na cidade de Ipiaú, interior da Bahia, Brasil. Bacharel em Artes Plásticas pela Escola de Belas Artes da UFBA, formada por experiências coletivas e espaços autônomos, mulher transvestygenere, monxtrans, nômade que trabalha principalmente nas linguagens da pintura, tatuagem, graffiti e lambe lambe. Usa da arte como ação de transformação e afirmação identitária, simbólica e corporal onde investiga rasuras de gênero, racialidade e poéticas não normativas e sexodissidente para acessar conhecimentos invisíveis, futuros, rupestres e ancestrais.



## S/ Título

Graffiti | Tamanho: 45 cm x 35 cm x 20 cm | Material: Tinta acrílica | Ano: 2021 | Local: Ilhéus, Bahia



## S/ Título

Body Art - Tattoo  
Tamanho: 25 cm  
Ano: 2020

corpos híbridos, quiméricas, meio bicho meio humana, experimento em exercício da minha própria criação, corpa em trânsito... trânsito.

entre referências antibiológicas e distâncias geográficas, crio cartografias de possibilidades.

seres, serei, sereias e adentro outras realidades.

## **BIONCINHA DO BRASIL**

Bioncinha, formada pela SP escola de teatro em 2016 mesmo ano que fez seu primeiro texto teatral Língua Frátria e primeiro figurino para a esquete Visitas ao Cão de Gustavo Braustein. De 2017 a 2018 trabalhou com Rodrigo Portella com montagem e operação de luz, em junho de 2018 fez assistência de figurino para o espetáculo de Boi Bumbá Raio de luar. Nesse mesmo ano participou do FESTU com figurino e iluminação. Em 2019 fez parte do livro VÉRTICES ESCRITAS NEGRAS fruto da Oficina de literatura negra ministradas por Simone Ricco. Performou com o coletivo em Legítima Defesa na exposição desobediência poética de Grada Kilomba na Pinacoteca de São Paulo. Costurou para ala das campeãs com Vicenta Perrotta para Casa de Criadores com o desfile BRASIL PAÍS CAMPEÃO MUNDIAL DE TRAVESTIS. Em 2020 operou Luz no Teatro Oficina para o espetáculo Roda Viva na virada da década e no Teatro Municipal de São Paulo no FESTIVAL VERÃO SEM CENSURA. Ganhou o prêmio da Editora Malê na categoria jovens escritores, participou da oficina de escrita Revolução chamada Carolina Maria de Jesus na FLUP. Se integrou à rede TRANSMORAS e publicou textos de sua autoria na FORT MAGAZINE, CASA DE CRIADORES E MJOURNAL.

## **HELLENA KUASNE**

Hellena é artista visual agênero. Criadore da marca Meninê, costura macacões e kimonos há 5 anos. Se formou em cenografia e figurino pela SP Escola de Teatro em 2016. Sua pesquisa gira em torno do corpo, como vesti-lo, desenhá-lo e performá-lo. Pelas roupas conversa sobre a expressividade coletiva e individual de gênero, seus movimentos, vontades e falas. No SESC SP é diretora de arte da exposição Perambular e ministra oficinas de figurino e desenho. É assistente da artista visual Cinthia Marcelle e da escritora Selma Maria. Em 2020 saiu na revista IstoÉ na matéria modelos sem gênero e ministrou aulas online sobre moda não binária.



## **SEREYAS**

Kimono frente e verso com um lado azul com aplicação de bordado livre feito a mão e do outro lado mistura de tecidos nos tons de rosa.

Tamanho: 70 cm x 152 cm x 7 cm

Material: Linho e algodão bordado

Ano: 2019-2021

A Obra SEREYAS se trata de um kimono proposto por Hellena Kuasne, Criadore da Meninê Costure. Em meados de dois mil e dezenove estava em busca de parceiros para criar peças colaborativas. Eis a oportunidade de ampliar a pesquisa já iniciada por Bioncinha, desenvolvemos em conjunto uma peça frente e verso com um lado totalmente bordado. Geramos espaço para expansão dos encontros que inicia com Lasirene, Deusa do mar e seus sincretismos religiosos com Santa Martha, Madonna del Mar e Yemanjá. Conectamos o desenho a outros dois vodus: Legba, o mensageiro dos dois mundos, guardião dos caminhos, Chaveiro do Paraíso, Exu: Dambala e Aida-Wedo, as serpentes do arco íris, associadas à riqueza, felicidade, conhecimento e dirigentes dos destinos da humanidade, da renovação e do encontro do sol e da chuva, Oxumaré. Se trata da segunda peça azul e rosa motivada nos versos sementes “desertos de sereyas teceremos uma teia no beijo meu mar” da música De ontem de Liniker Barros. Sereyas se propõe a trabalhar a partir do encontro, com novas propostas, formatos e artistas, se tornando um trabalho atemporal que só existe em contato com o outro.



Interessa-me pesquisar a “biografia ficcionalizante” como elemento suporte de criação na arte e na literatura, seja através das minhas experimentações das “próteses sentimentais” – termo que desenvolvi para meus trabalhos que envolvem a tatuagem que introduz na pele a ontologia do devir e do despojamento –, bem como pela exploração de outros meios de expressão que derivam da ampliação dos princípios visuais para além da tela. Como iniciei meu processo artístico no teatro e minha formação acadêmica transitou – e ainda transita – entre as áreas de História da Arte e Artes Visuais, além da minha investigação na linguagem da performance oriunda pela organização e edição da eRevista Performatus e pela participação direta em trabalhos de performance de outros artistas, percebo que este meu percurso transdisciplinar é fundamental para pensar a pesquisa inicialmente citada que venho desenvolvendo no campo das artes visuais, especialmente em construções pictóricas em formato tradicional, em pinturas performáticas, fílmicas, escultóricas e cinéticas com tons autobiográficos, e seus desdobramentos na escrita.



**El Minotauro #1**  
**Hilda de Paulo**

Fotografia e Cerâmica

Edição 1

Tamanho: 20 cm x 20 cm x 5 cm

Ano: 2014

Através da figura do Minotauro, Paulo\* avalia a negatividade sexual de determinadas áreas do seu corpo e a vestimenta como um artefato ligado ao pudor, mesmo quando utiliza, de forma até abusiva, o adorno corporal, ao praticar a sutura de micropeças de roupas sobre o pequeno corpo de um Minotauro tatuado em seu antebraço direito. O vídeo exhibe apenas o momento de despir a imagem, o desfazer das suturas que, simbolicamente (e também literalmente), machucavam a sua pele. Esse trabalho faz parte de sua série de Minotauros realizada entre 2010 e 2015: “El Minotauro #1” (uma polaroide de uma figura feminina a constituir um corpo antropozoomórfico apenas através da torção de membros da sua própria anatomia); “El Minotauro #2” (uma fotoperformance criada em parceria com o artista Manuel Vason, em que Paulo masturba-se na chuva, em meio à natureza, com chifres readymades arranjados a partir de uma carriola); “El Minotauro #3” (um cartão-postal em que Paulo exhibe seu corpo explicitamente nu durante um ato de masturbação para driblar normas estabelecidas em repartições públicas, colocando em xeque os limites do conteúdo permitido em uma imagem que circula através dos serviços dos correios); “El Minotauro #4” (uma videoperformance em que o artista expõe uma caricatura de si mesmo como um ser híbrido através de um desenho fixado na sua pele pela técnica da tatuagem, onde apresenta-se metade animal, metade humano).

PELISON, Julia. “Seis Manifestos Irrevogáveis sobre a Pele de Paulo Aureliano da Mata”. eRevista Performatus, Inhumas, ano 3, n. 14, jul. 2015. ISSN: 2316-8102.

\* Na época da criação da série El Minotauro, Hilda de Paulo ainda era conhecida por Paulo Aureliano da Mata. A artista começou sua transição de gênero em 2020, mudando de nome nesse mesmo ano.



## **El Minotauro #4 Hilda de Paulo**

Vídeo

Tamanho: 00:01:15 minutos

Fotografia: Manuel Vason

Edição: 5 + 2 P.A.

Ano: 2015

Me chamo Gaé - para os íntimos. Tenho 25 anos de sonho e de sangue, América do Sul e de transviadagens. Nasci no Rio como Amanda, vivi na Bahia por 4 anos entre trancos e barrancos, passei por algumas tentativas de homicídio na primeira cidade em que cheguei por conta da transfobia dos locais, me mudei para uma cidade maior, a capital baiana, Salvador. Fiquei lá estudando trabalhando, aprimorando habilidades artísticas e as modificações corporais para transição de gênero por quase 3 anos. Foi uma correria sem fim desde cheguei até quando parti, ao início da pandemia de Covid-19.

Estive estudando por todo o tempo as maneiras de me afirmar e me emancipar através da minha produção corporal e intelectual e agora estou em um momento de correr atrás desse reconhecimento profissional em minhas atividades artísticas.

Me considero refugiado em Alto Paraíso, GO. Continuo escrevendo, desenhando e elaborando maneiras de me relacionar com meu corpo e com outros corpos para que possamos gerar cada vez mais liberdade.



## Músculo Vago

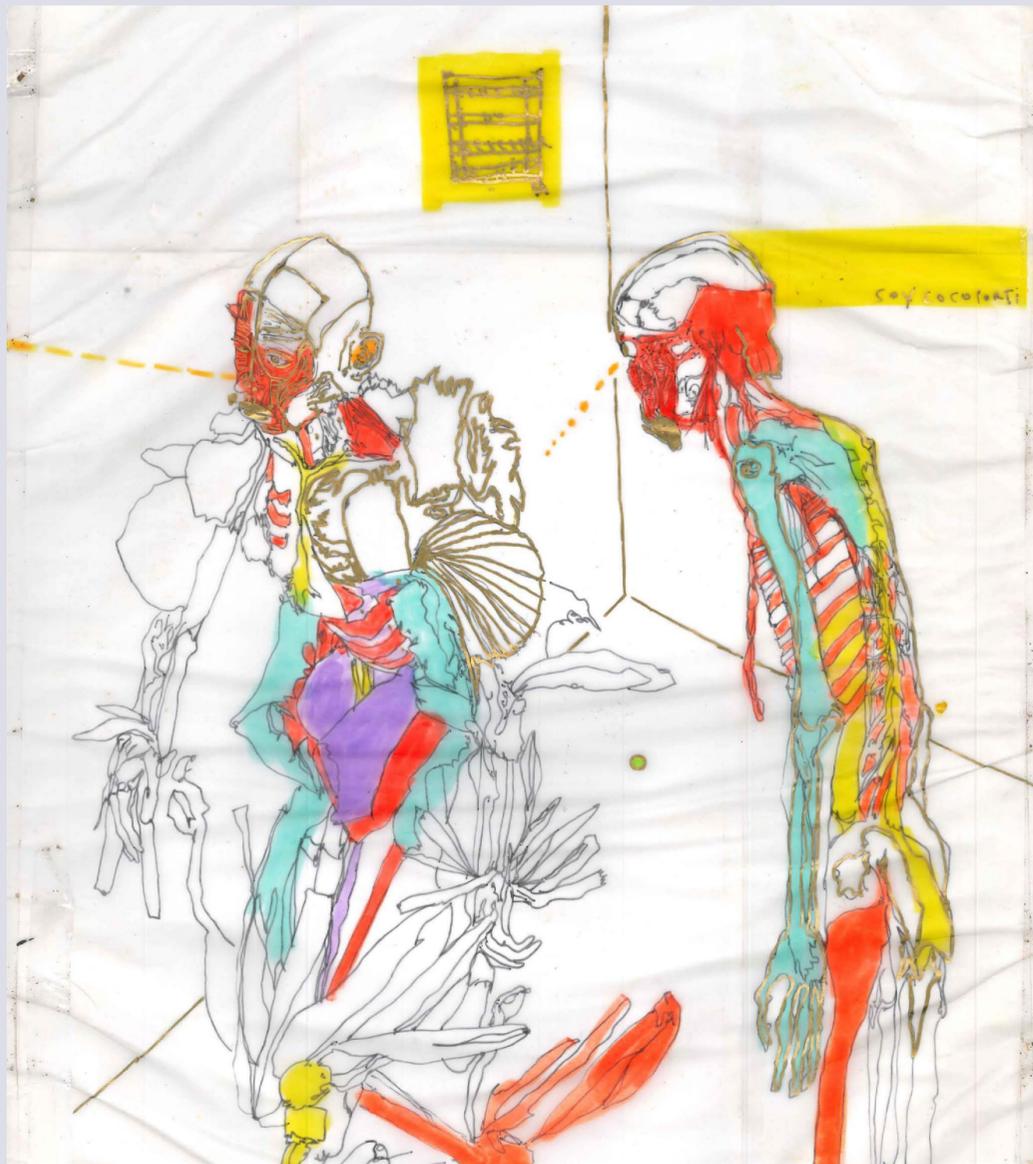
Desenho, pintura e colagem

Tamanho: 1913 x 2677 pixels

Material: Tinta guache, nanquim e caneta posca.

Ano: 2020

A obra criada em 2020 é fruto da pesquisa entre a estética corporal e o corpo fisiológico. Essa pesquisa se inicia intuitivamente à partir da minha maneira de olhar meu próprio corpo no espelho e estudar como ele se compõe. Enquanto analiso as características que me causam prazer, dor, estranhezas, busco entender como esse corpo se produz. Dessa experiência parto para um interesse em analisar a visualidade do estudo fisiológico utilizado na medicina e me recordo da exposição "O corpo humano, Real, Fascinante", a qual visitei quando adolescente e jamais me esqueci. A memória do futuro, que é berço das criações, abre uma fenda quando inicio o decalque da fotografia de um dos corpos expostos e lança essa produção, que é uma tradução do corpo aberto, vulnerável, cortado em tiras. Os músculos que se abrem como um leque, desenhando o caminho feito por esse corpo que anda com o próprio músculo empregado para se movimentar.



## Corpo na galeria III

Desenho, pintura e colagem

Tamanho: 4962 x 3509 pixels

Material: Tinta guache, nanquim e caneta posca.

Ano: 2020

Ainda no estudo da anatomia estética e seu encontro com a exposição “Corpo Humano, Real e Fascinante” (2008, Museu Histórico Nacional) produzi diversos decalques que exploravam o corpo em si mesmo, as camadas, os órgãos, as porções, as concavidades, uma viagem entre o corpo e próprio corpo. Após muitos desses estudos resolvo preencher esse corpo com espaço, e colocar esse corpo como parte de um fluxo espacial. Corpo na Galeria é a terceira de quatro obras nas quais insiro o corpo no espaço e deixo que esse espaço respire no corpo. Despessoalizar o corpo e deixar que ele seja uma dobra do espaço, uma sugestão de imagem no espaço, ao mesmo tempo que é a obra e que aprecia a obra na galeria.



## A cobra

Desenho, pintura e colagem

Tamanho: 1818 x 2592 pixels

Material: Tinta guache, nanquim e caneta posca.

Ano: 2020

Um dos encontros mais potentes que tive foi com as éticas e estéticas Tikmu'un, Pataxó e Huni Kuin. Diante e adentro desse contato, a apreciação e interesse que tinha pela visualidade apresentada ao meu redor e - por que não? - a visualidade interior, até mesmo o escuro total, passa a ganhar novos estímulos. Muito que eu não havia notado estava nos seres extra humanos, pinturas incríveis que besouros levavam nas costas, cobras, lagartos, a textura e desenho de árvores e folhas! Uma infinidade de singularidades! Riquezas que além de trazerem consigo padrões bidimensionais e cores que me faziam vibrar também se movimentavam e se relacionavam cada um à sua maneira. Encontrar com Ibã Huni Kuin na Universidade Federal do sul da Bahia e receber aulas de ateliê dele, que trazia a Miração como um processo criativo e de cura; Pesquisar junto à colegas Pataxó e visitar a aldeia da Jaqueira e do Araticum, vivenciar os embates entre a rigidez da Universidade e a consistência dessas práticas, presenciá-lhes, suas vozes, seus corpos, sua generosidade em partilhar das estéticas que tendo eles apreciado em outros seres, produziam à partir de si mesmos; aprender com mestres Tikmu'un um pouco de seu idioma, seus hábitos, cotidianos, espiritualidades, poder vivenciar um pouco de suas complexas relações de troca entre diversos povos espírito, povos da floresta, espécimes de animais e plantas. A maneira deles de inventar a vida transformou a minha. Esse trabalho é uma das fruições que jamais teria ocorrido se não os tivesse encontrado. Chama-se A Cobra pois é o deslizar de um Jazz, fluindo sutilmente e de repente quebrando. Foi feito num dia de chuva e melancolia no início do período de isolamento social em 2020 e não menos melancólico e não menos chuvoso, o jazz e o desejo de integrá-lo em visualidade.

Lino Calixto é trans não-binária preta paraense, trabalha como artista-pesquisadora, ator, performer, modelo, arte-educadora e agente cultural. Como artista pesquisa o corpo e a estética em relação à tentativa de rompimento com os pactos coloniais e a construção de memórias disruptivas no imaginário coletivo. Desenvolvendo as bombas-narrativas e palhaçadas poéticas enquanto registros míticos de nossas vivências em disputa.

Experimentação performática/narrativa a partir do viajante - Maírum - Lino Calixto e seus encontros no período entre Julho de 2019 e Setembro de 2020; Atravessando territórios e carregando seu corpo-encruzilhada trans não binária paraense negra de pele clara, reverberando os vestígios dos encontros com pessoas/criaturas transvestigêneres pretas e indígenas no Pará e em São Paulo (nomes para lugares em Abya-yala).

Esse trabalho faz parte da pesquisa sobre a destruição dos \*arquetipos estabelecidos pela branquitude cisgênera patriarcal e construção de outras possíveis personas arquetípicas para o jogo da representação. Y ASSYM DANÇAVA UME NBBY



## **Vestígios narrativos de Maírum**

Vídeo e Ilustração

Tamanho: 00:15:46 minutos

Ano: 2019/2020

Na jornada de Viajante encontra-se/excorpora-se com muitas criaturas e uma delas é “Fazedore de infinitos caminhos desprovida de moral” (2019) que lhe ensina sobre a produção de encruzilhadas.



## Vestígios narrativos de Maírum

Vídeo e Ilustração  
Tamanho: 00:15:46  
minutos

Ano: 2019/2020

Enquanto caminhava mesmo em ambientes que pareciam seguros se machucou com flechas que não eram frutos de suas guerras, continham muitos segredos e por isso registrou em um de seus vestígios: “empatia sem limite é autodestruição”- Chega de atravessamentos insustentáveis.

Yná Kabe Rodríguez, 28 anos, travesti do Recanto das Emas-DF. Se formou em bacharelado em artes visuais pela Universidade de Brasília onde também ingressou na pós-graduação em artes visuais (PPG-AV) na linha de pesquisa Métodos e Processos em Arte Contemporânea, trabalha e sobrevive como Artista-Babá-Curadora-Pesquisadora e mãe na Casa de Olfenza.

O recorte apresentado traz instalações, performances, laboratórios improvisados, campos de pesquisas e ações que surgem através de processos de investigação e proposições que exploram os limites entre vida/cotidiano e prática artística, entendendo que as questões que atravessam os trabalhos aqui reunidos são simultaneamente interlocuções entre arte e vida, propondo assim que ambos possam potencializar e tensionar minha existência enquanto artista, pesquisadora, curadora transvestigenera. Os projetos surgem de uma prática que se entende diversa e indisciplinada, e cria desde situações poéticas transgressoras aos discursos hegemônicos e genocidas, até uma deslealdade aos ideais do que pode ser entendido como arte.

## **HOJE**



**É O DIA NACIONAL DE PROTEÇÃO DAS TRAVESTIS NO BRASIL**

## **CUIDADO**



**A POPULAÇÃO TRAVESTY ESTÁ EM PERIGO DE EXTINÇÃO; O BRASIL É O PAÍS QUE MAIS MATA TRAVESTIS!**

## **CUIDADO**



**O PAÍS BRASIL VAI DIZIMAR A POPULAÇÃO TRAVESTY DE SEU TERRITÓRIO!**

## **ATENÇÃO**



**QUEM PROTEGE AS TRAVESTIS NO BRASIL?**

## **ATENÇÃO**



**QUEM PROTEGE AS TRAVESTIS DO BRASIL?**





**É preciso prestar atenção: tenha cuidado com as travestis do Brasil.**

As travestis do Brasil estão sendo caçadas diariamente; elas precisam de proteção!  
Os assassinatos de pessoas trans no país, em 2018, alcançou o número de 163 homicídios. Em 2017, esse número atingiu 179. Os dados foram registrados pela Associação Nacional de Travestis e Pessoas Trans (ANTRA).

*para a população*  
**PROTEÇÃO & OPORTUNIDADE**  
*travesti brasileira*

*"De acordo com a ONG Transgender Europe, o Brasil é a nação com o maior número absoluto de homicídios de pessoas trans. Entre 1º de janeiro de 2008 e 31 de dezembro de 2016, 938 assassinatos foram relatados no país. A organização reúne dados de instituições locais, como a Rede Trans Brasil. Os homicídios transfóbicos em território brasileiro representam 40% do total de 2.343 assassinatos notificados nas 69 nações que são monitoradas pelo projeto europeu. Os casos do Brasil também são 51% do total de 1.834 mortes nas Américas (Sul e Central)."*  
(nacoesunidas.org)

**QUEM PROTEGE AS TRAVESTIS NO BRASIL?**

A expectativa de vida da população brasileira é de 76 anos, porém para as transexuais e travestis é de 35 anos. O Brasil é o país que mais mata trans e travestis no mundo. São um total de 389 homicídios de transexuais e indivíduos não-binários, indicando um aumento de 44 casos em comparação com a pesquisa do ano passado e de 74 casos com relação a 2016.

**VIOLÊNCIA CONTRA A POPULAÇÃO TRAVESTY DEVE SER COMBATIDA À GARRA!**

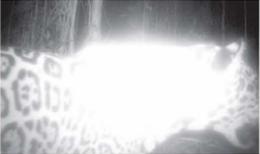
No Brasil, foram contabilizadas 179 mortes, em 2017, e 136, em 2016, em ambos os anos o país ocupa o primeiro lugar no ranking de assassinatos.

**Quem protege as travestis do Brasil?**

Travesti é uma identidade latino americana. Travesti é ser brasileiro. Atenção, a população travesti está sendo dizimada do território nacional. É urgente que sejam aprovadas políticas de proteção de nossa população travesti! Em 2017, 97% dos ataques foram contra travestis e mulheres trans, 82% são pretas ou pardas e 60,5% tem entre 17 e 29 anos.

30% dos 163 crimes cometidos em 2018 não foram noticiados em nenhum veículo de comunicação, 15 casos tiveram os suspeitos presos, o que representa 9% dos casos. (ANTRA)

53% foram cometidos com armas de fogo, 21% com arma branca e 19% por espancamento, asfixia e/ou estrangulamento. Oito em cada 10 crimes apresentaram requintes de crueldade.



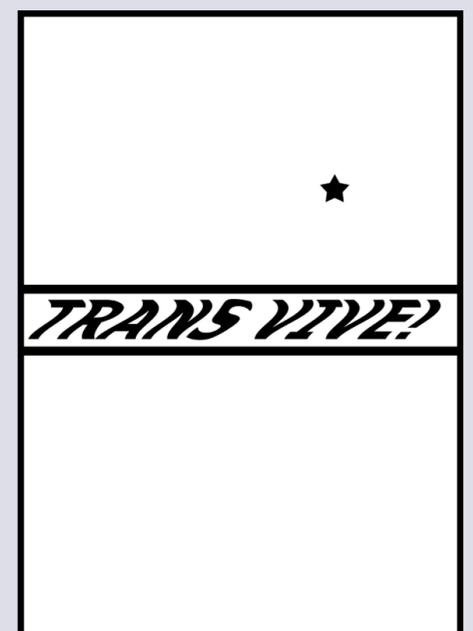
*A idade média das vítimas dos assassinatos em 2018 é de 26 anos. Ainda segundo o levantamento, 65% dos crimes foram contra mulheres trans profissionais do sexo e 60% deles aconteceram nas ruas. De acordo com dados levantados pela Antra, 90% da população de travestis e transexuais utilizam a prostituição como fonte de renda e subsistência, devido à baixa escolaridade provocada pelo processo constante de exclusão escolar e familiar vivenciado por essas pessoas desde muito cedo."*  
(huffpostbrasil.com)

★

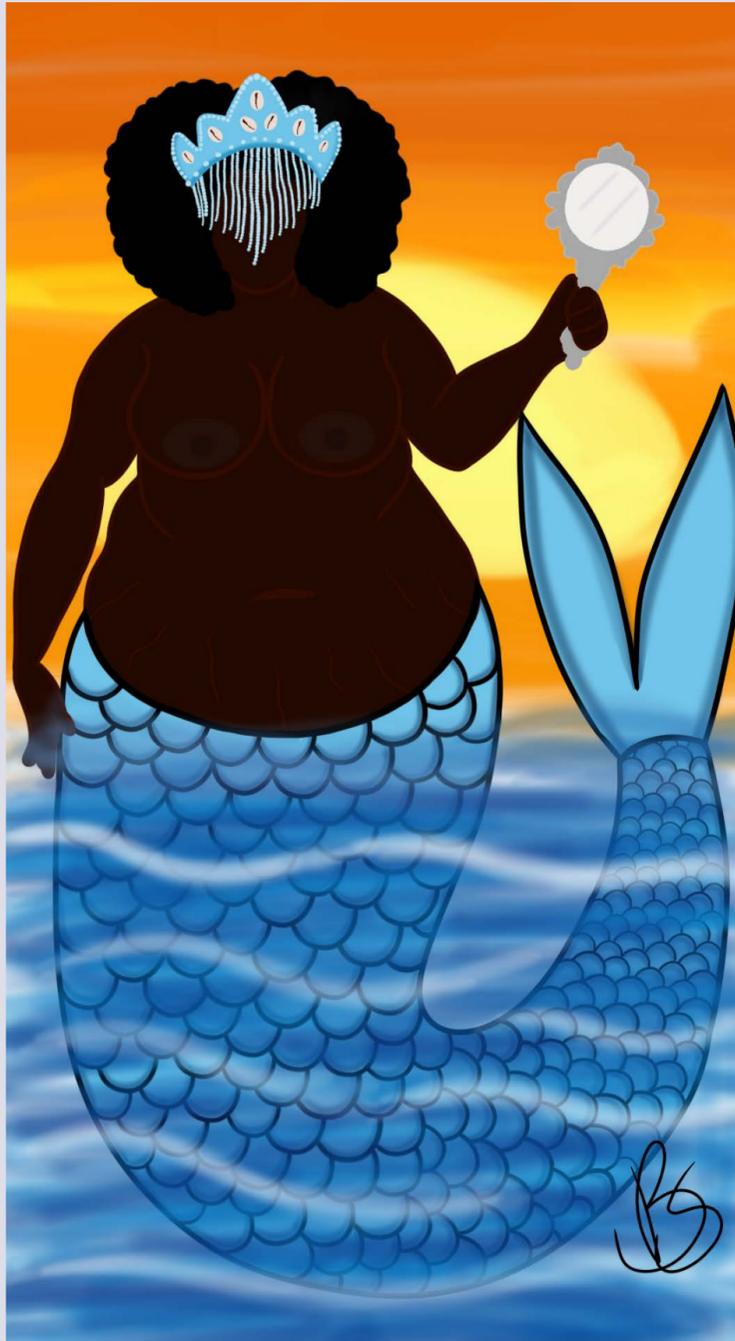
**TRANS VIVE!**

## Informative Onça

Construção e distribuição de informativos sobre a situação da população travesti no Brasil  
Tamanho: Dimensões variáveis entre A2, A3 e A4  
Material: Bandeiras e cartazes  
Ano: 2019



Olá, meu nome é Bernardo, mas o nome artístico é BS, eu amo ilustração sobre as minhas vivências como um homem trans, amo também desenhar corpos que são lindos como fora dos padrões e, além disso, também amo desenhar Orixás pois sou apaixonado.



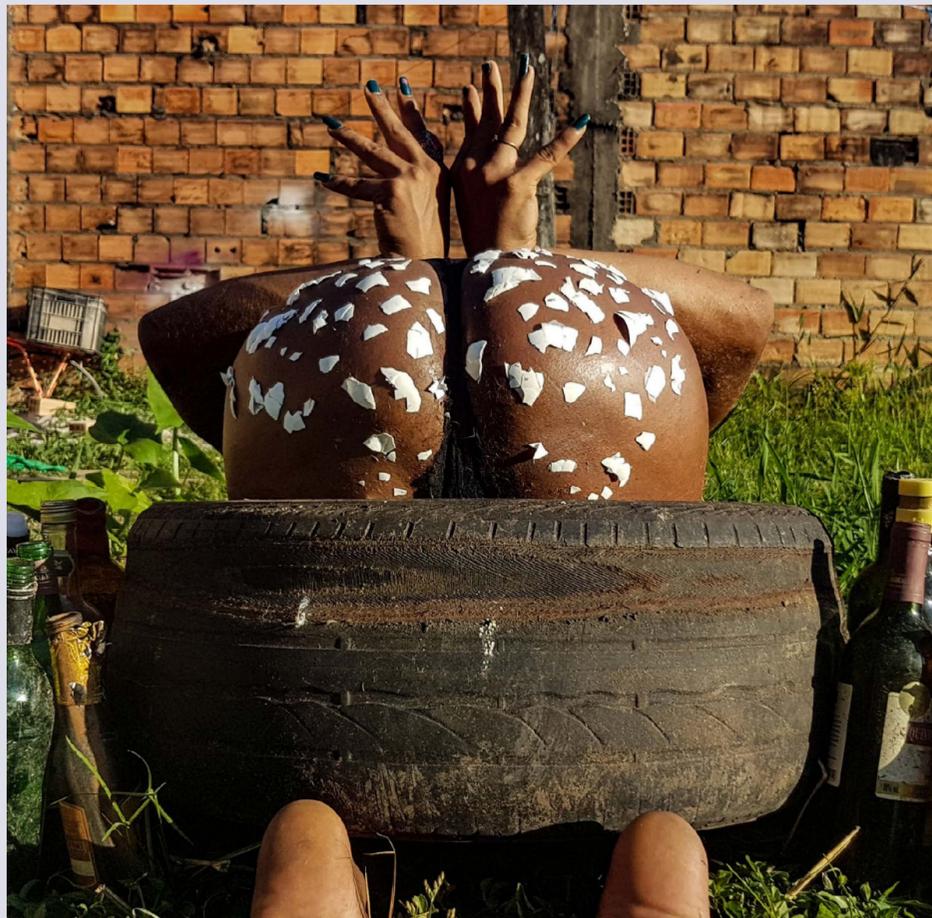
## **A sereia fora dos padrões**

Ilustração Digital

Tamanho: 1061 X 2306 pixels

Ano: 2021

A Sereia fora dos padrões é a representação de corpos que são sempre desvalorizados como o corpo gordo e negro. Quando eu criei ela quis fazer com que muitas pessoas se identificassem com a imagem. O processo criativo dela foi bem especial, pois eu criei ela justamente para ser postada no dia 2 de fevereiro que é conhecido como o dia de Iemanjá fiz uma representação fora dos padrões que geralmente vemos, mas ainda assim com algumas referências importantes. Eu sou um homem trans e gordo então sempre tive dificuldade de achar ilustrações que tinha referências de corpos que nem o meu e com isso tento sempre ilustrar corpos que as pessoas possam se identificar.



## Corpo Comida

Fotoperformance

Tamanho: 24,4 X 15,2 cm

Materiais: maracujá, tinta acrílica amarela, tinta acrílica laranja, ovos cozidos, pneu velho, garrafas de bebida alcoólicas usadas, calcinha preta, esmalte, anel, pimentão amarelo.

Impressão em papel couché

Performance: htadhirua (@htadhirua)

Fotografia: Flor de Mururé (@flordemurure)

Ano: 2020

Nem homem nem mulher; Attews Shamaxy ou htadhirua, é Debochanty de sistemas de opressões, se identifica como Travesty Não Binária, Caboca e Preta. Reside atualmente na sua cidade natal Ananindeua no Pará, uma das cidades mais violentas do país para corpos que transitam feminilidade. Constantemente ameaçada de morte e anulada socialmente por causa de suas narrativas, ela dilata as noções binárias de arte, educação, trabalho e etnia. Arteira: inventora de arteatrake; bruja criadora de portais e profecias na imagem. Atua como dançarina, pesquisadora de corpo e professora de dança, revelando mistérios de colonidades para instigar novas tecnologias de corpo e expressões. Emaranhada em várias linguagens artísticas, serve-se da Performance para tensionar e friccionar. Também é escrytora, transformando suas dores e violências em Escryturas Sagradas e Palavras Travétikas. Desenvolve ebó Pornô Deculonial. Produz eventos com temáticas raciais e de gênero. Apronta arte com Moda e Maquiagem como apontamentos de incômodos, e desenvolve um centro/house de acolhimento TLGBI+ na sua cidade. Meus objetivos artísticos se entrelaçam em minhas micropolíticas, refletir as prisões de gêneros que me trancafiaram, as crises que me foram inevitáveis viver para poder me reencontrar, e como está sendo viver traviarcada numa sociedade sistemática, num fazer de arte que não é dança, nem teatro, nem performance, nem música, nem desenho etc. Mas uma modelagem a partir da necessidade de comunicação, de causa, de chance de mudança e transformação do mundo.

Artista visual míope, com pesquisa em hibridismo de linguagens e fabulações espontâneas. Efe Godoy com 7 anos de idade recebeu uma leitura de mãos que lhe abriu os olhos para perceber que teria uma trajetória artística em curso, desde então soube que iria desenhar seu caminho fora de sua Natural cidade Sete Lagoas/MG, hoje vive e trabalha em Belo Horizonte. Passeou pela Escola Guignard UEMG e continua formação através de vivências em residências no Brasil e exterior. Algumas dessas vivências transformadoras se deram nos últimos anos, como Bolsa Pampulha 2015/2016, a residência artística no EAC- Montevideo\_UY em 2018, residência Adelina \_SP, 2018, e recentemente: HEMIENCUENTRO \_ INSTITUTO HEMISPHERIC NY UNIVERSITY na Cidade do México, 2019, e mostra VERBO de performance Arte na Galeria Vermelho - SP. De uma maneira simples tenta interferir na vida das pessoas com a reverberação do afeto. Efe interage nas redes sociais estreitando os espaços íntimos vida e arte.



### **Muito fofo ser burro nessa idade**

Ilustração

Tamanho: 17 cm x 10 cm x 22 cm

Materiais: Óleo sobre cavaleiro de plástico, e fotografia de primeira comunhão antiga garimpada

Ano: 2019





## Existem encaixes perfeitos para qualquer forma de existência

Ilustração

Tamanho: 25 cm x 24 cm

Materiais: Acrílica, Aquarela e grafite HB sobre papel de bambu - Gramatura: 265 g/m<sup>2</sup> - Constituído em 90% fibras de bambu e 10% algodão - Papel acid-free (livre de ácido)

Ano: 2020



## Como é bonita a existência da curiosidade

Ilustração

Tamanho: 20 cm x 29 cm

Materiais: Desenho nanquim

Ano: 2021



## Híbridas hídricas

Ilustração

Tamanho: 18 cm x 16cm

Materiais: Desenho nanquim

Ano: 2021

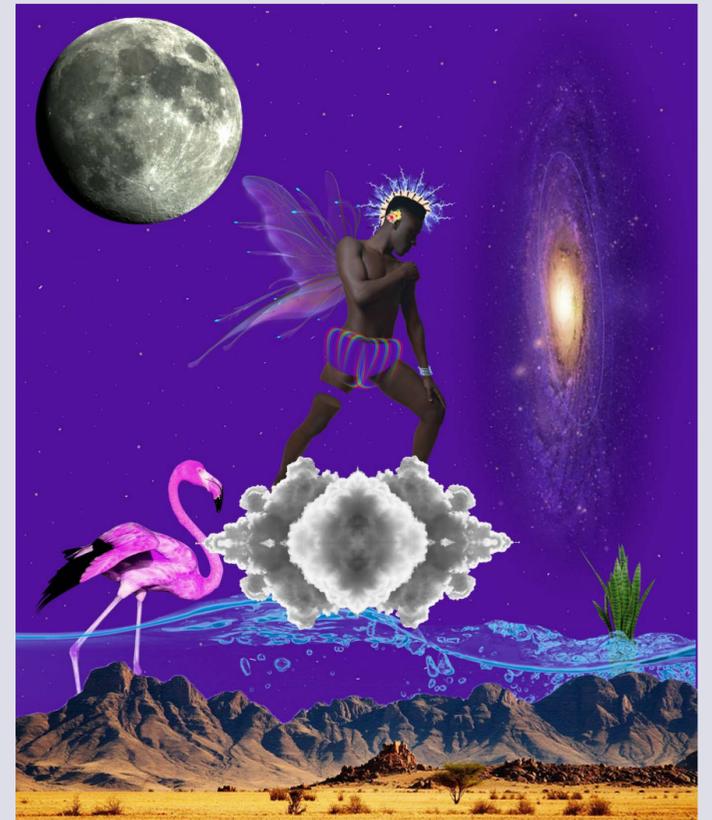
Artista visual, iniciou sua vida artística em 2011 como atriz em espetáculos de teatro, nos anos seguintes, ao ingressar na UFBA, estudou além de teatro e performance, o audiovisual. Desde então tem desenvolvido pesquisa em autoretrato performático, vídeo colagens, colagens digitais e manuais, criando orientade pelas estratégias dos povos originários e afrodiáspóricos.



## AFROFUTURISM

Colagem/Manipulação Digital  
Tamanho: 12455 X 14125 pixels  
Ano: 2019

Um dos experimentos que faço por meio da colagem é a pesquisa de imagens de pessoas pretas nos catálogos, houve uma demanda crescente quando se faz esse tipo de busca nos últimos anos, mas ainda assim, as imagens em boa qualidade de pessoas negras nos sites especializados não estão próximas de serem constantes, ou quando estão, nem sempre estão em contextos favoráveis. Afrofuturism é sobre estratégias do cotidiano, alcance de outras vivências, é sobre ultrapassar as crenças limitantes, e realidades aterradoras. Existem universos para se transitar e viver, muito além desses já conhecidos.



## ESCAPE DE HEBERT

Colagem/Manipulação Digital  
Tamanho: 13957 X 16991 pixels  
Ano: 2019

Escape de Hebert é suspensão, é sobre existências que fogem do que é estabelecido ou o que se espera delas. É também sobre a reinvenção do todo, do mundo, ou dos sistemas como os conhecemos, e construção das mais variadas narrativas que nós podemos fazer de nós mesmos. Nem sempre controlamos as reais coisas que nos cercam, mas o onírico, o mundo dos sonhos, esse podemos e devemos.

Monique Huerta nasceu em São Paulo, 1998. É bacharel em artes visuais pelo Centro Universitário Belas Artes de São Paulo. Sua pesquisa gira em torno de objetos de encaixe em suas conectividades não binárias e a possibilidade da escultura como potencial vivo de contato. Investigações acerca da passivo-agressividade e do embate de forças são lugares pensados dentro da linguagem da instalação, escultura e vídeo arte. A criação de um universo macio e ao mesmo tempo perverso flerta com a ludicidade de um passado onírico que não parece pertencer ou encaixar, e é habitado simultaneamente por feridas agressivamente terrenas ou sexuais.



## **Eu, a casca e a coisa**

Vídeoperformance

Video full HD

Tamanho: 00:13:39 minutos

Ano: 2021

13 minutos de Saturno devorando seu filho.

Moldo este objeto corpo com minhas mãos. Ele encaixa em meu colo, encaixa em meus braços, meus seios e pescoço. O encaixe é afetuoso, e o afeto assusta. Devoro aquilo que criei, destruo a vontade e permito que ela me inunde por instantes. Me deslumbra a autonomia de um corpo e suas estratégias de deseducação. O afeto e o ódio residem em polos diferentes da mesma escala.

Começar a se entender enquanto corpo não binário/trans é questionar esse corpo. Para explorar outras formas de vivenciar a corporalidade busco o grotesco, o animalesco, para afirmar que meu corpo é voraz. Me interessa muito mais então, que ele seja percebido assim, enquanto corpo animal, do que percebido na caixa do gênero. Que ele seja percebido por suas práticas e por suas ações, pelo vir a ser. Me interessa que estas práticas regurgitem uma certa noção de normatividade, que elas não abracem, mas que as estranhem.





## **2 cotovelos aninhados**

Escultura

Material: Gesso e tecido

Ano: 2021



A busca pelo lugar do íntimo me intriga, pelo micro universo. Utilizo cantos de 90 graus pois acredito que estes lugares acumulam energia: tantas são as memórias de intimidade acolhidas pelo canto. Como diz Bachelard, “só habita com intensidade aquele que soube se encolher”. A ficção da escultura existe de forma quase teatral, como um choque entre mundos. Essas criaturas se esgueiram pelos cantos, procurando lugares de encaixe.

Pensar no ninho e no casulo como lugar de proteção, é também assumir que existe algo que o corpo habitante precisa ser protegido de: algo como o mundo exterior. Proteção é uma ferramenta entre o ataque e a defesa, um lugar de passivo-agressividade utópico. O ninho é o lugar natural da função de habitar, “voltar” fisicamente ao lugar onde habitamos é também uma ação metafórica para um “regressar” a este mundo onírico.”



## **Estudo para defesa de ninhos**

Instalação

Material: Cerâmica, tecido e espuma

Tamanho: dimensões variáveis

Ano: 2019



## **Eu não gosto de brincar assim**

Videoperformance

Vídeo full HD

Tamanho: 00:05:56 minutos

Ano: 2019

Ao investigar dentro de meu processo o potencial do corpo escultórico de assumir um lugar enquanto criatura, fiz testes e reproduzi sensações para/com estes seres. Os objetos de encaixe querem caber em outras situações, espaços e neles mesmos. Em alguns momentos, a exacerbação de uma sexualidade latente (até mesmo perversa, pois são tocados e manuseados com total submissão) é explorada como espectro dentro deste jogo de bonecos. Esta assombração de perversidade nasce da manifestação de uma ferida que para mim nasceu na infância.

Em tom lúdico, uma ação invasora do universo macio conduz a encenação da quebra de sua inocência. A brincadeira se torna sádica: esta sexualidade é instaurada por uma mão que se apossa do controle. A perversidade do toque guarda a passividade de um segredo.

Seres que se acariciam em uma catarse de objetos.

Sou o Berrna como muitos conhecem, tenho 21 anos, sou uma pessoa trans, multi artiste atuo na área da tattoo com um estúdio de tatuagem & piercing (@sankofa.studio), também tenho experiências em outras áreas artísticas, fotografia e audiovisual, também experiência como modelo (projeto com casa de criadores e outras marcas), já fiz algumas colabs para grafitar/estampar roupas de marcas independentes, vendo quadros com desenhos que disponibilizo para tatuar e gosto de ter essa possibilidade da arte ser varias coisas, como o pensar através do pós humano, mutantes, monstros, olhares e perspectivas outras que me fazem construir possibilidades do real com o irreal.



## **Mar Monstro**

Ilustração

Tamanho: A4

Ano: 2020



## **Desfeita**

Body Art - Tattoo

Tamanho: 29 cm

Ano: 2020

Brasileira, crescida no sertão em Itaguaçu da Bahia. Loste (@losteea\_) tem 25 anos e atua na arte desde criança. Artista multidisciplinar - bacharel em design, filmmaker, fashion designer, estilista, performer, modelo e diretora criativa da Mofada (@mofada1). Desde 2015 migra em cidades do Brasil tentando trazer diálogos e questionamentos dentro da moda nacional. A escassez no Brasil é sua principal inspiração para envolver através de uma estética fantasiosa, imagens em baixa definição, roupas com alta performance de detalhes e acabamentos em forma de desgastes, além de expressar sua vivência através das obras. Junto a @mortavivo surge a MOFADA, uma marca de moda/arte que nasceu na periferia em São Paulo no ano de 2019. Hoje a Mofada é exposta em algumas cidades no mundo.

“Criamos uma dimensão fantasiosa fundindo moda, arte, futurismo e ancestralidade, visando a escassez social a partir de uma perspectiva brasileira”.



## Happening Canícula Unusual Brasil SS21

@unusualbrasil (Performance realizada em um apartamento no centro de São Paulo, em março de 2020)

Estrelando: Aya @xayahuascay, July Rodrigues @julyrodrigues

Instalação: AVNT @avntcollective

Fotografia: Elsa Kostic @kostic\_c

Direção de Arte: Ray Castelo @raycastelo\_ e Pedra @pedrapreta

Estilo: Loste @losteea\_ @mofada/ Labô @laboyoung / Nich /@stylingbynich / Estilera

Brendy @0000000brendy | Hairstyle: Morta @mortavivo

Makeup Artist: Guta Hellena @chicasintetaz | VHS: Kelton Brasilândia @keltoncf



## **cápsula mofo**

(A peça vermelha foi produzida no Brasil, em Guainazes ZL e a foto foi clicada em Berlim, na Alemanha, para o primeiro editorial da Mofada @mofada1, ano 2020)

Mofada x Limitrofe Television @limitrofetelevision  
@sscopeta veste uma peça que se chama RESTA  
BRAÇOS E CAPUZ

Fotografia: Pe Ferreira @pedrocks\_

Makeup: Enantios @limtrf



## **Criaturas**

(Editorial de 2018, Fotografado em uma locação no centro de São Paulo)

um Ser e seu Demônio.

Direção e Fotografia: Loste @losteea\_

Eryk Raggamurffin @\_raggamurffin.

Makeup Artist: Guta Hellena @chicasintetaz



## **Veio do Barro**

(Maquiagem experimental com Barro branco e escuro, modelagem na testa e nariz para favorecer a circulação sanguínea. São Paulo - Brasil. 2019)

Loste @losteea\_

Hairstyle: Morta @mortavivo

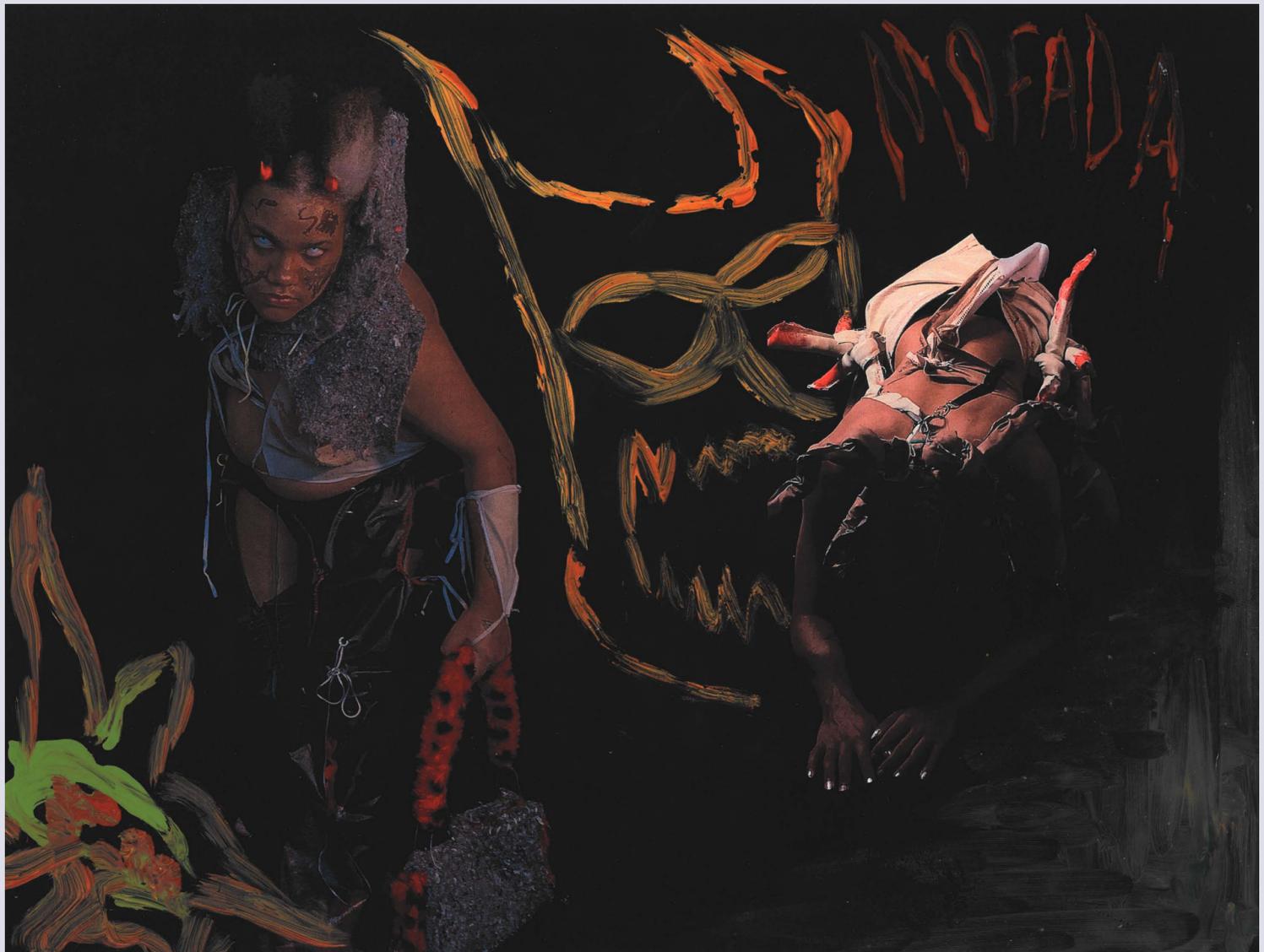
## **Majestoso Barulho da Solitude**

(Arquivo pessoal. Print de um filme feito em uma Handycam. Sertão. Itaguaçu da Bahia - Bahia. 2021)

Loste @losteea\_

Veste: CAPA CERIMONIAL @mofada1





## **Família**

Fotografia Digital e Pintura

Tamanho: 29,7 x 42 cm

Material: Papel A3

Ano: 2020

Créditos:

Colaboração: MOFADA + VIVÃO PROJECT

Direção de arte: LOSTE

Pintura: VIVÃO

Artistas: BERRNA & LOSTE

Beleza: BRUNO VAROTO E ABIGAIL MARIANNO

Ressignificando a família - Leitura da família pós humana, futuro-contemporâneo.

CARU é um artista de 22 anos nascido na cidade do Rio de Janeiro com profundas raízes nordestinas. Considerando-se um multiartista por unir variadas formas de linguagens artísticas, -performance, fotografia, audiovisual, escultura, pintura e costura- percorre por diferentes formas de expressão afim de abranger perspectivas plurais, mergulhando em variados temas que atravessam sua vivência. Em 2019 foi selecionado para participar do OiKabumLab! -laboratório de intervenções artísticas- no qual pôde se aprofundar em práticas performáticas e de audiovisual. Seus últimos trabalhos tem uma forte ligação com linhas, fractais, ramificações e raízes, materializados através de esculturas.



### **Bicho escultura vivo**

Escultura de cerâmica fria  
 Tamanho: 5,5 cm x 6 cm  
 Ano: 2020

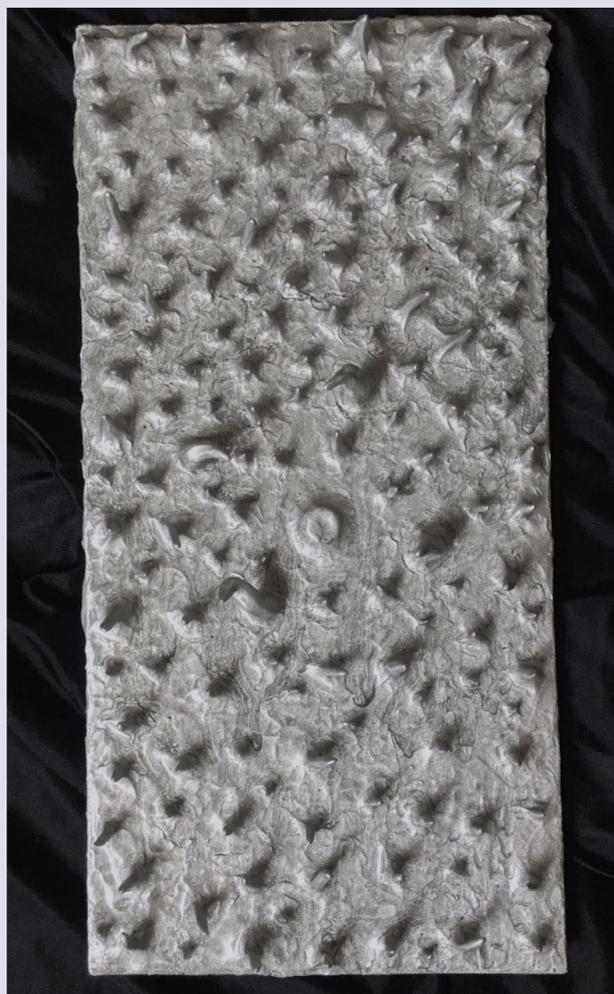
Finos espinhos que devagar nascem abertos e com o tempo secam até as pontas se encontrarem. Quando resseca ao invés de morrer, nasce.



### **Despertar em linhas**

Escultura de porcelana fria, pintura em acrílico  
 Tamanho: 10 cm  
 Ano: 2020

Vontade de nascer para todos os lados, espalham-se movimentos para fora em contínuas raízes.



## Querendo sair

Porcelana fria em tela, pintura spray metálico

Tamanho: 40,5 cm x 20 cm

Ano: 2020

Criação de telas com texturas atrativas ao toque.

## Ser que dança

Escultura de porcelana fria, pintura  
em acrílico

Tamanho: 3 cm

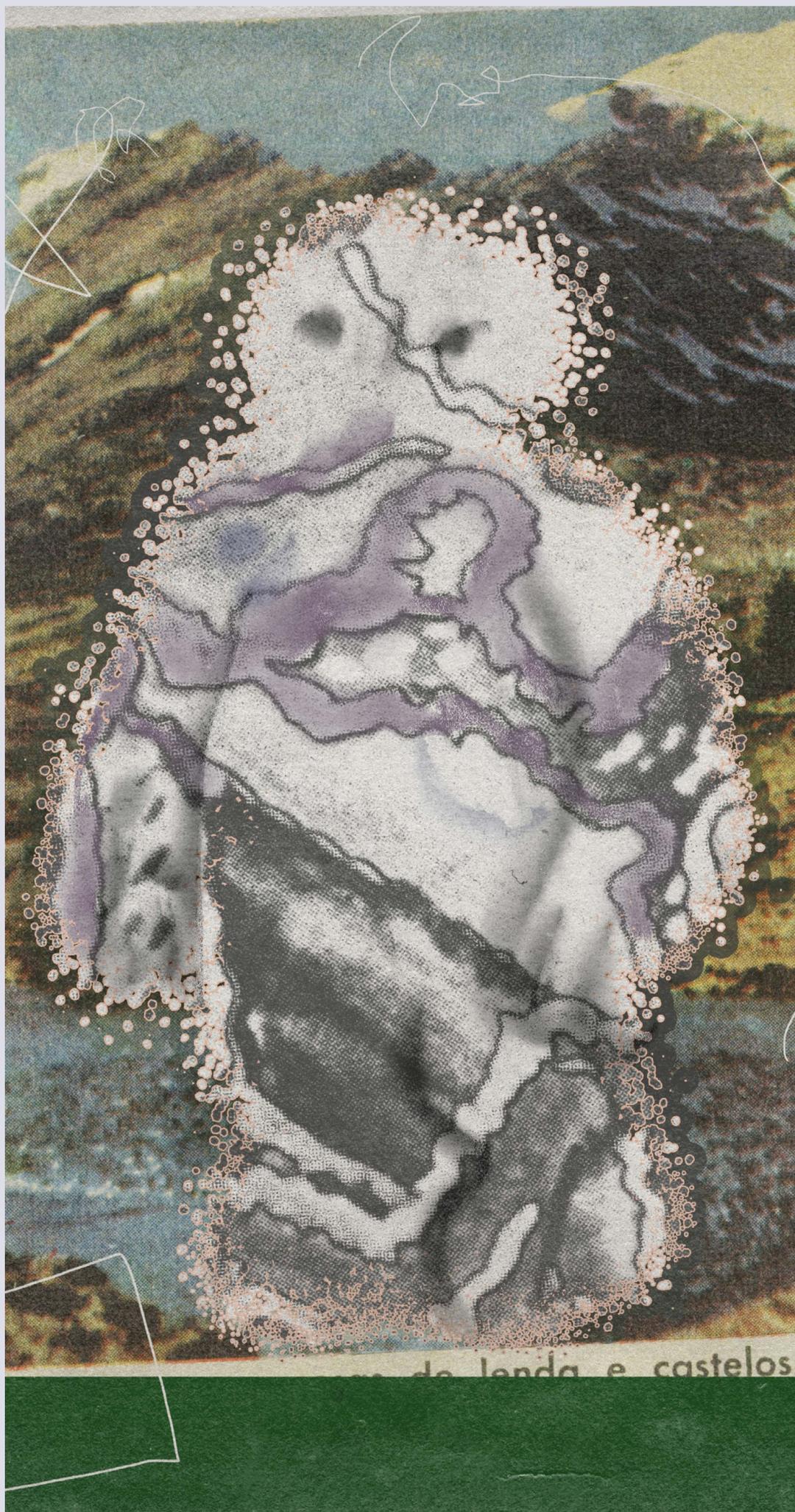
Ano: 2020

Semente, alga, inseto, marisco, galho,  
dente, corpa, o que você vê?



100

nasci em maio de 1995, cresci e moro em goiânia. Experimento com recortes, objetos, desenho e pintura para criar imagens. muito do que faço acontece pelo caminho da colagem - coleta de elementos, testes de composição e assim a abertura de caminhos para possíveis leituras e desenvolvimentos. busco compor narrativas através dessa mistura, cedendo ao improviso e ao acaso.



## **Ali**

Colagem Digital

Ano: 2020

Paisagens e seus habitantes

## Vence Tudo

Composição no  
tampo de scanner  
Ano: 2019”



Meu nome é Francisco (ou mais conhecido como XYK), nascido em 1990, sou artista multi-linguagens e utilizo diversas formas de me expressar como fotografia, ilustração, quadrinhos, tatuagem, tingimentos em tecidos (natural e artificial), estamparia e design gráfico.



## **MONSTRE MUSCULOS**

Ilustração

Aquarela, tinta, nanquim, grafite, caneta e tinta gouache em papel algodão

300 g/m<sup>2</sup>

Ano: 2021



## **Vampiro**

Aquarela, tinta nanquim, grafite, caneta e tinta gouache em papel algodão

300g/m<sup>2</sup>

Ano: 2020



## Abstrações

Aquarela, tinta nanquim, grafite, caneta e tinta gouache em papel algodão 300g/m<sup>2</sup> | Ano: 2020

## **Pétrus Vargas a.k.a PV5000**

Artista visual, DJ e produtor musical, desde os cinco anos, quando aprendeu a tocar piano, Pétrus escolheu a arte para se comunicar com o mundo. Vindo de uma família católica da zona norte de Porto Alegre, entrou cedo para a banda da igreja de sua comunidade, e logo evoluiu os estudos para as cordas e percussão. Sempre teve a vida ligada a militância e a dicotomia, de um lado avós professores em uma família matriarcal do outro uma família bugre da umbanda, durante a adolescência preparava rodas de conversa sobre o genocídio da juventude indígena, os abusos do estado, o decolonialismo, o empoderamento das pessoas LGBT, entre outros, essas trocas construíram o que Pétrus segue dentro de seu trabalho artístico e sua vida pessoal.

Aos vinte e cinco anos, fundou o coletivo GRETA, contrapondo a demanda sexista muito comum na música eletrônica - onde, além de DJ e produtor, também gerava toda a parte gráfica/visual do coletivo. Em 2019 Pétrus fundou a TTTTTT junto com uma equipe 100% TLGBQIA+. A TTTTTT já se destaca na música underground da região, com uma equipe 75% trans, que consegue pensar um ambiente ainda mais aberto e inclusivo para a cena noturna.

Na sua carreira solo, Pétrus Vargas atende pelo projeto PV5000. Seu ativismo cultural somado ao seu talento como DJ fizeram com que circulasse por todas as cabines mais importantes do Brasil e Uruguai. Além de ter suas músicas autorais lançadas em selos da Sérvia e Austrália e sets para o Canadá, Coréia, EUA e Alemanha.

## **Lau Baldo**

Atua como fotógrafo e artista visual independente. Encontra nas ruas os principais temas do seu trabalho, desenvolvendo projetos autorais com ênfase nas questões de gênero e sexualidade documentando a cena LGBTQIAP+.

Participa de dois grupos de estudo de fotografia, no Barraco Cultural, ministrado por Marco Antonio Filho e Tiago Coelho e na Foto síntese, ministrado por Fernando Schmitt. 2021 foi um dos

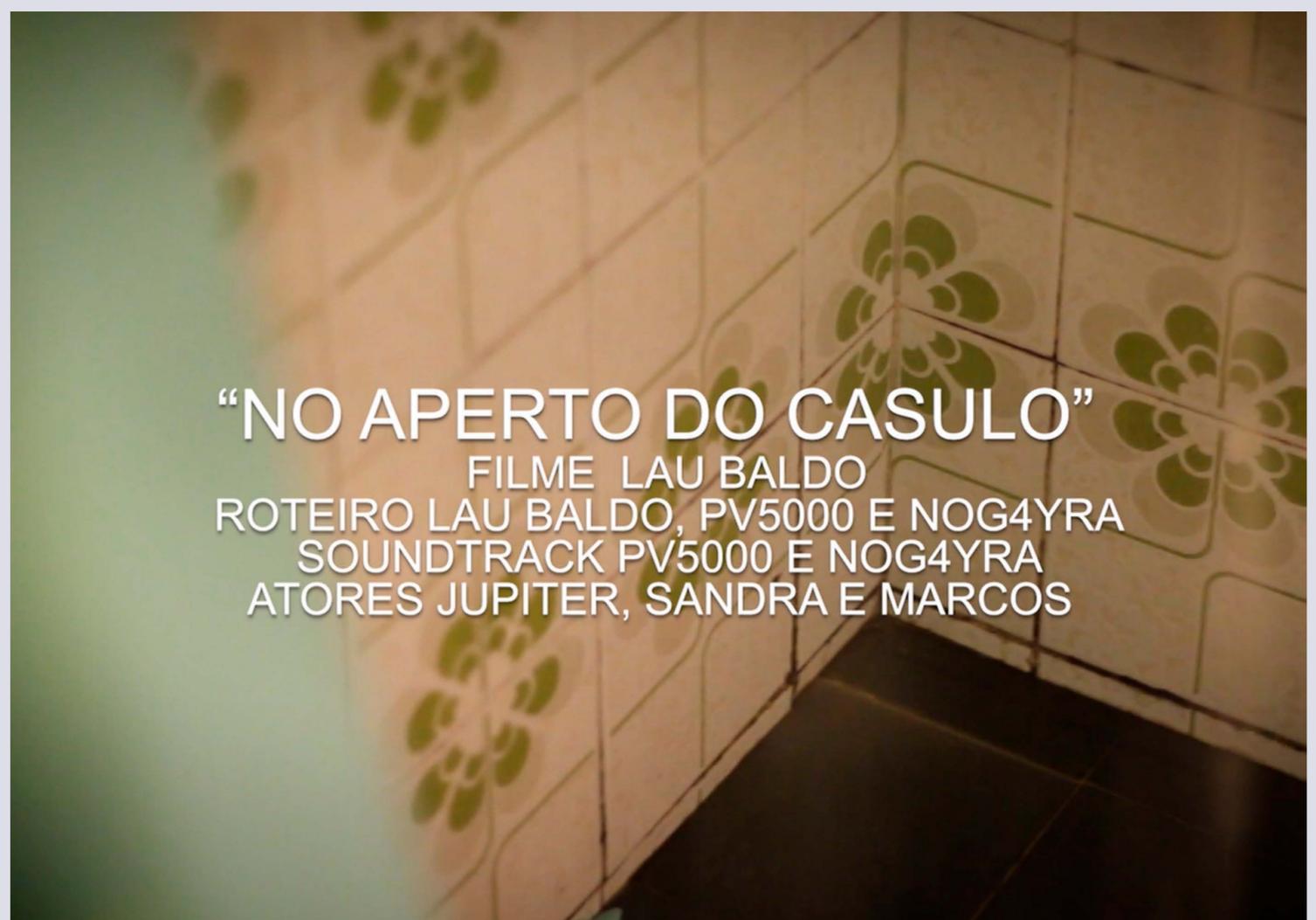
fotógrafos premiados na convocatória do Mídia Ninja. 2020 no mês da visibilidade trans foi convidado para uma exposição coletiva na nova sede do MACRS, Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul. 2019 foi convidado para uma exposição coletiva na Associação Chico Lisboa em Porto Alegre.

Em 2018 expôs individualmente na galeria RM em Santo André - SP. Participou como voluntário do XI Festival Internacional de Fotografia de Porto Alegre - FestFotoPoa.

### **Una Nogueira a.k.a Nog4yra**

É produtor musical, DJ, estudante de psicologia e membro do coletivo LGBTQIA+ TTTTT de Porto Alegre (RS). Recorre dos compassos permeados à investigação da psiquê para resistir e assegurar um sentido autônomo e fortalecedor a sua existência.

Multi-instrumentista e nascido na região metropolitana, os urros dos tambores e baterias sempre foram a forma mais franca de comunicar os urros internos do ser-pessoa-criança-não-cis. No aperto do casulo nasceu, junto a outros corpos trans, novas formas de exprimir e validar essa vivência.





## **No aperto do casulo**

Vídeoarte

Atores: Júpiter (ator principal); Marcos (atendente da tabacaria); Lau Baldo (amigo); Sandra (mãe)

Direção: Lau Baldo, PV5000 e Nog4yra

Montagem: Lau Baldo | Som: PV5000 e Nog4yra | Ano: 202

Nos juntamos para expressar um pouco do nosso dia-a-dia. Esse vídeo é um manifesto, um pedaço de cada um de nós quatro, nossas urgências e atravessamentos, e principalmente, como o externo nos atravessa. Como é ser transmasculino com pouca passabilidade em uma sociedade heteronormativa, com uma família que ainda não viveu os processos da sua transição e palavras que nos mutilam diariamente. Nossos corpos são o nosso interesse de pesquisa. 1



Meu nome é Fefa, tenho 27 anos, moro em São Paulo capital, e sou uma corpa em constante movimentação, transformação e que nunca está no mesmo lugar. A transmutação sempre foi uma presença dentro da minha existência, quando eu passo a me enxergar enquanto corpa que está fora das concepções cis-binárias que o mundo foi construído, eu começo a trabalhar com as minhas potências. A arte foi esse ponto de partida para que a minha expressão sobre em como caber nesse mundo ou expandir ou criar um espaço pra mim nele (ou também criar o meu próprio novo mundo) fosse possível. O trabalho que eu apresento nesse documento hoje se chama “Aonde

Eu Estou Agora?”, uma obra musical composta e elaborada de uma forma muito curiosa e até mesmo imediatista por assim dizer, uma vez que todo projeto se originou da necessidade e urgência de expressar toda enxurrada de sentimentos e emoções que se reverberavam como resultado direto do processo de isolamento social perante ao estado de pandemia e quarentena. Não era um projeto que estava nos meus planos iniciais, porém eu dou valor a verdade e a minha própria voz, dou valor ao que eu sinto por ser um corpo real e que vive, então comecei a trabalhar nas composições para dar vida a toda essa gama de acontecimentos que vinham de mim de dentro para fora, numa espécie de movimento catártico e exponencial. Eu compartilho do pensamento de que arte é feita em coletivo, o papel sócio-político-cultural do artista no país que vivemos e para além da própria arte, portanto a criação em conjunta é o alicerce de coletividades que resultam em redes de apoio, afetividade, carinho e respeito entra nossas corpas. Ao longo de todo período de produção da mixtape, eu convidei muitas artistas pra integrarem o projeto, todas nas quais seus trabalhos me atravessam muito. As minhas bases de pesquisa caminha com o questionamento, com a dúvida, e não com as certezas, não com o equilíbrio, uma vez que eu entendo que meu corpo está no conforto do desconforto da cisgeneridade, ser o ponto de interrogação crucial pra propor mudanças gradativas, ser um corpo. Eu trabalho criando seres híbridos, por também um ser um híbrido, então criar fusões com as minhas áreas de pesquisa e trabalho que são teatro, performance, música e outras potências nas quais minha corpa já caminhou e carrega, são os processos que me mantém viva, ativa, em movimento. Corpa estranha brasileira, transmutayviva e transmetaformo.

# Aonde Eu Estou Agora? Música Ficha Técnica da Mixtape

Direção artística e concepção por Fefa  
Produção audiovisual da equipe criativa

Casa da Fefa

Gravação, mixagem e masterização por

Brisalicia / Bixurdia

Direção artística, fotografia e filmagem

por Zilmarc Paulino

Assistência de Arteprodução por Pablo

Neves

Fashion (máscara e zentai) por Ellias

Kaleb



## 01. O Caminho da Cura

(Com participação especial de AbstratO - @abstratO)  
Produção musical por AbstratO (Piano e demais elementos)  
Letra por Fefa e AbstratO

(Fefa)  
Caia sobre mim  
Caia sobre mim  
Caia sobre mim

Caia  
Caia sobre mim  
Caia sobre mim  
A benção  
A benção

Da glória  
Da vitória

Da conquista  
Do clamor  
Da vitória  
Da alegria  
Da luz  
Caia sobre mim  
Caia sobre mim  
Caia sobre mim  
Caia sobre mim

(AbstratO)

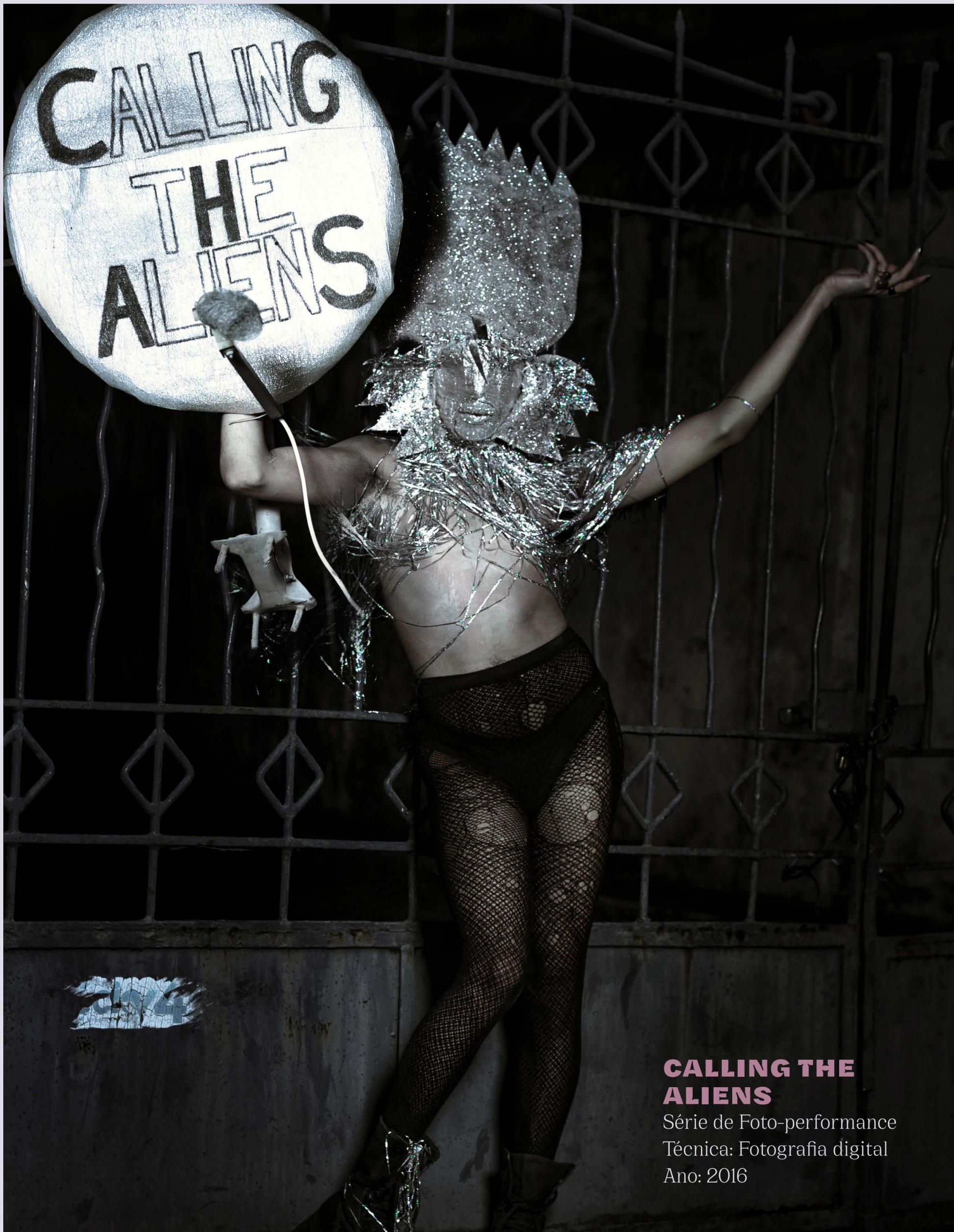
Com os pés soltos no ar,  
Procuro palavras no vão da minha mente soltas no meu mar  
Eu posso ser oceano mental,  
De féu abissal fadada ao cataclisma metamórfico do meu corpo de água e sal  
(À procura de um momento doce)  
Sede de cura, a beira da alucinação  
Estamos todas à procura quase em toda lunação  
Desde o finito suspiro do nascimento ao caminho da morte,  
Com um medo do sentir cair em esquecimento  
E pensar que foi por pura sorte  
Afinal sou corpo e pele, carne e osso, danço ainda à procura do chão  
Imersa em Ondas carnavais, procuro pelo cais que ancorei meu coração  
Eu tenho mente, pulmão, sangue e solidão  
O reflexo me cega, me torna turvo  
Mais uma gota da minha íris pra somar ao mar, que remo em vão  
Que seja sobre mim mas que não pese  
(Que seja sobre mim)  
Que ouçam o meu clamor e sirva de acalanto à qualquer dor,  
Exista a vitória sob a sombra de quem não sou,  
Que faça luz em sombras de um amor que mirrou  
Olhe para si  
Nunca fui de procurar antídoto  
Sei que essa ânsia habita em mim  
Mas a espera é longa, pode ser eterna  
E o oceano de dentro sobre em marés de caos  
Invadindo continentes em angústia, e o mar grita:  
O tempo fez essa canção para invadir teu corpo, alma,  
Essência e coração na esperança de que a cura exista  
Resista  
E ainda sim inundado, estou no caminho da cura  
Nua  
Tortuosa  
Crua e Dolorosa  
Por favor, me dê a cura  
Por favor (Por favor)  
Por favor (Por favor)  
Por favor  
Por favor, me dê a cura

Ana Giselle, pernambucana, é artista multimídia, produtora cultural, curadora de arte, corpo-espetáculo, DJ, idealizadora da Coletividade MARSHA! e articuladora pelos direitos das pessoas trans e travestis no Brasil. É, também, quem dá vida A TRANSÄLIEN, identidade pós-humana híbrida de uma alienígena e transexual que ressignifica os pressupostos equivocados de abjeção acerca dos corpos trans, desintegrando valores constituídos sob o imaginário popular e abrindo espaço para a existência de outras corporalidades não limitadas aos códigos do fundamentalismo cisgênero, transformando sua existência numa potência artística e política. A busca pela liberdade é o seu mistério, por apostar na produção de um corpo opaco, que resiste à captura dos olhares normativos na medida em que desaparece pelos escuros para depois reaparecer em sua luminosidade negra, se configura como uma estratégia fugitiva, um passo fora do domínio do inteligível em favor da liberdade de brilhar outras formas de presença. O anonimato, aqui sugerido através das máscaras, não deve ser lido na chave reativa de um “retorno ao armário” ou “esconderijo”, dado o caráter confrontacional das performances e movimentos de vida de Ana; é, isto sim, uma forma de esconder-se sob a luz dos holofotes e de preservar a própria força, essência e singularidade, em face do consumo intensivo de sua imagem pelos circuitos por onde passa. A máscara enquanto amuleto de proteção, armadura, infinitas faces que não podem ser confundidas com ausência de rosto, mas sim onde reside a sua verdade mais profunda. Desse modo, A TRANSÄLIEN vem pensando espaços do real a serem alcançados por meio da utopia e da ação; Discernindo seus sinais, energia e seus germes no tempo presente, a fim de fomentá-los, assim, levando à luz aos vastos espaços do (im)possível para então fecundá-los.

#corporeidadeshíbridas

#afrotransfuturismo

#utopia



**CALLING THE  
ALIENS**

Série de Foto-performance

Técnica: Fotografia digital

Ano: 2016

Safira Clausberg, resultado de suas próprias emoções, dores e desejos. Um meio canalizador de vidas onde a mesma consegue propagar através da arte o que a vida não a permitiu. Safira não é uma persona e sim uma parte que integra da artista, faz do seu corpo o seu próprio templo. Afroreligiosa, afrofuturista e afrogótica, sereia do asfalto e rainha do luar. Acadêmica de teatro, pedagoga em formação, musicista, estilista e modelo.



**SAFIRA CLAUSBERG**

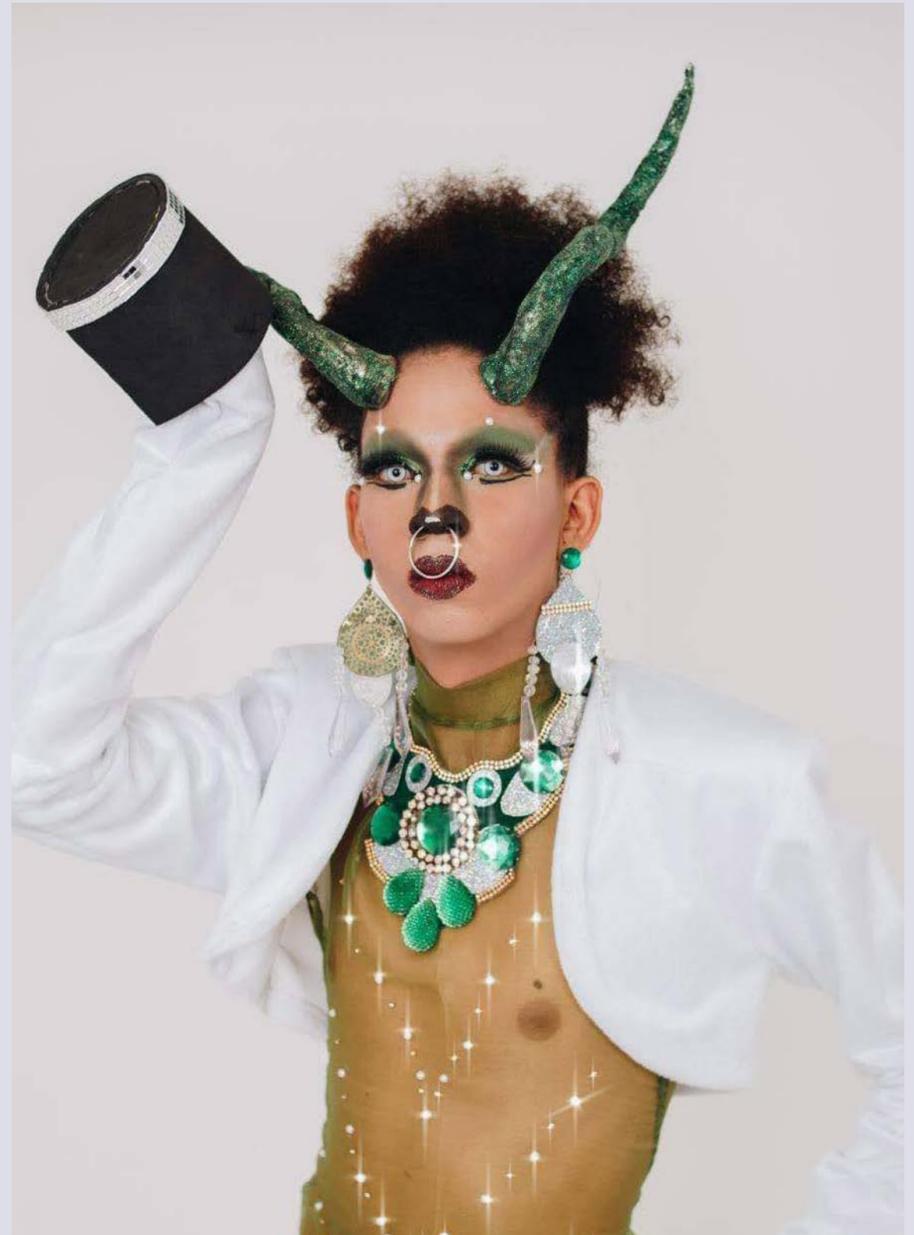
## **ser humano não humanizado**

Fotoperformance | Tamanho: Variados | Para a produtora @hausofshante  
|Maquiagem: Safira Clausberg @safihell\_ | Figurino: Safira Clausberg @safihell\_  
Foto: Jonas Amador @jonasamador | Edição: Jonas Amador @jonas amador |  
Estúdio: Belém Photos | Ano: 2019

“Eu só posso acreditar em alguém que acredita em mim, faço de minhas performances o culto a minha entidade, a SAFIRA é minha religião!”.

Essa questão que venho atravessando enquanto ao eu drag não ser uma ferramenta mas sim a parte que completa, onde há a necessidade de ter essa persona hodiernamente, pois a mesma que me livrou de momentos mais difíceis enquanto a processo de transição, pois foi o meio que encontrei de canalizar energias sendo elas boas ou ruins vindo

daí a visceralidade de sentimentos. Inúmeras vezes me perdi por não entender o papel que eu carregava com a Safira, até mesmo por não entender que ela seria um ser híbrido, sagrado, fluído, transcendental e evoluído. Safira por ser um entidade meu processo de montagem é visto como um ritual, onde nela é carregada uma energia exacerbada, filha de Dama da Noite com seu Zé pelintra onde sua missão é pegar os sentimentos mais puros que possam ser expressados pela humanidade sendo ele o amor ou o ódio. Ela amou intensamente mas infelizmente o seu amor levou a perdição onde foi morta pelo ódio, entretanto o mesmo fez florescer, germinar e procriar. Ela diz “Prefiro ser temida do que amada!” Com a Safira eu levo esse culto para os palcos, como forma de ato político. Ela surge a partir de uma revolta interna de querer sair pro mundo mas não caber nele, todavia ela encontra um corpo desgastado psicologicamente e passa habitar nele fazendo assim uma via mão dupla criando raízes na mulher incrível que serve de templo para a mesma. Prazer Safira Clausberg.



Nessa montagem consigo unificar alguns de meus sentimentos internalizados a partir de uma perspectiva de ser humanos não humanizados, pegando assim um pouco do zodíaco levando em conta a referência do ser de capricórnio que é metade peixe e metade cabra. A arte lúdica de ser humana a partir de uma proposta.



s nossos  
e eternidade

M. D. E. Mello  
1943  
2020



# TRANSJARDINAGEM



Transjardinagem diz muito da paisagem temporal em ruínas na qual se inscreve a trajetória de produção desta exposição, que é por si mesma um arquivo vivo. Desejo propor um movimento de jardinagem partindo de paisagens corporais catastróficas. O jardim-paraíso é uma das paisagens radicais da transformação corporal que proponho com o intuito de romper o pacto colonial na escrita de memórias. Caminhar, irrigar, capinar e existir em jardins-paraísos-catastróficos-tropicais. A produção de um jardim-paraíso combina, na coexistência entre presente, passado e futuro, movimentos climáticos, objetos abandonados, plantas curativas, ferramentas, horticultura multiespecífica e Transespecífica, cipós dispostos esculturalmente, caminhos que duram o tempo dos próprios passos, pederneiras, buracos, cascalhos, brotos, conchas, arbustos, troncos, rastros desenhados por humanos e mais-que-humanos, formações mágicas de pedras, e fluxos polinizadores, simbióticos ou invasivos. As imagens de jardins que se inscrevem sobre ruínas em regiões inóspitas foram as melhores alternativas que consegui criar como incentivos, ferramentas e alternativas à (re)escrita histórica sobre vivências corpo e gênero variantes no Brasil. Como se faz memória, partindo da catástrofe?

Uma Transjardinagem é uma jardinagem que pretende resgatar memórias das ruínas de séculos de destruição; investir em (re)escritas históricas de processos que foram apagados desde o período colonial, suprimidos pela ditadura<sup>7</sup> brasileira em outras configurações e perduram como tentativas de extermínio até os tempos atuais; criar um arquivo brasileiro sobre História e Arte corpo e gênero diversa<sup>8</sup>; apresentar processos artísticos como importantes produtores corporais; valorizar memórias e produções artísticas dessas existências, que não são ainda validadas e visibilizadas em espaços de produção de conhecimento; discutir ontoepistemologias corpo e gênero diversas nas artes; fomentar novos modos de vida em paisagens em ruína; celebrar a imaginação; destruir, por vezes, o que for preciso; produzir uma ética citacional desse grupo e das pessoas desse grupo que o pesquisam é uma das ferramentas de justiça epistêmica anti-

<sup>6</sup> Este texto é trecho adaptado de minha dissertação de mestrado.

<sup>7</sup> Um trecho do meu trabalho sobre a censura histórica a corpos trans pode ser ouvido no NUCUSPOD, produzido pelo NuCuS/UFBA. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=b\\_53YCUlxtg](https://www.youtube.com/watch?v=b_53YCUlxtg). Acesso em: 03 dezembro 2020.

<sup>8</sup> Um arquivo brasileiro sobre pessoas corpo e gênero diversas produzido por pessoas corpo e gênero diversas, e um arquivo sobre pessoas corpo e gênero diversas brasileiras.

<sup>9</sup> CRENSHAW, Kimberlé W. **On intersectionality: Essential writings**. Nova York, The New Press, 2017.

colonial e de traço histórico das nossas vivências e produções; produzir suportes para debates sobre diversidade de gênero e suas interseccionalidades<sup>9</sup>, como processos étnico-raciais, deficiência, classe, sexualidade, e outros; criar paisagens radicais para outros futuros.

Criei essa metodologia para utilizá-la no Arquivo Histórico do Museu Transgênero de História e Arte (MUTHA). O MUTHA é uma obra artística e uma tecnologia transformacional de formação de arquivo, que coleta histórias reais e/ou semi-ficcionais sobre pessoas corpo e gênero diversas heroínas e transcestrais, através de memórias transmitidas por variadas comunidades; apresentação de fatos históricos registrados academicamente pela cisgeneridade sobre pessoas corpo e gênero diversas heroínas e transcestrais publicados em pesquisas em periódicos científicos ou revistas de alta circulação, que precisem de (re)escrita histórica, em formas que disputem omissões, invisibilidades e destruições de arquivo, apontem equívocos e sugiram transformações; histórias transgêneras contemporâneas - e/ou histórias de suas comunidades e grupos com os quais vivem ou viveram, que se relacionem com a memória e a produção cultural corpo e gênero diversa - reais, ficcionais e semi-ficcionais; aspectos da história de pessoas corpo e gênero diversas, da suas existências e das existências de sua comunidades, como memórias sobre artistas, ativistas e outras pessoas membras de seu grupo social, vivas, falecidas ou assassinadas; aspectos da história dos movimentos político-sociais, ações coletivas e modos de vida comunitários transgêneros, registrados ou não academicamente; debates sobre História e Arte transgênera brasileira; debates em perspectivas anti-coloniais, étnico-raciais e transfeministas; destruição de arquivos de violência; exploração audiovisual de processos criativos ou obras artísticas, literárias e/ou intelectuais, criadas ou não em âmbito universitário, já apresentadas para a comunidade ou ainda inéditas. Esta exposição vem então apresentar e abrir o próprio Arquivo Histórico MUTHA, através de obras artísticas sobre memórias, coletadas através desta curadoria.

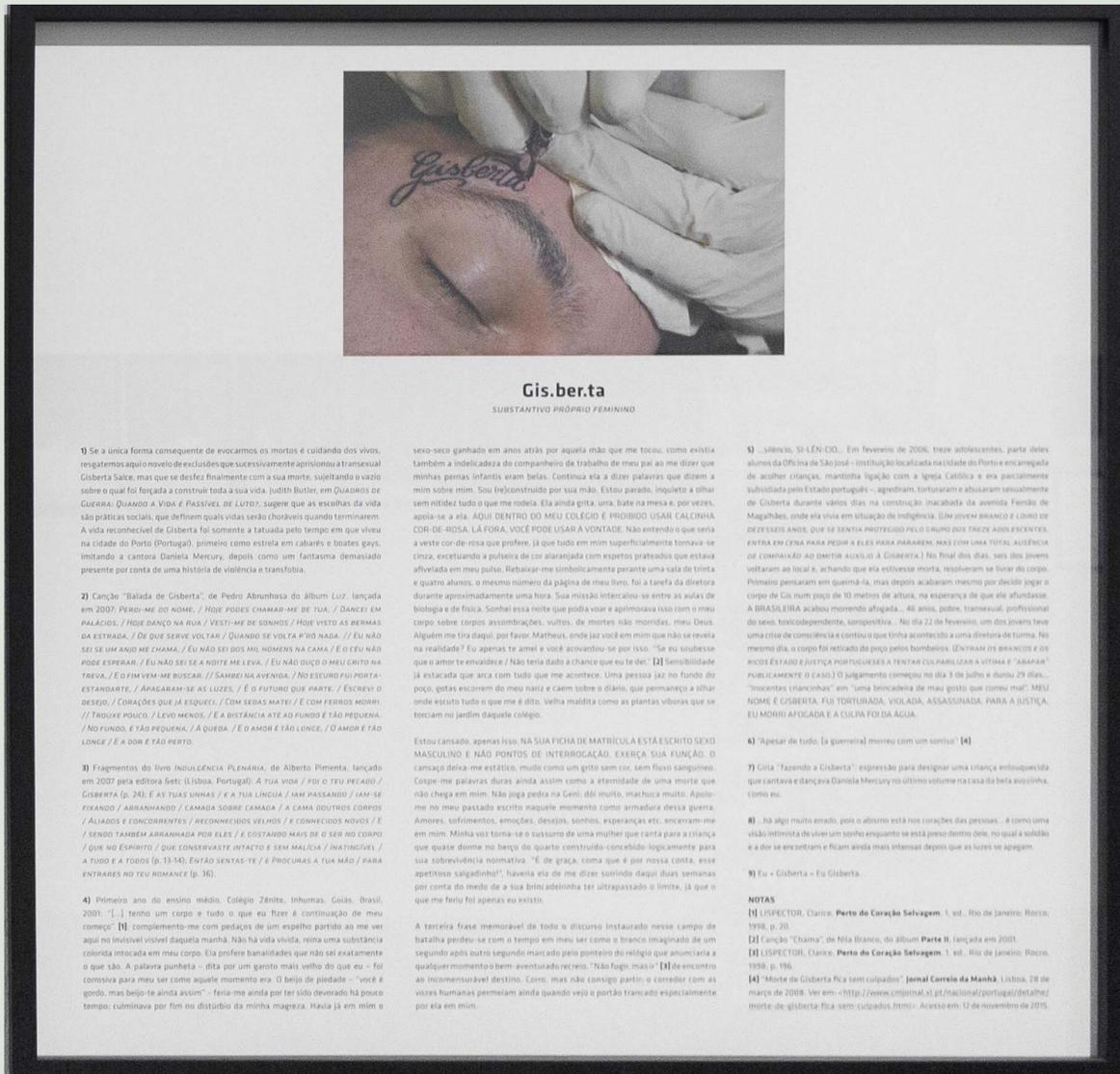
A Transjardinagem é, como a nomenclatura adianta, um processo transformacional. Ela está mais focada no processo de formação do jardim-paráiso do que no jardim em si, como resultado. Expor então as estratégias de capino, preparo do solo, escolha das plantas, plantio das sementes, seleção de mudas, irrigação e manutenção é uma estratégia política, social e econômica de propagação de sementes, uma exponenciação do arquivo. Esta exposição pretende, assim, não apresentar um produto artístico, historiográfico, genealógico, arqueológico ou narrativas fixas, mas fornecer algumas chaves de continuidade e pistas possíveis para perpetuar essa árdua tarefa de produção e manejo de um arquivo corpo e gênero diverso. E, talvez, nesse percurso, poder ensaiar perguntas: Onde estão as pessoas corpo e gênero diversas na História da Arte? Como grafar nossas memórias?

Uma Transjardinagem é um ritual de cura para criação de memórias. As obras que aqui estão produzem feitiços contra as feridas coloniais causadas pela História cisheteronormativa branca, ocidental e capaz, criando memórias resistentes à objetificação, exotificação, hipersexualização, apagamento, extermínio, camuflagem ou borramento.

Primeiro as localidades – onde plantar? Depois, no preparo do solo, é preciso que se proceda a mais importante operação: uma (re)escrita histórica como ferramenta criativa, com intuito de **disputar** omissões, invisibilidades e destruições de arquivo, apontando normatividades em fatos registrados pela cisgeneridade branca e sugerindo transformações. Essa proposta justifica-se pela ausência de uma historicização da cisgeneridade, como perpetuação política, social e econômica de sua hegemonia ontoepistêmica. Após o preparo do solo, temos a escolha das plantas. A escolha das plantas leva em consideração todas as variáveis até aqui tratadas, e é sempre relacional. Num jardim-paráiso nada está dado antecipadamente e nenhuma dessas variáveis é independente umas das outras ou independente das teias de relações de saber e poder aos quais estão circunscritas.

É preciso que se considere igualmente a temporalidade do plantio das sementes. A coexistência entre presente, passado e futuro indica a inscrição de operações temporais de diversas ordens nos discursos: simulações, projeções, criações, reinterpretações, omissões, repetições e fluxos. Por fim, temos a seleção de mudas, irrigação e manutenção do jardim-paraíso, onde a História não é dada e onde as memórias são processos de cura para produção de seres e mundos pela transformação corporal.





**Eu Gisberta**  
 Fotografia e texto-manifesto  
 Tamanho: 100 cm x 100 cm  
 Edição: 5 + 2 P.A.  
 Ano: 2015

Com ênfase na body art, exploro uma série de procedimentos artísticos em que mesclo a minha autobiografia com outras histórias reais e ficcionais, reunindo elementos da literatura, da cultura contemporânea e mitologias de civilizações diversas. Em “Eu Gisberta” (2015) – bem como em outros trabalhos de body art executados por meio da tatuagem –, mantenho sobre o meu próprio corpo uma exposição ininterrupta, a qual opera como uma estética relacional, trazendo permanentemente à luz a sombria história que circunda Gisberta Salce, travesti brasileira brutalmente assassinada na cidade do Porto, em Portugal, no ano de 2006, mais uma vítima da transfobia.

## Gis.ber.ta

substantivo próprio feminino

1) Se a única forma consequente de evocarmos os mortos é cuidando dos vivos, resgatemos aqui o novelo de exclusões que sucessivamente aprisionou a travesti.

Gisberta Salce, mas que se desfez finalmente com a sua morte, sujeitando o vazio sobre o qual foi forçada a construir toda a sua vida. Judith Butler, em *Quadros de Guerra: Quando a Vida é Passível de Luto?*, sugere que as escolhas da vida são práticas sociais, que definem quais vidas serão choráveis quando terminarem. A vida reconhecível de Gisberta foi somente a tatuada pelo tempo em que viveu na cidade do Porto (Portugal), primeiro como estrela em cabarés e boates gays, imitando a cantora Daniela Mercury, depois como um fantasma demasiado presente por conta de uma história de violência e transfobia.

2) Canção “Balada de Gisberta”, de Pedro Abrunhosa do álbum *Luz*, lançada em 2007: Perdi-me do nome, / Hoje podes chamar-me de tua, / Dancei em palácios, / Hoje danço na rua / Vesti-me de sonhos / Hoje visto as bermas da estrada, / De que serve voltar / Quando se volta p’ró nada. // Eu não sei se um anjo me chama, / Eu não sei dos mil homens na cama / E o céu não pode esperar. / Eu não sei se a noite me leva, / Eu não ouço o meu grito na treva, / E o fim vem-me buscar. // Sambei na avenida, / No escuro fui porta-estandarte, / Apagaram-se as luzes, / É o futuro que parte. / Escrevi o desejo, / Corações que já esqueci, / Com sedas matei / E com ferros morri. // Trouxe pouco, / Levo menos, / E a distância até ao fundo é tão pequena, / No fundo, é tão pequena, / A queda. / E o amor é tão longe, / O amor é tão longe / E a dor é tão perto.

3) Fragmentos do livro *Indulgência Plenária*, de Alberto Pimenta, lançado em 2007 pela editora etc (Lisboa, Portugal): A tua vida / foi o teu pecado / Gisberta (p. 24); E as tuas unhas / e a tua língua / iam passando / iam-se fixando / arranhando / camada sobre camada / a cama doutros corpos / Aliados e concorrentes / reconhecidos velhos / e conhecidos novos / E / sendo também arranhada por eles / e gostando mais de o ser no corpo / que no Espírito / que conservaste intacto e sem malícia / Inatingível / a tudo e a todos (p. 13-14); Então sentas-te / e Procuras a tua mão / para entrares no teu romance (p. 36).

4) Primeiro ano do ensino médio, Colégio Zênite, Inhumas, Goiás, Brasil, 2001: “[...] tenho um corpo e tudo o que eu fizer é continuação de meu começo” [1]; complemento-me com pedaços de um espelho partido ao me ver aqui no invisível visível daquela manhã. Não há vida vivida, reina uma substância colorida intocada em meu corpo. Ela profere banalidades que não sei exatamente o que são. A palavra punheta – dita por um garoto mais velho do que eu – foi corrosiva para meu ser como aquele momento era. O beijo de piedade – “você é gordo, mas beijo-te ainda assim” – feria-me ainda por

ter sido devorado há pouco tempo; culminava por fim no distúrbio da minha magreza. Havia já em mim o sexo-seco ganhado em anos atrás por aquela mão que me tocou, como existia também a indelicadeza do companheiro de trabalho de meu pai ao me dizer que minhas pernas infantis eram belas. Continua ela a dizer palavras que dizem a mim sobre mim. Sou (re)construído por sua mão. Estou parado, inquieto a olhar sem nitidez tudo o que me rodeia. Ela ainda grita, urra, bate na mesa e, por vezes, apoia-se a ela. AQUI DENTRO DO MEU COLÉGIO É PROIBIDO USAR CALCINHA COR-DE-ROSA. LÁ FORA, VOCÊ PODE USAR À VONTADE. Não entendo o que seria a veste cor-de-rosa que profere, já que tudo em mim superficialmente tornava-se cinza, excetuando a pulseira de cor alaranjada com espetos prateados que estava afivelada em meu pulso. Rebaixar-me simbolicamente perante uma sala de trinta e quatro alunos, o mesmo número da página de meu livro, foi a tarefa da diretora durante aproximadamente uma hora. Sua missão intercalou-se entre as aulas de biologia e de física. Sonhei essa noite que podia voar e aprimorava isso com o meu corpo sobre corpos assombrações, vultos, de mortes não morridas, meu Deus. Alguém me tira daqui, por favor. Matheus, onde jaz você em mim que não se revela na realidade? Eu apenas te amei e você acovardou-se por isso. “Se eu soubesse que o amor te envaidece / Não teria dado a chance que eu te dei.” [2] Sensibilidade já estacada que arca com tudo que me acontece. Uma pessoa jaz no fundo do poço, gotas escorrem do meu nariz e caem sobre o diário, que permaneço a olhar onde escuto tudo o que me é dito. Velha maldita como as plantas víboras que se torciam no jardim daquele colégio. Estou cansado, apenas isso. NA SUA FICHA DE MATRÍCULA ESTÁ ESCRITO SEXO MASCULINO E NÃO PONTOS DE INTERROGAÇÃO, EXERÇA SUA FUNÇÃO. O cansaço deixa-me estático, mudo como um grito sem cor, sem fluxo sanguíneo. Cospe-me palavras duras ainda assim como a eternidade de uma morte que não chega em mim. Não joga pedra na Geni; dói muito, machuca muito. Apoio-me no meu passado escrito naquele momento como armadura dessa guerra. Amores, sofrimentos, emoções, desejos, sonhos, esperanças etc. encerram-me em mim. Minha voz torna-se o sussurro de uma mulher que canta para a criança que quase dorme no berço do quarto construído-concebido logicamente para sua sobrevivência normativa. “É de graça, coma que é por nossa conta, esse apetitoso salgadinho!”, haveria ela de me dizer sorrindo daqui duas semanas por conta do medo de a sua brincadeira ter ultrapassado o limite, já que o que me feriu foi apenas eu existir. A terceira frase memorável de todo o discurso instaurado nesse campo de batalha perdeu-se com o tempo em meu ser como o branco imaginado de um segundo após outro segundo marcado pelo ponteiro do relógio que anunciaria a qualquer momento o bem-aventurado recreio. “Não fugir, mas ir” [3] de encontro ao incomensurável destino.

Corro, mas não consigo partir; o corredor com as vozes humanas permeiam ainda quando vejo o portão trancado especialmente por ela em mim.

5) ...silêncio, SI-LÊN-CIO... Em fevereiro de 2006, treze adolescentes, parte deles alunos da Oficina de São José - instituição localizada na cidade do Porto e encarregada de acolher crianças, mantinha ligação com a Igreja Católica e era parcialmente subsidiada pelo Estado português -, agrediram, torturaram e abusaram sexualmente de Gisberta durante vários dias na construção inacabada da avenida Fernão de Magalhães, onde ela vivia em situação de indigência. (Um jovem branco e loiro de dezesseis anos, que se sentia protegido pelo grupo dos treze adolescentes, entra em cena para pedir a eles para pararem, mas com uma total ausência de compaixão ao omitir auxílio à Gisberta.) No final dos dias, seis dos jovens voltaram ao local e, achando que ela estivesse morta, resolveram se livrar do corpo. Primeiro pensaram em queimá-la, mas depois acabaram mesmo por decidir jogar o corpo de Gis num poço de 10 metros de altura, na esperança de que ele afundasse. A BRASILEIRA acabou morrendo afogada... 45 anos, pobre, travesti, trabalhadora do sexo, toxicodependente, soropositiva... No dia 22 de fevereiro, um dos jovens teve uma crise de consciência e contou o que tinha acontecido a uma diretora de turma. No mesmo dia, o corpo foi retirado do poço pelos bombeiros. (Entram os brancos e os ricos Estado e Justiça portugueses a tentar culpabilizar a vítima e “abafar” publicamente o caso.) O julgamento começou no dia 3 de julho e durou 29 dias... “Inocentes criancinhas” em “uma brincadeira de mau gosto que correu mal”. MEU NOME É GISBERTA. FUI TORTURADA, VIOLADA, ASSASSINADA. PARA A JUSTIÇA, EU MORRI AFOGADA E A CULPA FOI DA ÁGUA.

6) “Apesar de tudo, [a guerreira] morreu com um sorriso” [4].

7) Gíria “fazendo a Gisberta”: expressão para designar uma criança enlouquecida que cantava e dançava Daniela Mercury no último volume na casa da bela avozinha, como eu.

8) ...há algo muito errado, pois o abismo está nos corações das pessoas... é como uma visão intimista de viver um sonho enquanto se está preso dentro dele, no qual a solidão e a dor se encontram e ficam ainda mais intensas depois que as luzes se apagam.

9) Eu + Gisberta = Eu Gisberta.



## NOTAS

[1] LISPECTOR, Clarice. *Perto do Coração Selvagem*. 1. ed., Rio de Janeiro: Rocco, 1998, p. 20.

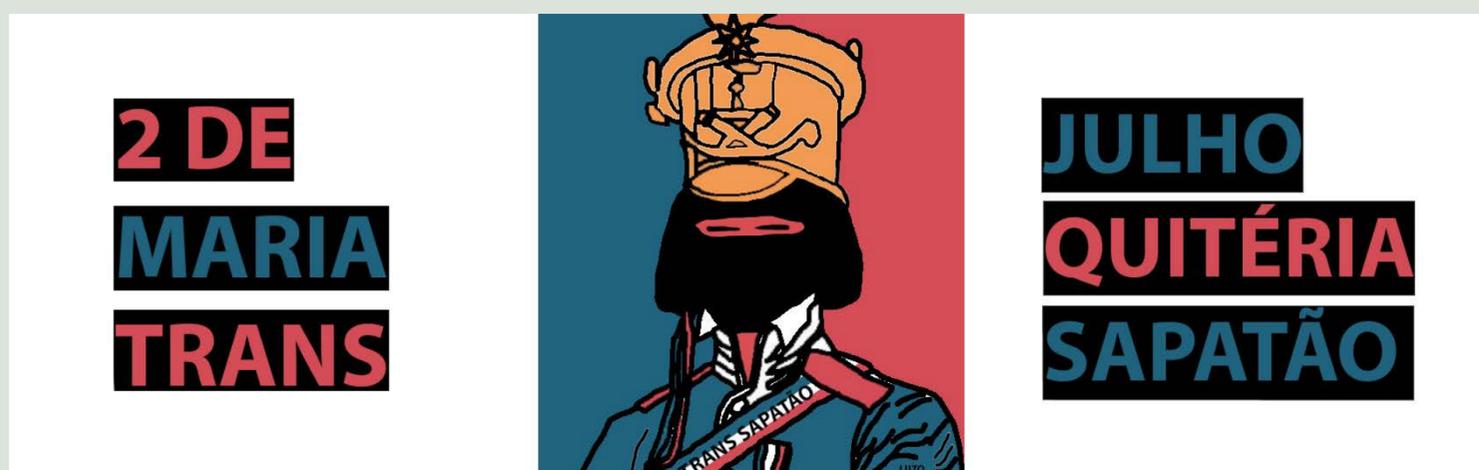
[2] Canção "Chama", de Nila Branco, do álbum *Parte II*, lançada em 2001.

[3] LISPECTOR, Clarice. *Perto do Coração Selvagem*. 1. ed., Rio de Janeiro: Rocco, 1998, p. 196.

[4] "Morte de Gisberta fica sem culpados". *Jornal Correio da Manhã*, Lisboa, 28 de março de 2008.

Ver em: <https://www.cmjornal.pt/portugal/detalhe/morte-de-gisberta-fica-sem-culpados>. Acesso em: 12 de novembro de 2015.

Tali boy faz parte da multidão de dissidências de gênero e sexualidade, portanto nomeia-se como sapatão transmasculine e artista urbana. Atualmente está realizando o isolamento social no interior da Bahia - Vitória da Conquista - e finalizando o mestrado em poéticas visuais na EBA-UFBA, onde tem se debruçado sobre o LUTO e como impactar a esfera pública com as questões de identidade, gênero, raça, classe e sexualidade.



## Maria Quitéria Transsapatão

Ilustração Digital

Tamanho: Vários

Ano: 2020

MARIA QUITÉRIA TRANS SAPATÃO, nasceu em Feira de Santana, no ano de 1792, ressurgiu em 2020 para contar o que a história não conta, umx baiane arretade que através da sua ousadia desafiou as normas sociais e foi figura central na luta pela Independência da Bahia. Maria Quitéria era experiente na caça e na pesca, assim como no manejo de armas. Diferente das moças de sua época, ela, ele ou elu era uma pessoa independente e contrariava os padrões da sociedade. Em 1821, fugiu da fazenda em que morava com a família e, sob a identidade masculina, alistou-se no Batalhão de Voluntários do Príncipe, também conhecido como Batalhão dos Periquitos, que estava estacionado na Vila de Cachoeira. Atuou no regimento de artilharia e foi alçada a 1ª cadete pelo general Pedro Labatut. Após a guerra, foi condecorada com a Imperial Ordem do Cruzeiro pelo imperador Pedro I do Brasil, que também lhe concedeu um soldo vitalício de alferes. Do ponto de vista histórico, muito pouco se sabe a respeito da infância e juventude de Maria Quitéria. As fontes documentais a esse respeito são bastante

limitadas. Por outro lado, uma série de biografias romanceadas tem atribuído fatos à sua trajetória que não puderam até hoje ser verificados nas fontes. (Fonte Wikipédia)

Uma dessas fontes garante que Quitéria teve vários amores tórridos com figuras que reconheciam sua identidade de gênero como mulheres, ou não necessariamente mulheres, mas que reconhecia-se como sapatão, essas mesmas fontes garantem que sua vida foi muito intensa e que deu e sentiu muito prazer livre das normatividades binárias de gênero e sexualidade. Se vc acha que tem algum anacronismo nisso tudo, arrisco dizer que seja a pandemia que vivemos agora.

#2dejulho

#mariaquitériatranssapatão

#sapatransbonde

Curtir

Copiar

Denunciar

Babi Mello (a.k.a. Foguentinho Online) é artista indisciplinar e diretor criativo transmasculino, bacharel em artes visuais pela UNICAMP. Em sua pesquisa, o corpo se coloca como território de investigação, sendo principal mídia e tema. Orbita questões de gênero, sexualidade, violência, memória, disforia, normatividade e obsessão pela autoimagem (selfie), considerando a dualidade entre matéria física e cultura virtual/cyber. Utiliza da performance, escultura, cerâmica, pintura, vídeo e fotografia como plataforma para seus trabalhos.





**Lápide (Memento mori)**  
**Série EDPDT – Estudos de Processos de Transição**

Lápide de argila crua | Peso: 4,5 kgs | Ano: 2020

Lápide foi realizado em junho de 2020, momento crucial para o desenvolvimento em minha transição de gênero e mundialmente a crise sanitária e social provocada pelo corona vírus. Comecei a estudar tokens de morte, lápides, e a possibilidade e viabilidade de realizar uma lápide de cerâmica. Executei minha lápide de cerâmica sem queimar e coloquei-a na natureza para vê-la se decompor com o tempo, e eventualmente, sumir. Gravado na lápide estão as palavras que eu gostaria que estivessem escritas na minha lápide real, para a eternidade.

Nascida na beirada entre Minas e Bahia, mistura montanhas e dendê para criar processos artísticos que envolvem cura, memória, ancestralidade, biopolítica em uma encruzilhada diaspórica sertaneja no litoral. Artista interdisciplinar navega nas artes visuais em suportes como a performance e a escultura, cria microfilmes, escreve crônicas, costura e esculpe figurinos, cerâmicas, modifica faces utilizando maquiagem com elementos orgânicos ou sintéticos. Atualmente vive e trabalha na cidade de Salvador - BA.



## Mapa da Violência

Tamanho: 60 cm X 45 cm X 35 cm

Técnica: 13 placas triangulares (Cerâmica vitrificada com cobre e oxidação de ferro, estrutura de arame galvanizado e cobre + caixa de madeira e couro)

Ano: 2018



## Máquina de Guerra

Fotografia e texto-manifesto

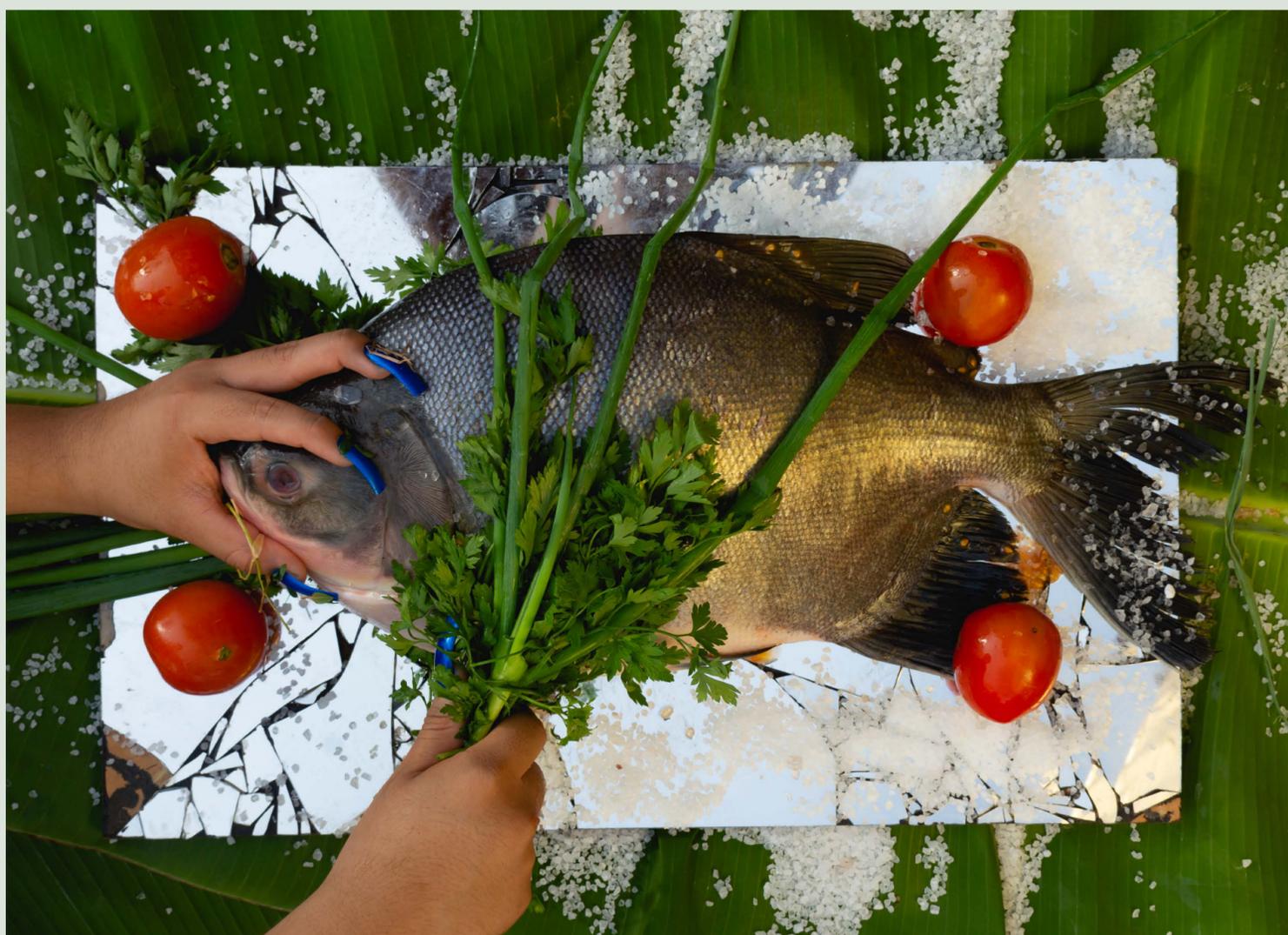
Tamanho: 100 cm x 100 cm

Edição: 5 + 2 P.A.

Ano: 2015

Os dois objetos cerâmicos foram escolhidos dentro de toda a minha criação por ser pertencentes a uma série: Ensaio sobre a cura (3 performances + 3 foto-performances + 5 esculturas + 2 Livros de artista), onde me debruço sobre questões de identidade e memória da população transvestigênera. Busco entender os ataques a corpos não normativos como ferramenta da necropolítica; perceber no corpo e na psique as marcas deixadas por esses ataques; compreender e elaborar as estratégias de subversão, tendo a cura (resgate da cultura de auto-manutenção) como principal ferramenta, reapropriar de ferramentas ancestrais como maneira de produção de saúde psicofísica. Essas esculturas em cerâmica criam uma armadura (Máquinas de Guerra, 2017) na tentativa de proteger meu corpo e o das outras, criando um marco para a memória das que morreram para que eu pudesse continuar viva (Mapa da Violência, 2018), nessa escultura eu crio uma representação em pedra do dossiê criado pelo ANTRA para denunciar a morte de minhas comparsas trans e travestis.

Me chamo Rafa Kennedy, 1994, nasci e fui criada em Manaus - Amazonas e atualmente resido em Campinas, no interior de São Paulo, onde desde 2017 desenvolvo o projeto coletivo Ateliê TRANSmoras, que celebra a vida de travestis e pessoas trans, projetando a autonomia como um ato político. Pessoalmente acredito na força que as memórias possuem, utilizo as artes visuais como uma ferramenta chave de mudanças e enfrentamento à violências estruturais. Em um campo de disputa do imagético social desnaturalizo a não-presença de travestis e pessoas trans, expondo belezas descamadas de hegemonias, construindo um registro ancestral do agora. Fomento, assim, um movimento artístico que se volta à naturalização e valorização de vidas brasileiras não-normativas, fazendo da fotografia também um lugar de aproximação, compreensão e reconhecimento, causando rupturas nas moralidades e éticas enraizadas no Brasil.



## Vida entre brechas

Escrito por Rafa Kennedy e Antonia Moreira

Há um fio condutor que liga passado e presente, construindo o futuro de forma incessante. Se firmam nessa linha nossas ancestralidades por meio da memória, imaginação e corporeidade.

A mão que se prepara para 'ticar' o peixe e que se alimenta de sua cabeça é a mesma que racha a episteme ocidental com o conhecimento

da natureza que a mantém existindo.

Da mesma forma, a corpa, a experimentação e a arte são dádivas das existências que carregam poder, histórias e segredos. A magia está nas mãos das que gingam dentro das limitações do que pode ser essa corpa num mundo dito “moderno”.

O agora é um chamado, pois é necessário compreender a potência da vida entre as fissuras, de explodir a criatividade dentro do peito para que o ‘coió vire gozo’.

Encarar esta corpa-ruptura é desnaturalizar sua não presença. Se voltar à mesa, por sua vez, é descolar a visão para o caminho a ser atravessado até a dignidade. Abundância em um brinde ao encontro. Esse trabalho é um desejo por reverberar a vida. Oferendar sementes do nosso tempo àquelas que vieram antes e que ainda virão. Naturalizar experiências e existências com pratos fartos nos labirintos que construímos.



## Créditos Geral

Fotografia: Rafa Kennedy  
Ano: 2021

Provocação: M. Journal  
Direção de Arte: Rafa Kennedy, Daniel Moraes e Vicenta Perrotta

Styling: Vicenta Perrotta  
Beleza: João Francavilla  
Unhas: Paola Vellazi, Jade Magalhães e Vicenta Perrotta

Apoio: Ateliê  
TRANSmoras,  
Comunidade Menino  
Chorão e Xirê Axé dos  
Orixás

Loren Minzú é pessoa nascida no território São Gonçalo, graduande em Artes na Universidade Federal Fluminense e atuante nas artes visuais, performance e cinema. Se move à disrupção dos sistemas simbólicos que constituem as ficções da matriz cis-colonial que instauram o capitalismo global, propondo diálogos com outras noções de corpo e tempo-espço. Atua como pesquisadore no campo dos saberes subalternizados dentro dos planos estéticos e políticos das relações pessoais e institucionais.



## Um dia encontrarei com o Segredo dessa Terra

Vídeoarte

Material: Marreta e ponteiro

Duração: 00:53:55 minutos

Ano: 2020

Processo arqueológico feito no território onde nasci, Pita/SG - RJ. Escavo camada de asfalto à procura das pedras paralelepípedas que compunham a rua de minha memória. Tento retirar a pedra, buscando a camada de tempo anterior à minha existência. Negocio o desejo de transcender a temporalidade de minha corpa com a pedra, que resiste. Entrego então, a possibilidade de disrupção ao sistema daquele espaço através do espelho, que reflete o céu sobre a escavação.



# SUMÉ AGUIAR, ANIS YAGUAR, BRUNO MAGLIARI, GIULIA MARIA REIS, LUCAX MATEDE, LOREN MINZÚ, TUCA MELLO



## Escritas ao entorno da carne

Curta Metragem / Ação coletiva

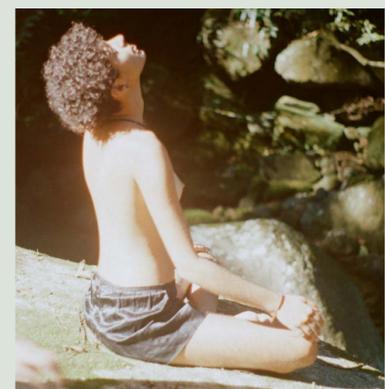
Tamanho: 00:19:53 minutos

Ano: 2021

Direção, roteiro e montagem: Sumé Aguiar

Direção de fotografia e câmera: Anis Yaguar, Loren Minzu, Tuca Mello e Sumé Aguiar.

Corporalidades e performance: Anis Yaguar, Bruno Magliari, Giulia Maria Reis, Lucax Matede, Loren Minzú, Tuca Mello e Sumé Aguiar



É um híbrido de documentário e ficção que compartilha sobre os diferentes posicionamentos das corporalidades em meio a instituição de arte e a mata. Entre a linha tênue da performance e do cotidiano, é explorado formas e questionamentos acerca da criação de memórias e do desdobramento do discurso de gênero.

Tuca Mello, artista multimídia, nasce no Rio de Janeiro, em processo de formação no curso de Artes na Universidade Federal Fluminense. Seus trabalhos consistem em articulações que circundam o corpo; desejo e gênero, e criações de ambientes/atmosferas. Sua linha de pesquisa explora a criação de subjetividades que atravessam a corpa, uma constante troca entre o corpo e a matéria, uma tentativa de desmembramento do corpo binário hegemônico a partir de modificações corporais, simbioses e transmutações. Uma investigação da relação entre território e memória, ficção e mistério. Em sua prática artística desenvolve trabalhos em diversos meios, principalmente no hibridismo entre audiovisual e estudos em corpo e plasticidades.



### **Percursos salinos**

Instalação

Material: Sal grosso, sangue (sangue, água e corante vermelho) e obsidiana

Ano: 2020

Percursos salinos é um trabalho feito por rastros de sal. As formas vão se elaborando a partir de símbolos difusos que me chegam. O vermelho chega manchando os grãos brancos de sal, o meu sangue é impresso no percurso, um pouco de mim permanece, outra parte segue moldando as estruturas efêmeras salinas, frágeis, que se dissolvem em atrito com o vento e com a água. É um caminho de depuração, onde procuro formar um chão que seja mais seguro de se fixar, um processo de lavagem das solas dos pés que andam carregados dos sedimentos urbanos.

Pessoalmente acredito na força que as memórias possuem, utilizo a fotografia como uma ferramenta chave de mudanças e enfrentamento à violências estruturais. Em um campo de disputa do imagético social desnaturalizo a não-presença de travestis, expondo belezas descamadas de hegemonias, buscando inserir suas estéticas no contexto contemporâneo das artes e construindo um registro ancestral do agora. Fomento, assim, um movimento artístico que se volta à naturalização e valorização de vidas brasileiras não-normativas, fazendo da fotografia também um lugar de aproximação, compreensão e reconhecimento, causando rupturas nas moralidades y éticas enraizadas no Brasil. Me chamo Rafa Kennedy, tenho 26 anos, nasci e fui criada em Manaus - Amazonas y atualmente resido em Campinas, no interior de São Paulo, onde há 4 anos desenvolvo o projeto coletivo Ateliê TRANSmoras, que celebra a vida de travestis e pessoas trans, projetando a autonomia como um ato político.

## Onda



Música  
 Produção musical: Artur Paranhos e Igor Galindo  
 Ano de gravação: 2019  
 Engenheiro de gravação e mixagem: 2019  
 Letra: Inaê  
 Música: Inaê  
 Arranjador: Artur Paranhos e Igor Galindo  
 Intérprete: Inaê  
 Músicos: Bateria - Igor Galindo, Percussão - Igor Galindo, Baixo - Artur Paranhos e Igor Galindo, Teclados - Artur Paranhos e Igor Galindo, Guitarras - Artur Paranhos, Programações - Artur Paranhos e Igor Galindo, Efeitos - Artur Paranhos.

## Letra:

Onde-me  
Leve na sua praia  
Sereia guitarra  
Mulher explosão  
Venha ver  
Correr o vento  
Ser meu pensamento  
Ser meu caminhão  
Carregar  
O que prevejo  
Maré de desejo  
Sem embarcação  
Folga  
O nó do meu cabelo  
Água lambe inteiro  
Corpo devoção  
Onde a onda vai  
Onde a onda vem  
Onde a onda vai  
Venha ser meu bem (também)  
Segura  
Na minha saia  
E não desamarra  
Dessa união  
Chega  
Com esse molejo  
Entrelaça os dedos  
Leva a minha mão  
Enluara  
Nossos rostos  
Já não tenho porto  
Desfiz num borrão  
Marinar  
O nosso beijo  
Escolho o desejo  
Tentar tentação  
Onde a onda vai  
Onde a onda vem  
Onde a onda vai  
Venha ser meu bem (também)

## **Tibiras Online** **Coletivo das Liliths**

Atriz e Cantora  
Espetáculo Cênico  
Ano: 2021

Tibiras Online é um projeto de reverberação do espetáculo Tibiras, construção colaborativa do Coletivo das Liliths sobre a imagem de Tibira, uma existência Tupinambá que transcendia os conceitos de gênero e sexualidade cristãos - que desde a época invadia, saqueava e matava terras que não se submetiam a sua cultura. Esse projeto tem o apoio do Estado da Bahia através da Secretaria de Cultura e do Centro de Culturas Populares Identitárias (Programa Aldir Blanc Bahia) via lei Aldir Blanc direcionada pela Secretaria Especial de Cultura do Ministério do Turismo, Governo Federal.



## **LARISSA CEMITÉRIO**

Artista multimídia carioca, atuando em São Paulo, adentrando em diversas áreas tais como performance, modelagem, produção dentre outras.

## **LINO CALIXTO**

Lino Calixto é trans não-binário prete paraense, trabalha como artista-pesquisador, ator, performer, modelo, arte-educador e agente cultural. Como artista pesquisa o corpo e a estética em relação à tentativa de rompimento com os pactos coloniais e a construção de memórias disruptivas no imaginário coletivo. Desenvolvendo as bombas-narrativas e palhaçadas poéticas enquanto registros míticos de nossas vivências em disputa.

## **XĀTANA XĀTARA**

Travesti indígena, 24 anos. Tem como foco de trabalho a decolonização dos corpos e da arte, numa possibilidade de retomada e resistência do contexto originário urbano.



## S/título

Fotografia: Rafa Kennedy | Direção/modelo: Larissa Cemitério | Tamanho: 90 cm X 110 cm

## Vício

O corpo em que hábito repleto de desejos repetitivos que degenera ou causa algum prejuízo ao viciado e aos que com ele convivem; eu mesma.

Assim como qualquer entorpecente venho por meio desta performance trazer a realidade dentro corpos trans viciados no desejo de parecer algo, trago a imagem desses que resolvem se envenenar por meio de hormônios.

Caindo em um vício não só físico como psicológico. Entre seringas e comprimidos, vivendo de forma “artificial” justamente por causa de uma sociedade plástica, tentamos a todo tempo e buscamos com desejo e gana o pertencimento, uma imagem, alimentando não a nós mesmas e sim uma sociedade que nos cobra isso a todo tempo; o de se parecer pra pertencer, o de se parecer para de fato ser. E de carro em carro, atrás do dinheiro do meu vício, eu sigo mais uma vez, ganhando o mínimo possível pra suprir a necessidade do meu corpo viciado.

Sendo empurradas à isso para nos enquadrarmos e conquistarmos o mais próximo possível a um corpo binário; mas a noite, no escuro, essas questões sempre caem por terra. Costumo dizer que a luz do dia é a maior julgadora de nossos corpos. Nossos corpos não são aceitos a luz do dia, a luz natural, só na luz artificial entre quatro paredes que foi o lugar em que sempre nos colocam. Quando o meu processo de entendimento ficou mais claro sobre o que de fato eu era, eu passei a viver no breu, esse mesmo breu que me conforta, me esconde e que me acolhe. Afinal a noite, tudo é possível, você pode ser quem quiser, sem julgamentos, sem precedentes.

Em contra partida, não serei hipócrita a ponto de dizer que abomino o uso dessas substâncias, até por que eu mesma faço uso, mas venho mostrar por meio deste ato a auto-multilação que somos obrigadas à nos submetemos desnecessariamente em busca de um corpo estereotipado sempre nos obrigaram a ter.

Por fim fazendo uma terapia hormonal, que pra mim é um vício como qualquer outro, se não pior... Fazendo com que tenhamos medo e disforias do nosso próprio corpo, medo de enfrentar uma sociedade que nos mata, mas também nos procura o tempo inteiro.

**Larissa Cemitério**

## Onde Habita a Minha Pele

Lino Calixto

Trabalho nasce do encontro confinado de três artistas transvestigeneres que desvendam em suas trajetórias as narrativas gritadas pelos próprios corpos.

Desvendar em si, no espaço e no outro a relação com o corpo e suas lutas e leituras. Ao vivermos em uma sociedade que estetiza nossa forma de ser para caber no sistema binário e opressor, destruimos aquilo que nos foi imposto e nos remoldamos para caber em nós mesmos com as ferramentas que encontramos pelo caminho. Em busca de nossa liberdade ainda caímos em novos aprisionamentos. Na quarentena, em solitude nos reencontramos e nos buscamos no escuro. E decidimos a cada dia como nos apresentar e nos moldar nessa guerra.



Africana santomense, naturalizada brasileira, não-binária, artista transdisciplinar. É designer de moda (FICA), técnica em processos fotográficos (IFPR) e mestrandia em Estudos de Linguagens: Estéticas Contemporâneas, Modernidade e Tecnologia (UTFPR). Dentro de suas pesquisas, se movimenta com a intenção de criar expressões estéticas de pertencimento que dialoguem com os processos de sua corpa em (constante) auto descoberta, tendo como principais temáticas: memórias afetivas, espiritualidade, ancestralidade, autonarrativas e subjetividades negras.

Pessoalmente acredito na força que as memórias possuem, utilizo a fotografia como uma ferramenta chave de mudanças e enfrentamento à violências estruturais. Em um campo de disputa do imagético social desnaturalizo a não-presença de travestis, expondo belezas descamadas de hegemonias, buscando inserir suas estéticas no contexto contemporâneo das artes e construindo um registro ancestral do agora. Fomento, assim, um movimento artístico que se volta à naturalização e valorização de vidas brasileiras não-normativas, fazendo da fotografia também um lugar de aproximação, compreensão e reconhecimento, causando rupturas nas moralidades y éticas enraizadas no Brasil. Me chamo Rafa Kennedy, tenho 26 anos, nasci e fui criada em Manaus - Amazonas y atualmente resido em Campinas, no interior de São Paulo, onde há 4 anos desenvolvo o projeto coletivo Ateliê TRANSmoras, que celebra a vida de travestis e pessoas trans, projetando a autonomia como um ato político



### Valquíria

Ilustração

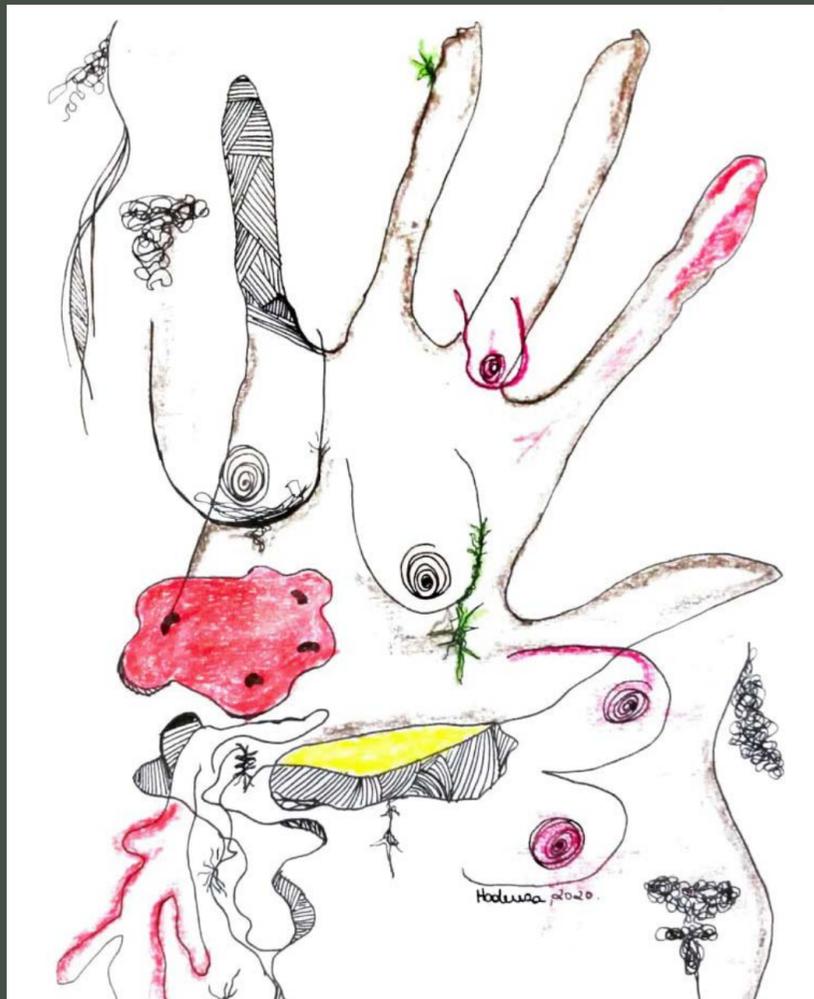
Material: Técnica mista sobre canson

Tamanho: 30 cm x 42 cm

Ano: 2020

Este é um feitiço-homenagem à Valquíria, uma moça que a minha mãe conheceu quando criança. Valquíria foi criada por uma família cristã, privada de muito. Em certo momento de sua vida, acabou sendo enganada pelo seu futuro “marido”. Depois disso, ela ficou “mal falada” (como se a culpa fosse dela). O bairro nunca mais teve notícias dela. Esta minha criação foi uma forma de homenagear não apenas a Valquíria, mas todas que foram estigmatizadas, feridas, silenciadas pela moral brankkka cristã e cisheteronormativa.





## Quiromancia

Ilustração

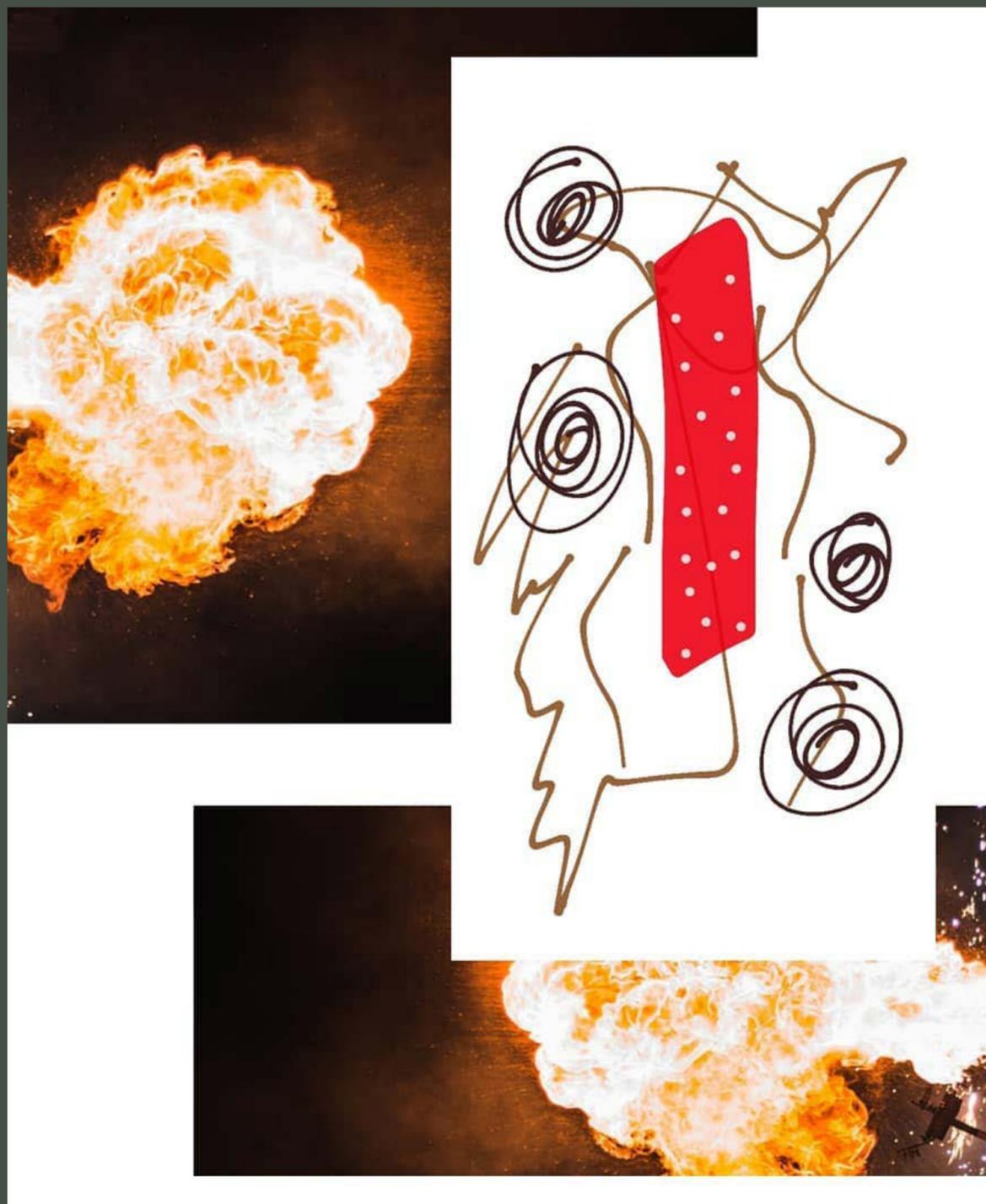
Material: Nanquim e pastel oleoso sobre canson

Tamanho: 30 cm x 42 cm

Ano: 2020

Ilustração feita a partir dos meus estudos em quiromancia, construindo a minha própria poética através do que se tratavam as linhas das palmas das minhas mãos, especialmente a linha da vida.

Seriam as linhas trêmulas de minhas mãos, uma grande cápsula do tempo? Na insistente vontade de prever o futuro, as minhas órbitas internas me fizeram esbarrar em desventuras e delícias do passado. Na construção das minhas certezas, restaram apenas algumas migalhas. Mas eu jamais poderia dizer que as minhas galáxias não foram contaminadas.



## O trauma não caminha em linha reta

Fotografia e Ilustração

Material: colagem

Tamanho: 1080 x 1080 pixels

Ano: 2020

Penso o trauma como uma espiral, o qual afeta todos os outros aspectos da minha vida. Em certos momentos, não tenho como conter as suas proporções. Nesse sentido, é preciso entender que o fogo é transmutador: ele tem o poder de destruir, mas também o de criar. Só quem nasceu da boca de uma serpente é capaz de compreender que o fogo também é movimento.



## Vermelho como o Cabelo de minha mãe

Fotografia

Material: colagem

Tamanho: 1080 x 1080 pixels

Ano: 2020

Colagem feita para o aniversário da minha mãe. Propositalmente, as imagens estão fora da ordem cronológica: o objetivo foi o de representar a sua multiplicidade e expansão. A energia, história de minha mãe, bem como a sua conexão com a arte e suas próprias veredas, fazem acrescentar anos de sabedoria em minha trajetória. Presente, mesmo, é poder chamá-la de mãe todos os dias.

Legenda do Instagram: Mãe, que honra poder te chamar assim. Que honra poder te chamar de amiga, de bruxa, de rainha, de força da natureza,

pois cê é tudo isso! Do tanto que eu sei (e ainda assim é pouco), a vida lhe proporcionou um zilhão de bifurcações em seu caminho: algumas dessas foram boas, e outras nem tanto. Mas toda essa jornada te trouxe até aqui, até hoje, onde as minhas irmãs e eu podemos estar vivendo, aprendendo, sendo nutridas pelo seu amor, carinho, compreensão, beijos matinais, apelidos diferentes e todas os outros detalhes que fazem parte da nossa rotina, e dizem tanto sobre quem você é. Eu sei que uma postagem só mostra um tiquinho de todo o amor que eu carrego aqui, mas não poderia jamais deixar de celebrar a sua vida. Se eu pudesse, eu modificaria um tanto de situações; você viveria em realidades outras, pois a sua dor é, de uma certa forma, a minha dor também. Mas é a vida... E a nossa sorte é poder encontrar forças para criar as nossas próprias formas de existência. Feliz novo ciclo! Feliz mais um ano de vida! Continuo desejando dias imensamente alegres e cheios de momentos arrebatadores. Lhe desejo saúde e realizações de sonhos. Desejo, na mesma medida, muito afeto, café, céu azul e tudo o que essa vida - e quem sabe, as outras - possam lhe proporcionar. Obrigada por nos presentear com a sua vida, a sua arte, a sua voz que cantarola toda manhã com suas histórias, sua sabedoria, sua sensibilidade, seu entusiasmo quase infantil e que nos inspira. Obrigada pelas caminhadas (desde pequena), pelas idas e vindas na rua, pela loucura e pela presença. Obrigada por sonhar junto, correr junto, chorar junto e acima de tudo, lutar junto. Meu coração transborda de alegria em poder te ter comigo! Eu te amo, te vejo, te respeito.



## O dia em que fotografei uma bruxa

Fotografia

Tamanho: 780 x 975 pixels

Ano: 2020

Um acúmulo de histórias. Agradecer as próprias bagunças, ressignificar o conceito de casa, recuperar o poder. Fotografar a minha mãe nos últimos dias em nossa quinta morada, rumo a nossa sexta. Honrar as finalizações de nossos ciclos, são sempre pequenos rituais - transmissão de feitiçaria.

“Recuperar a palavra ‘bruxa’ é recuperar o nosso direito, como mulheres, de sermos poderosas. Ser uma bruxa é estar identificada com nove milhões de vítimas do fanatismo e do ódio e de sermos responsáveis por moldar um mundo no qual o preconceito não faça mais vítimas.” - A Dança Cósmica das Feiticeiras.

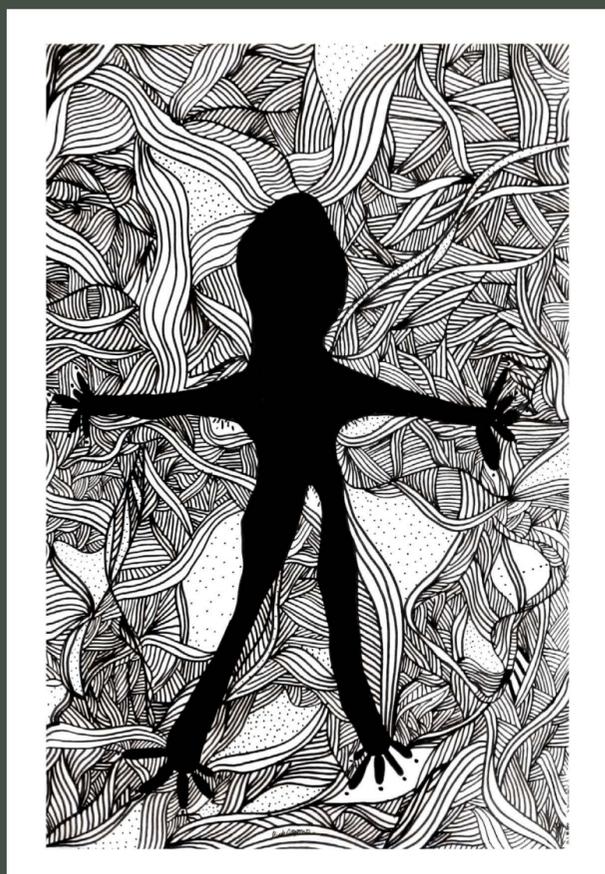
## Flêsê

Fotografia/Vídeo

Tamanho: 1080 x 1080 pixels

Ano: 2019

Flêsê, em forro/santome, significa: “Oferecimento. Ritual no qual o bebê é oferecido espiritualmente para receber proteção divina quando crescer” (DICIONARIO aki). Nesta obra, escrevo uma carta à mim mesma, à minha criança interior, para que nós (todas as partes de mim) possamos nos lembrar dos processos e das formas; lembrar que sempre reencontramos forças, que não estou sozinha; lembrar de confiar nos mistérios e/das proteções divinas. Tudo isso implica o lembrete de que também preciso confiar em mim.



## O dia em que tentaram afogar *mu alima*

Ilustração

Materiais: Marcador e nanquim sobre canson

Tamanho: 30 cm x 42 cm

Ano: 2021

A obra retrata um momento da minha infância, no qual me empurraram em uma piscina, e eu não sabia nadar. Aqui eu discuto memória e espiritualidade, formas de sobrevivência e transmutações do meu corpo-espírito. Compreendendo as possibilidades de existências dentro e também fora d'água.

Feitiçaria poética:

Hoje me senti aladada, como se todas as partes do meu corpo tivessem milhares de pequenas asas. Hoje, mais uma vez, vi Atlântida em todo seu esplendor, e entendi que tinha chegado a minha hora. Hoje eu deixei de ser cauda e virei mar.

Sou mc de rap, produtor musical na travaxin, trilheiro, estudante de licenciatura em artes.

JACKIE CHEAN



## EP DEPO(I)MENTO\$

Música

Produção musical: Jackie Chean

Ano de gravação: 2020

Gravação e mixagem: Jackie Chean

Letra: Jackie Chean

Música: Jackie Chean

Músico: Jackie Chean

Foto da capa: Oli Helena

Arte da capa: Caz Ângela

Gravadora: travaxin

## Masculinidade frágil

Miras apontam pra minha cara  
tenho que entender que sou o alvo  
como aprendo oq nos separa  
se desde sempre sou eu quem me salvo  
por isso que me vejo como herói  
permaneço vivo diante daquilo que me destrói  
e permaneço vivo no que me reconstrói  
pois na escuridão o que me guia é minha voz  
se eu pensei em me matar foi um paradoxo  
mas sobrevivi a cada dia como paradigma  
dogma pro meu pensamento utópico  
a única saída pra minha vida atípica

(refrão)

masculinidade tóxica não vai me abalar  
carrego a cabeça desses homens na bandeja  
combato para não me igualar  
você conhecerão o poder de um homem de buceta  
masculinidade frágil não vai me abalar  
carrego a cabeça desses homens na bandeja  
combato para não me igualar  
você conhecerão o poder de um homem de buceta

nascido na bahia fui ensinado a insistir  
me conhecendo aprendi a transgredir  
homem delicado não me esforço à admitir  
por isso minha referência continua sendo travesti  
se tu é muito macho essa competição eu dispenso  
cês quer medir o maior pau, eu quero medir o bom senso  
e é desleal esse falocentrismo intenso  
pensa com a menor cabeça se achando hétero gênio

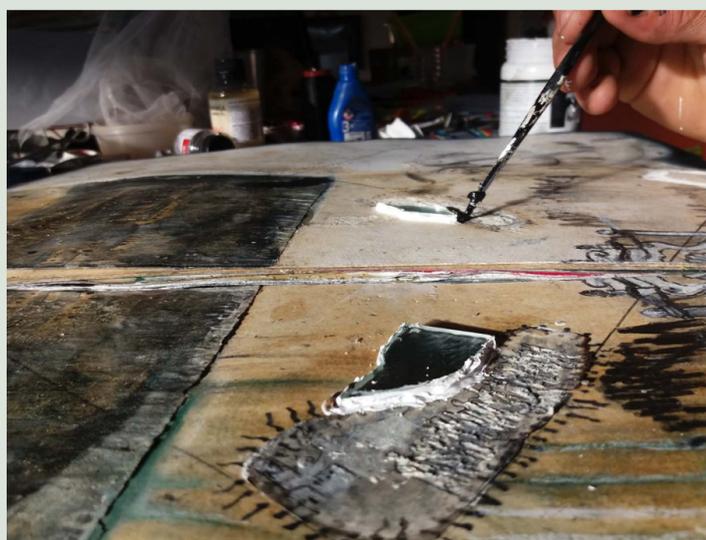
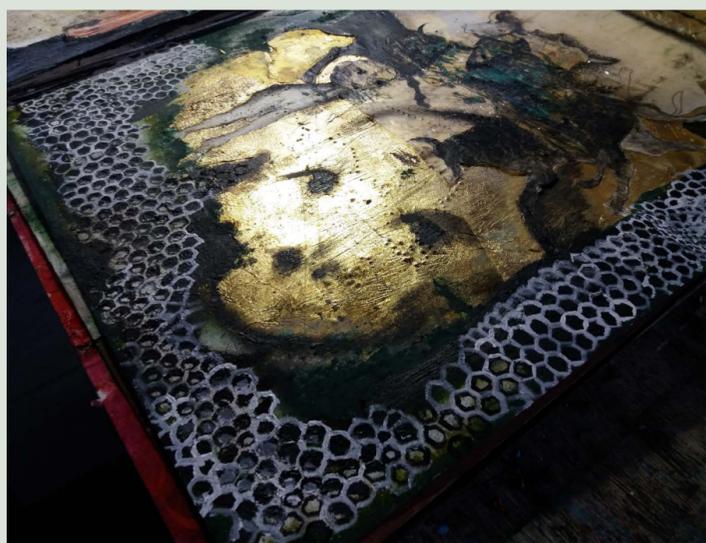
tu é machista, não marxista  
é esquerdomacho só pra meter a salsicha  
queria que fosse hoje que caísse a ficha  
tanto feminicídio e nem sabe o que significa

(repete)

(repete refrão)

tudo que penso sobre empoderamento  
é agradecer por ser versátil  
cês foram criados pra não demonstrar sentimento  
que o único que aflorou foi a masculinidade frágil

Läz Raphaellie é Arquiteta Urbanista pela Universidade Federal de Ouro Preto. Atua como Artista Visual e Pesquisadora em Decolonialidade. Suas pesquisas e produções interseccionam as relações entre corpo e cidade pelo viés da etnia-gênero-classe. Seu foco é o estudo das experiências e traumas registrados nos corpos generificados no contexto da Diáspora Afrobrasileira. Läz considera-se Contra-Arquiteta e Des-Urbanista, Artista Educadora Decolonial. É negra e travesti. Desenvolve desde 2015 trabalhos dentro da linguagem das artes visuais. Sua produção fala sobre as encruzilhadas entre seu corpo e os territórios que habita, suas vivências íntimas e sociais relacionadas à arquitetura e cidade, assim como suas interseccionalidades estabelecidas. Enquanto pesquisa, propõe, articula e produz contradispositivos de enfrentamento social, materializando suas investigações e experimentos através de performances, textos, cartografias e instalações. Sua produção, adota o conceito expandido de Ação Estético Política (UERJ), em diálogo com a corrente contemporânea do feminismo negro e transfeminista, onde propõe interlocução com corpos bixas, trans, travestis e mulheres. Entende a decolonialidade como caminho possível para a destruição da hegemonia branca e cisnormativa, e por assim, a única prática cabível em seu método.



# Bula rizomática: cartografias de corpos negros-bichas no contexto de ouro preto

Processo criativo de Livro-Objeto - contra dispositivo

Ano: 2018

Anti-produto desenvolvido como parte da monografia de Láz, no seu trabalho na de graduação em Arquitetura e Urbanismo.

O livro-objeto, proposto é articulado pela artista, foi um processo experimental de pesquisa que reuniu diversas ferramentas ditas convencionais pela universidade.

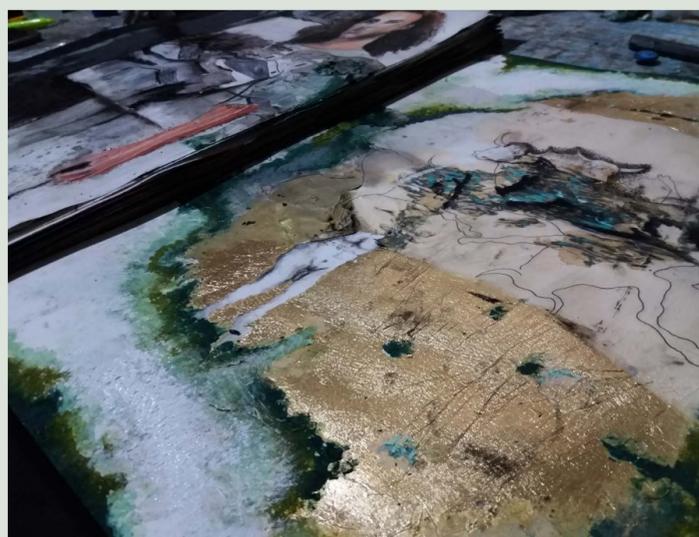
O conteúdo do contra dispositivo é resultado da pesquisa interseccional, teórica e prática que partiu do corpo da artista e de suas semelhantes.

Sua execução aconteceu de maneira coletiva, contando com a colaboração principalmente da artista plástica Duda Faria, e das bixas pretas Douglas Gomes e Freedomorim.

A metodologia da pesquisa foi resultado principalmente das ferramentas de estudo territorial como a derivas, errâncias e cartografias. A pesquisa qualitativa em educação.

As propostas experimentais da filosofia pós-estrutural e ezquizoanálise. Além de ter sido influenciada diretamente pela corrente decolonial contemporânea do feminismo negro e transfeminismo.

A narrativa tem um processo afrodiaspórico de descolonização engendrado desde o início ao fim. Dividido em duas partes, macro e micro, situa o espectador de acordo com as migrações compulsórias e as desterritorializações enfrentadas pelo povo africano. Expõe os traumas e as sobrecodificações que foram registradas nos corpos negros afrobrasileiros a partir da colonização e escravidão.



oi eu sou Vick, e estudo/trabalho com teatro nesse espaço sou atravessada por varias linguagens como dança/corpo, canto/voz, textos, artes plásticas, artes visuais, e meu interesse enquanto artista é exatamente esse o atravessamentos dessas linguagens na minha poética, no meu corpo transitório.



## **Olho de lince**

Vídeoarte

Tamanho: 00:00:39 segundos

Ano: 2020

Olho de lince é sobre inquietações do olhar, para onde olhar? Quem olhar? Quantos olhares podemos ter...



## **Furtacor**

Vídeoarte

Tamanho: 00:00:18 segundos

Ano: 2020

Furtacor é sobre a saturação das cores, da possibilidade do sonho, da criação de um novo imaginário.

Amanda Araújo, Travesti, Artivista, Comunicadora Social, 26 anos, Brasileira, Migrante, residindo em Barcelona a 4 Anos. Multiartista, artística-multifacética, flexível a novas formas de expressar arte, emoções, sentimentos, reflexões, sobretudo questionamentos políticos.

Bailarina, Performer, Modelo, Atriz, Poetisa, Compositora, Cantora e vou me descobrindo... Artista independente desde criança, acredito que a arte é um lugar de expressão. Minha prioridade hoje na arte é a narrativa política. Por ser pessoa Trans, imigrante e vir de uma família que se relaciona com políticas públicas desde sempre, da periferia do nordeste do Brasil (Aracaju - SE), entendi que necessito aproveitar minha voz e me posicionar.

Desde então, através de minhas experiências com a cultura Hip-Hop de Barcelona, entendi o Rap como ferramenta de reflexões sócio-políticas de maneira artística e intimista.

Ativismo interseccional: minha noção da necessidade de colaborar com um novo imaginário, de-colonial, desconstruindo-o com novas narrativas, novo conceito de sociedade. Prezo para que, no meu trabalho, Arte & Política caminhem juntas!

Meu compromisso é ser parte da grande mudança dessa antiga & atual realidade.

Atualmente atuo com o rap (AKA "Transbap"), solo e em coletivos, por eventos urbanos & socioculturais, jams de Poesia, castings de modelos, performances em eventos e discotecas de espaços mistos. Também realizo trabalhos pessoais de audiovisual, e junto a uma equipe de amig@s vamos criando materiais de foto e videodocumentário a longo prazo. No futuro pretendo lançar uma ou algumas biografias desde minhas perspectivas de vida fora da norma.

"A revolução está em curso - que façamos parte dela."



## Decisão ou depressão

Fotografia: Jordi Otix

Ano: 2021

Local: Barcelona

Viver dentro do armário é deixar de viver e apenas existir!

Viver dentro do armário é como viver no deserto do vazio, da solidão!

Nas estatísticas de suicídio e depressão de pessoas Trans, “viver dentro do armário” (expressão utilizada para referir a pessoa LGBTQIA+ que tenha sua identidade, afetividade, linguagem corporal, genitais que não corresponda com as regras da sociedade e desde então se sentem na obrigação de omitir sua diferença, ou viver essas vivências digamos que de maneira “mais discreta”), seria um dos fatores de risco dessas estatísticas alarmantes.

Representatividade e empoderamento são muito importantes nesse período de descobrimento,

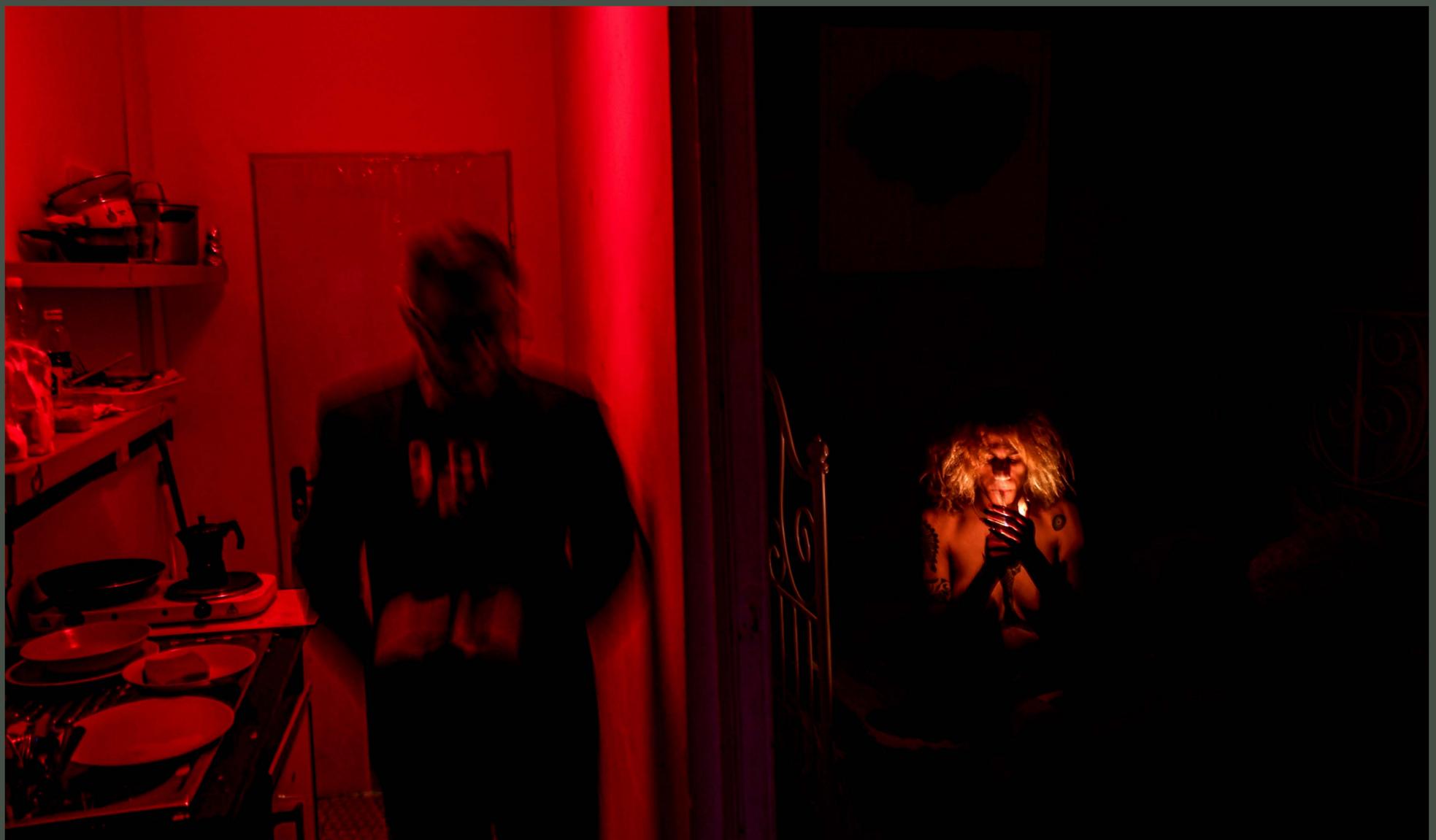
assim como ter referências e entender sobre si mesmo e entender que a diversidade é a natureza, é vital e saudável.

No mundo onde nos querem mortas, mortos, mortes...

...Sair do armário é ainda hoje colocar nossas vidas e liberdade em jogo!

Sair do armário é colocar a normativa colonial em contradição, é denunciar esse “Cis-tema” Hetero-Patriarcal Cis-Sexista.

Sair do armário é ato de resistência, é ato político!



## Quanto vale uma corpa?

Fotografia: Jordi Otix

Ano: 2021

Local: Barcelona

A Transfobia é estrutural e institucional!

Me mantenho da prostituição e desde minha perspectiva pessoal+ pesquisa: muitas das mulheres Travestis ÷ Transgênero se sentem obrigadas a ocupar o cargo de trabalhadora sexual como única opção, já que as oportunidades no mercado laboral lhes são negadas e a mentalidade Cisgênera não é educada e preparada para conviver com corpas Transvestigêneres!

Muitas de nós só conseguimos oportunidades laborais por conta da Passabilidade- expressão que utilizamos para nos referir a pessoa Trans que na leitura social é lida como uma pessoa cis-gênera e muitas vezes passa despercebida no ato de Transfobia.

No Brasil, país que mais mata Travestis ÷ Transgêneros, estima-se que 95% das Mulheres T. ocupam a Prostituição. Aqui na Espanha, não sendo diferente, estima-se que 85% dessas mulheres tem a prostituição como única opção.

Existe um processo histórico e político de migração de mulheres Trans para abastecer o mercado sexual na Europa, sendo a maioria delas brasileiras, pioneiras de esquinas e de câmbios sociopolíticos históricos.

Essas são sequelas também deixada pelo colonialismo.

Os números de desemprego e a prostituição, também são combustível para as estatísticas de suicídio e depressão de pessoas Trans.

Brasil país que mais mata corpos Trans em todo o mundo, mas também o país que mais consome a pornografia Trans no ranking mundial nesses mesmos períodos.

Na maioria das autópsias, os laudos constatam que os assassinos mantiveram relações sexuais com as vítimas antes do crime. A maioria dessas corpas são de Trans-femininas afro-brasileiras.

Misoginia, disforia, culpa católica, ódio reprimido, medo ao espelho, ao pau, ao pecado, tesão vestido de saia. Hipocrisia!

A prostituição é o trabalho mais antigo.

Se existe quem cobra é porque existe quem pague.

Alugo minha corpa para sobreviver, eles pagam para estupra-la sobre meu consentimento porque tem o poder.

Estatística é crime e mata!

Sair do armário é ato de resistência, é ato político!



## Terrorismo de gênero

Fotografia: Jordi Otix

Ano: 2021

Local: Barcelona

Gênero é construção social!

Essa ideia Binária-Cisgênera como um padrão, parte da educação doutrinada, baseada em “Adão & Eva” e toda a história contada na Bíblia, porém a diversidade deixa claro que corpos são plurais e não singulares.

E que estamos aqui a 10000000 A.C. só que, assim como nossos ancestrais, nossos livros de história também foram queimados, em um processo de apagamento genocida, que nos invisibiliza até os dias atuais.

Através da arte vou ressignificando a opressão a minha corpa Transgressora, e com minha anatomia Trans vou performando ou hackeando pelas ruas, transitando em fatos, em fotos, serei A do asfalto gritando que...

... “A corpa é livre.

O gênero é livre

A afetividade é livre

O genital é livre”

157



## **UNDERTRAVESTIGROUND**

Fotografia: Jordi Otix

Ano: 2021

Local: Barcelona

Século XXI, 2021. Ser travesti e sair na rua ainda é ato político! Literalmente as pessoas ainda não estão preparadas para dividir espaços com pessoas Trans, já que esses espaços não são pensados para nossa ocupação.

Nos espaços públicos, como por exemplo no metro, se nota a estrutura normativa, os olhares, a curiosidade, a vontade de aprisionar a um rotulo: prisão binária.

Ou em lugares de disputa territoriais, quando justificam suas ignorâncias com a ideia de que queremos roubar protagonismo, quando na verdade o que não querem mesmo é perder os seus privilégios, já que privilégios só existem se os não estiverem sendo privilegiados.

Penso que a minha ocupação vai além da minha disponibilidade, humor e segurança para sair na rua...

...Serei representatividade, querendo ou não!

Então serei A referência de empoderamento e superação para meus iguais!

“Meu eu do passado, abriu portas para que o meu eu do presente abra portas para o meu eu do futuro”.

Esteban Rodrigues, 24 anos. Homem trans, negro, do subúrbio de Salvador. Escritor, produtor, poeta, modelo, compositor, professor, revisor e pesquisador. Autor da obra Sal a gosto (editora Padê) e Com mãos atadas e como quem pisa em ovos (editora Paralelo13s). Pesquisador do campo interseccional gênero-raça-sexualidade. Sensível e racional na mesma proporção. Meus amigos dizem que eu não choro. A vida corre, não tenho tempo.

**padê editorial**

**esteban rodrigues  
sal a gosto**

**escrevivências 02**

**ESTEBAN RODRIGUES**

159

## a três anos-luz daqui<sup>10</sup>

eu vi o futuro  
e eu não era nada além  
de pulsar

sentia o sangue dilatando minhas veias  
e o sol esquentar o jardim  
de margaridas congeladas  
do lado de fora da janela  
as bicicletas ainda eram bicicletas  
os carros não voavam

mas tudo tinha o peso de quem está prestes  
a presenciar o estopim de uma guerra mundial  
ver o futuro não é uma dádiva, Madalena  
eu senti o arrepio na espinha  
e o disparar de cada palavra mal dita  
o peso do mundo todo dentro de um peito

é  
insuportável  
e eu não sei por onde ir  
meu coração bate três vezes mais rápido

e explode

eu sinto o começo do fim do mundo  
minhas mãos perdiam a sensibilidade

a cada segundo  
sua voz impregnava meus ouvidos  
mas seus gritos não me deixavam sem ar  
só então me dei conta  
que o meu corpo  
comporta teu caos  
você não precisa ir embora

há quem muito diga sobre o futuro. inclusive eu. o que muda é o olhar. o meu, cá da ponta do subúrbio, não alcança carros voadores e teletransporte quântico inspirado em star trek. conto o tanto de amanhãs que chegaram atrasados, me deixando cabreiro de perna bamba mesmo, todo me tremendo. o amanhã é tarde demais, mas ele está logo ali. logo ali: ao pedir a saideira pro garçom; ao fazer uma compra online com prazo de entrega em 21 dias; ao escrever sobre a previsão do futuro sem a mínima ideia de onde colocar o ponto final. se é que o haverá. o futuro é sempre ponto de continuação. o futuro é o próximo piscar de olhos. e o próximo.

Lavínni é artista audiovisual e produtora cultural de São paulo radicada em Belo Horizonte que trabalha em intervenções multi linguagens em diálogo com a vivência de corpos de pele preta e suas assimetrias. Com DJsets, performances, montagens e demais ações de cachorrada e sucessagem, trabalha com narrativas tanto individuais em “Vmoraix” e “Princezinha da paz” como em ações coletivas junto a demais plataformas da cena cultural de Belo Horizonte como a GALLA ON FIRE na construção de momentos de emancipação de corpos Trans-Travestigêneres dissidentes que ocupam “os sistemas” das artes.



## Tenha um pouco de calma

Vídeoarte e Videoperformance

Duração: 00:15:16 minutos

direção e produção: Lavínni Morais

Assistente de produção: Garden Hira

Performance: Lavínni Morais

Montagem e edição: Lavínni Morais

Trilha sonora: Lavínni morais  
(Princezinhadapaz)

Produção de Moda: Gabe Faya

Assistente de moda e beleza: Darlene Valentim

Maquiagem: Garden Hira

Ano: 2020

Trabalho de videoarte documental onde se registra um vídeo diário da rotina da artista e pesquisadore Lavínni Morais. O desenvolver do vídeo diário, recria e registra narrativas

de uma realidade distópica contemporânea que se movimenta a partir dos diálogos e registros dos movimentos de Vini, que em sua sutileza, traz o querer negro e suas subjetividades instigando quem assiste a estabelecer os limites para sua própria situação na atmosfera criada. Junto da ciência que se faz com as próprias mãos. Vini nesta narrativa afrofuturista recupera hábitos ancestrais na mesma medida que se prepara para um futuro de dispositivos tecnológicos colocando em vias de popularização o exercício do estudo da vida, de forma transversal, onde se experimenta e descobre um corpo material e tecnológico com saberes em música, performance, dança e moda, fazendo desta contação de histórias uma imersão de auto cuidado, cura e resiliência com hábitos que se revelam táticas de sobrevivência de corpos LGBTQIA+.

Travesti educadora, performer e pesquisadora em Artes Cênicas. Profa. do Centro de Formação em Artes e Comunicação (CFAC) da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), em Porto Seguro. Realiza estudos e obras artísticas de performance e iluminação cênica, perpassando por ações de crítica teatral, curadoria e pedagogia das artes. Em 2020 foi curadora da Encontro de Pedagogias da Teatra: afetividades do saber riscar e arriscar no Eixo Ações Pedagógicas da 7a Mostra Internacional de Teatro de São Paulo (MITsp).

### **De trans pra frente**

Poesia

Editora: Patuá

Ano: 2017

### **Se você é mulher, por que não veste calça?**

Uma calcinha na cara não te basta para coçar  
Teu distúrbio social escapado precisa ser vestido.  
Tudo o que você vê, você pensa que pode caçar  
Cueca enfiada no teu cú te engasga né, querido?

Sou mulher e não me corteje mais de condições  
Por que se visto ou não visto te foge aos sentires.  
Uai, de que valem calças, calcinhas e teus calções  
Quando te falta corpo para bancar os meus devires?

Aquendarinda, só posso com as roupas me descalar:  
Tenho barba e sou fêmea, uso batom e sou bizarra.  
O prazer que sinto com meu pau vai te desconfortar,  
Sou uma mulher trans machinha, vem logo, me agarra!

Ensaieemos as saias, não agora para te polemizar  
Machista escroto é feito de borboletas sufocadas  
Dê mais gritos coloridos e verá o corpo desatachar  
Tecidos compridos podem vestir mentes encurtadas.

Toda dor de em uma calça meus desígnios não caber  
Da imagem sepulcra de sexuar uma vida inteira e tua  
A tecnologia das calças parece às mulheres pertencer  
Já que saias leves foram desenhadas pras machas duras.

Visto redes porque me critério agora de um afogamento:  
O escopo sensológico de me arquivar expande meus toques.  
Mulheres contraditórias estas cheias de seus serenimentos:  
Conectadas e prazerosas elas tem testosteronas de choques.

Calças ideológicas foram feitas para se vestir socialmente.  
Réplicas de insultos ao corpo, roupas choram em espelhos,  
Cada mulher trans que não se cirurgia casa virtualmente:  
Solteira política, é viúva antes de nascer seus desesperos.

Casar-se com ideias ou calçar-se com ideias? Para escolher.  
Filosofia viada deve menstruar no macho palavras sangradas:  
Superar em caos os casamentos e os calçamentos é morrer.  
Pessoa queer se topa disto em gozo como formas des-sagradas.

Espécie descalça e descalçada, mulher trans pode ser toda nua.  
Rasgadas por dentro, roupas tem sensos artificiais que fazem  
caber.  
Habito as suturas discursivas que me faz ficar pelada e não ser  
tua.  
Passiva de dedadas, vou fistar teu cérebro com meu despertencer.

O transorgânico é feito do risco: não mais xadrez e bolinhas.  
Desenhar vestimentas que atravessam tesão nas diferenças.  
A anestesia afetiva que você vive tem paisagem mesquinha  
O sentir transviado desorganiza e dá chupada nas tuas tristezas.

Indeterminação, o prazer arquiteta técnicas políticas de existir.  
Ligação entre pessoas, todas com cú, tem condição habitativa,  
Redes digitais nos anais. O cú da mulher vai as calças atingir:  
Banda larga da moda, ser mulher T é colar o cú cas amiga.

Cú com cú. Cús com cús. Cús-cús.

## **Bebê menino**

Nasci no frio de julho  
Boas vindas ao chorão  
Gordinho e buxexudo  
Que fofinho e bundão.

Mas era menina.

## **Pavor**

Quero te dizer o que tenho agora  
Do que foi vivo e contigo foi vivido  
Te fazer saber minha vaga memória  
Juro: não seria mais eu se tivesse esquecido.

Lembranças pequenas de momentões  
Dois palhaços que podem fazer magia  
E todo o brilho dos dois corações  
Se unem agora para uma nova história.

Não foi apenas contato de intimidade  
Nosso encontro foi conexão de vividade.

Como poderia me julgar por entender:  
Que na falta de sexo e da presença física  
Eu não queria a nossa humanidade Perder de vista?  
Teu pavor de si mesmo te esconde de mim.

Fervu Profanu é uma coletiva que surge da necessidade de celebrar e cultuar corpos não-conformados outrora renegados. Formada por artistas dissidentes de diferentes lugares do país - mas residindo em Salvador-BA - a grupa busca contemplar as suas existências em um grande baile de guerra que proclama pluralidades, uma forma de criar um espaço-culto seguro onde possamos nos sentir representadas e confortáveis com as nossas. Dessa forma, reivindicamos através de versículos de combate o direito de também sermos louvadas. A coletiva surgiu em 2019 com o encontro de diversas artistas do corpo e das artes visuais para a montagem de um espetáculo de rua para a disciplina de Estágio IV do Curso Profissionalizante Técnico em Dança da Escola de Dança da FUNCEB. “Fervo Universal Profano das Corpos Unidas” teve sua estreia em agosto de 2019 na Praça da Sé no Pelourinho dentro da Mostra do Coletivo Aquarela. O processo criativo da grupa se desenvolve através de investigações teórico-práticas de ritos sagrados e estratégias de enfrentamento ao sistema racista heterocispatriarcal, por meio de composições coreográficas diversas. Uma celebração para consagrar os pulsares poéticos, com o desejo de poder ser livre com seus desejos sagrados, mesclando dança, poesia, artes visuais, música, teatro e performance. Tudo isso envolvido com geladinho, pirulito e alfazema.





## **Manifestu Fervu Profanu**

Vídeoarte e Vídeoperformance

Duração: 00:07:01 minutos

Dançarines/Performes: Amanda Haubert, Dante Freire, Fêrnande Ayô, Gustavo Oliveira, Jão Nogueira, Kanani, Leviatanu, Marina Lua, Matheus Tarrão, Tati Dias, Victor Mota.

Edição e fotografias: Victor Mota

Ano: 2020

Comunhão de cuerpas livres LGBTQIA+ reivindicando através de versículos de arte ð combate o direito de também serem louvadas. O projeto FERVU PROFANU se desenvolve em coletiva, através de investigações teórico-práticas de ritos sagrados e estratégias de enfrentamento ao sistema racista heterocispatriarcal. Ritual festivo de celebração de nossas vidas. Culto profético.

Poeta marginal, artista de rua, nascide carioca. A poesia é o caminho, as palavras são a libertação.

KANANI



## **Omi Tutu**

Vídeo Performance

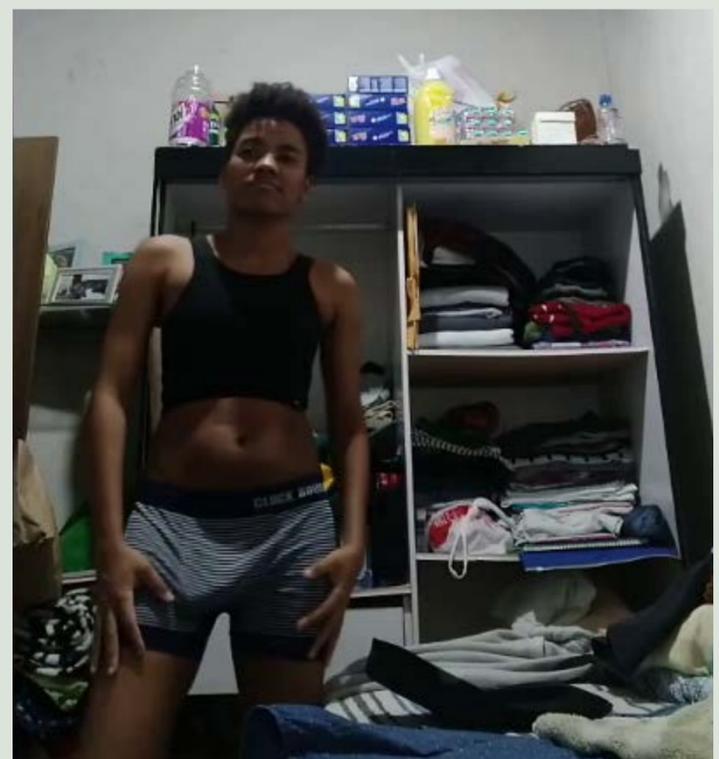
Duração: 02:14 minutos

Ano: 2019

Já disseram que cabelos como os nossos, não molham. E eu tive que concordar, eles já são feitos d'água. Água é um dos elementos fundamentais da vida, fundamental é tudo que não se pode dispensar, às vezes esqueço, mas ela performa sua feminilidade enquanto permeia até as corpas mais impermeáveis.

167

Fêrnande Ayô, 23 anos, prete, não-binária e panssexual. Artista, ativista e pesquisadora. Só quero expressar o que sinto, o que sou, o que me importa... O vídeo “CorpoCiborgue” nasceu da construção de uma mostra de curtas do Fervu Profanu, coletiva de dança e performance babadêra da qual faço parte, e foi uma grande saída do armário da minha zona de conforto. Sobre a construção do próprio corpo; sobre moldar o Meu corpo como Eu quiser; sobre as ferramentas e próteses que se tornam parte de mim, quando Eu quero.



## CorpoCiborgue

Vídeo Performance

Duração: 04:22 minutos

Ano: 2020

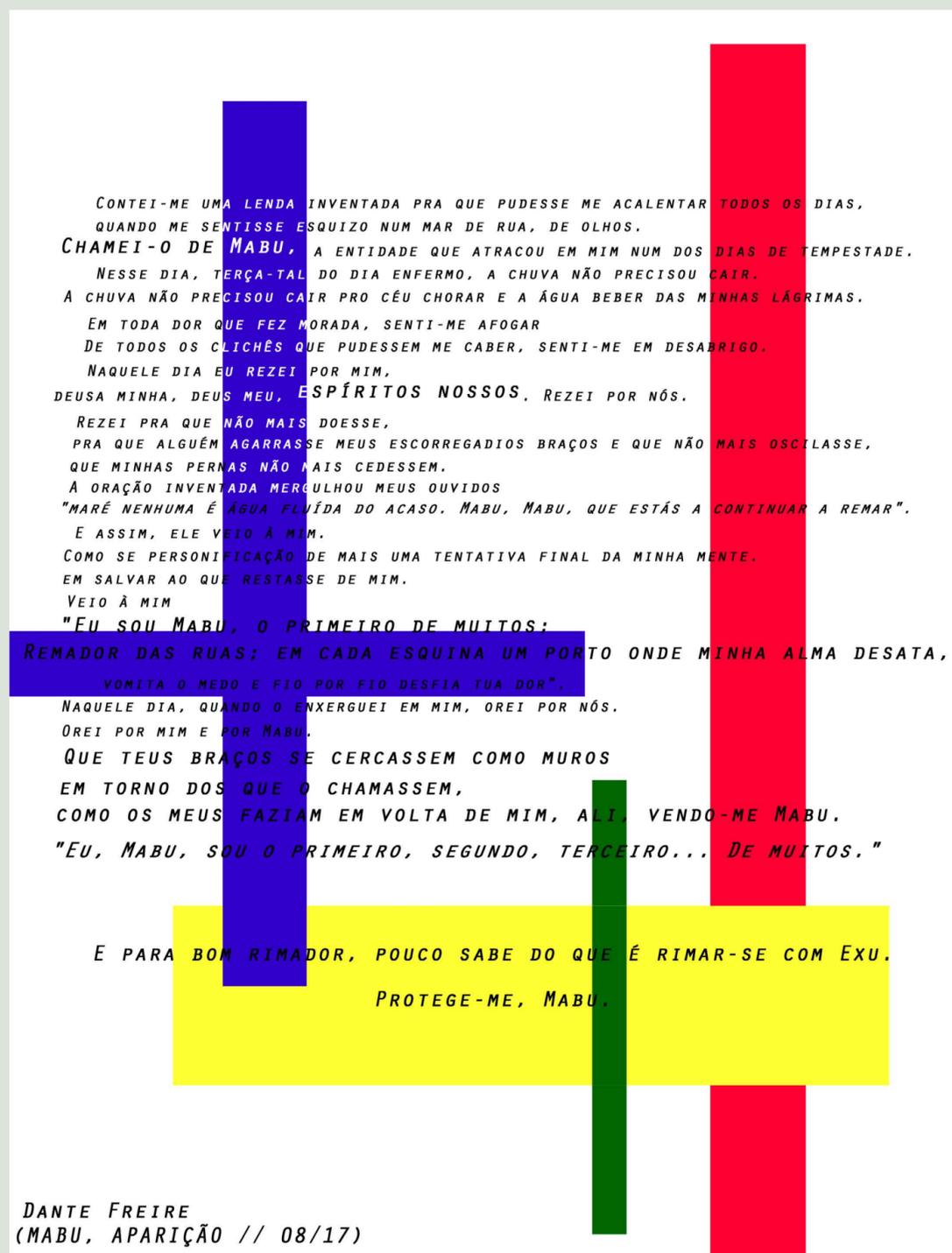
Sobre a construção do próprio corpo; sobre moldar o Meu corpo como Eu quiser; sobre as ferramentas e próteses que se tornam parte de mim, quando Eu quero.

O vídeo “CorpoCiborgue” nasceu da construção da Mostra de Curtas “CONSAGRADAS. COM.BR” do Fervu Profanu, coletiva de dança e performance babadêra da qual faço parte, e foi uma grande saída do armário da minha zona de conforto.

Tinha visto por aí, no meio trans artístico/de discussão de experiências, a ideia de corpe trans como essa corpa ciborgue, que se inventa, se constrói, se reinventa. Me identifiquei muito, e senti como algo extremamente empoderador porque fala sobre a nossa escolha, para além da opressão, em buscar o que nos faz bem.

Resolvi mostrar o meu processo de “montagem” (que não se confunda aqui com montagem drag) com as minhas engrenagens e peças removíveis: colocando a armadura do meu peito, aumentando o volume em outras partes, escolhendo as retas e as curvas que me compõem. E assim, eu ressignifico a minha disforia e me curo da culpa por querer, o quero pra minha corpa, pra mim.

Há em mim a constante necessidade-força-motora de exorcizar-me em cores. (Há de se entender, que para estar vivo, preciso sobreviver) “Carta aberta à entidade familiar (Mabu)” foi a porta de entrada para a fluidez e fortalecimento das conexões do interno e da perspectiva urgente que me cerca. Em sequência, “Pintura de guerra”, um mantra do corpo em estado de guerra, um lembrete de força familiar no caos.



## “Carta aberta à entidade familiar (Mabu)”

Ilustração Digital

Tamanho: Tamanho A4

Ano: 2018

Numa das poucas experiências em que me permiti descrever a sensação de estar em sintonia com meus manifestos internos e como se demonstraram no campo material e espiritual; Mabu, então, assim como o nome que me surgiu naturalmente, se moldou como minha primeira entidade imagética protetora. A carta, um presente de acalento a mim.



## **Pintura de guerra**

Ilustração Digital

Tamanho: Tamanho A4

Ano: 2018

Numa das poucas experiências em que me permiti descrever a sensação de estar em sintonia com meus manifestos internos e como se demonstraram no campo material e espiritual; Mabu, então, assim como o nome que me surgiu naturalmente, se moldou como minha primeira entidade imagética protetora. A carta, um presente de acalento a mim.

## **FRUTÆZ**

Corpo natural  
Corpo é natureza

Naturalize us corpos, ressalte a beleza

Comeis do fruto e dele desfrutez  
Provando seu sabor, seu suco, seu gozo  
Desfrute dus corpos  
Clamando a videira, corpo natureza

Tomarás do suco e dele desfrutarás  
Sem nenhum medo  
Nem imposição

## **Chuparei | ME.TE.RE.I**

O cu que é catedral e abismo  
Afunda  
Nas entranhas de Adão e Eva  
Matando as imposições que nos cercam

Não há senhor, não haverás  
Não há culpa, não há imposição  
Há cura, transcendental  
Há liberdade, há satisfação

Afeto, é ato de resistência

Nos afetar  
Se afetar  
Afetar

Sentir  
Ser  
Estar

Não há liberdade com medo  
Não há vida sem prazeres

Que as corpos sejam glorificadas  
Que o suco possa escorrer  
Sucumbino o tabu  
Num suspiro algum

O coletivo de artes integradas NUEZ, surge no contexto da pandemia da Covid-19, na cidade de Salvador, como um processo de investigação de foto performance; vídeo-arte de um corpo trans atento ao isolamento social; o projeto propõe pensar intervenções/interferências, bem como o trânsito/fluidez destes corpos no ciberespaço e o contato destes com as mais variadas mídias virtuais. O surgimento do coletivo coincide com o processo de transição e fluidez das integrantes do projeto, denotando a todo o material audiovisual registrado uma nuance documental, que através de um processo dialético subjetivo e a partir da modificação destes corpos por meio de processos hormonais, culturais, das mídias e da tridimensionalidade nas redes sociais, compõe através do audiovisual um auto retrato íntimo acerca do desejo e do afeto do corpo dissidente, jovem e em fluxo pelo território brasileiro.



## **Frutaez**

Vídeoarte

Duração: 00:05:12 minutos

Ano: 2020

O Vídeoarte Frutaez atraca a narrativa da cosmogonia ocidental presente no Gênesis, consumindo seus símbolos antropofagicamente, para compor uma paisagem na restinga soteropolitana, em diálogo ao “Jardim das Delícias” de Bosch, neste cenário constrói um corpo parodicamente “natural”, que questiona a ontologia da natureza e do ser humano. Com próteses de frutas, dá vazão a um outro corpo, hormonizado, virtual. Diz Haraway: “O ciborgue não reconhecera o Jardim do Éden; ele não é feito de barro e não pode sonhar em retornar ao pó.” Com este corpo consciente de sua origem, circula livremente pelo mito, atualiza o Gênesis e o supera. Como vídeo-debut do coletivo, em outra camada subverte o mito da origem duas vezes, dentro e fora do vídeo, se concebendo independente, como por partenogênese, se autocria. Como no mito da criação, em que o mundo se faz através da palavra, aqui em vídeo, nos apropriamos deste discurso para manifestar: Existimos! Como Deus diria, fiat-lux.

Gab Dias é Artista Visual de Palmas, Tocantins e cresceu em Brasília. Estuda Licenciatura em Artes Visuais na Universidade de Brasília e Design Gráfico no IESB. Suas obras mostram as coisas do cotidiano e dos seus interiores: palavras ditas e não ditas, fragmentos do dia-a-dia, as peculiaridades da vida e as histórias que permeiam os arredores. Seu foco de estudo é a diáspora, vertentes de filosofia africana e a vivência de pessoas negras & LGBT.



## Ancestralidade

Pintura

Tamanho: 50 cm x 60 cm

Material: Tinta acrílica, Spray e Caneta Posca

Ano: 2020

A maior parte da minha família descende de indígenas e negros que vieram da África nos navios negreiros. Até onde eu sei, meus trisavós e todos que vieram depois deles viviam no Sertão Mineiro.

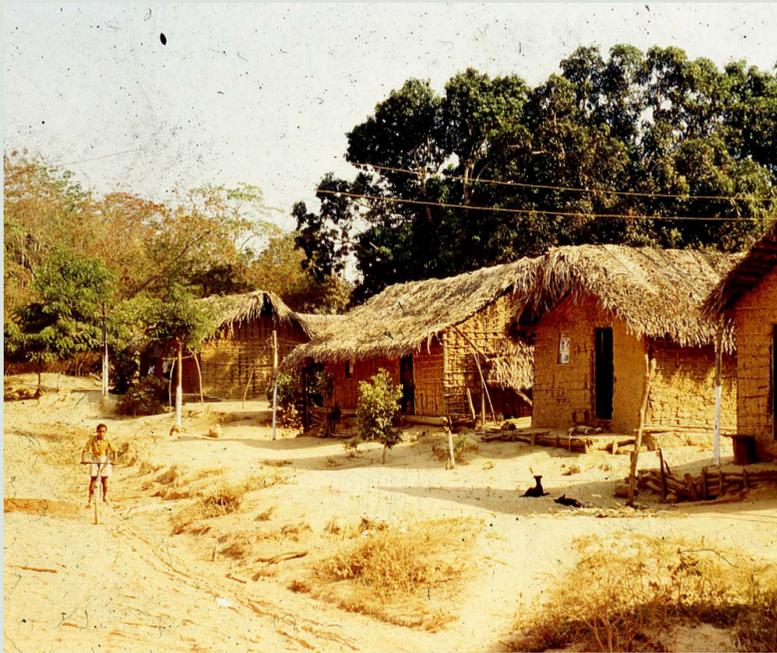
Grande parte do sustento da minha família materna vinha do Rio São Francisco, onde minha avó e tias trabalhavam como lavadeiras e outros familiares pescavam, lavavam os utensílios domésticos, tomavam banho e também se divertiam nadando e procurando piabas. Minha família paterna era composta por trabalhadores rurais, que passaram a vida inteira trabalhando em diversas terras em Minas Gerais. Com todos eles eu aprendi a importância da resiliência, de ter uma moradia e como as oportunidades de estudo e trabalho podem mudar a história de uma família inteira.

Essa obra é uma homenagem a meus familiares e a todas as pessoas que trabalharam como eletricitas, lavadeiras, faxineiras, cozinheiras, agricultores e costureiras durante a maior parte de sua vida. É uma homenagem à classe trabalhadora do nosso país, às pessoas que fazem com que o Brasil continue funcionando.



## Lavadeiras de roupas no Rio Araguaia. Município de Araguaatins - TO, 1999

As lavadeiras, como minha avó e tias, lavavam roupas na beira do Rio para sustentar suas famílias. Até carros, ônibus e caminhões eram lavados na beira do Araguaia.



## **Comunidade Morada Nova. Município de Axixá do Tocantins**

Cena característica da região Norte e Nordeste do Brasil, retratando as moradias cobertas pela palha do coco babaçu. O babaçu é uma palmeira muito importante para a população do Tocantins, Maranhão, Piauí e Pará, onde seu óleo é utilizado para temperar comida e fazer sabão, a sua palha para fazer chapéu e adubar o chão, a sua casca para fazer carvão. Por cinco anos, minha mãe assessorou as mulheres do Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB), que reivindicava por políticas públicas para as comunidades quebradeiras de coco no Bico do Papagaio, no extremo norte de Tocantins.



## **Rebanho bovino numa área de expansão da fronteira agropecuária sobre a floresta amazônica, 1998**

Meu pai à caminho de um assentamento da reforma agrária no Município de Colinas-TO, uma área de cerrado e transição para Amazônia, com floresta e veredas, onde ia dar um curso de capacitação. Os assentados estavam queimando as florestas para instalar seus sítios e pastagens. Os fazendeiros estavam levando o gado para vender na cidade e todos os outros viajantes precisavam parar o carro para esperar o gado passar.



## **Manifestação do Grito da Terra Brasil em Palmas - TO, 1998**

Essa manifestação foi em Palmas, Tocantins, na cidade onde eu nasci. O Grito da Terra Brasil costuma acontecer anualmente entre Junho e Julho, em todas as capitais do Brasil. Os integrantes da rede de sindicatos em todo o Brasil decidem as pautas e fazem reivindicações dirigidas a diferentes partes do governo.



## Rebanho bovino numa área de expansão da fronteira agropecuária sobre a floresta amazônica, 1998

Meu pai à caminho de um assentamento da reforma agrária no Município de Colinas-TO, uma área de cerrado e transição para Amazônia, com floresta e veredas, onde ia dar um curso de capacitação. Os assentados estavam queimando as florestas para instalar seus sítios e pastagens. Os fazendeiros estavam levando o gado para vender na cidade e todos os outros viajantes precisavam parar o carro para esperar o gado passar.



## Comunidade Morada Nova. Município de Axixá do Tocantins, 2000

Meu avô materno, Geraldo José de Souza, trabalhava na SUCAM (Superintendência de Campanhas de Saúde Pública) indo de casa em casa no sertão mineiro combatendo o inseto barbeiro utilizando um inseticida.

As casas de taipa tinham paredes de barro e telhado de palha, materiais que favoreciam a proliferação de insetos como o barbeiro, que transmite a doença de chagas. Minha avó paterna, Elisa Dias, foi uma das incontáveis pessoas no Brasil que contraiu essa doença, depois de anos morando em uma casa de taipa.



## Radiola com venda de CDs piratas. Cidade de Augustinópolis - TO, 2001

Nos anos 80, em São Luís do Maranhão se iniciou uma cultura forte do Reggae. Muitas bandas saíam do Maranhão e iam mostrando suas músicas para pessoas das regiões vizinhas, como Pará e Tocantins. Foram levando a cultura do Reggae e músicas ligadas ao Caribe, como por exemplo a banda Tribo de Jah.



## **Reunião da Comissão Pastoral da Terra (CPT), onde minha mãe Divani Ferreira de Souza trabalhava. Município de Araguacema - TO**

Numa reunião da CPT, onde minha mãe trabalhava, no meio da preparação para o “Grito da Terra Brasil”, que é uma das maiores atividades de massa que o Movimento Sindical de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais (MSTTR).



## **Enchente do Rio Tocantins próxima à cidade de Imperatriz - MA, 1997**

É uma região de beira de rio onde se formaram várias vilas. Quando se abriram as estradas, grande parte da população se deslocou para as cidades, mas algumas pessoas ainda ficaram na beira do rio e são afetadas pela enchente frequente, que chega a cobrir as casas. Elas transportam seus bens para outros lugares, saem de casa de canoa carregando o que podem e depois voltam quando a enchente acaba.



## **Floresta inundada pelo lago artificial da usina hidrelétrica de Tucuruí - PA, 2000**

A inundaçãode 2.830 km<sup>2</sup> provocou muitos problemas ambientais, como alteração da fauna, da flora, do solo, do clima e da água, ocasionando a morte de animais e muitas doenças aos que moram a jusante da barragem, como intoxicação aguda e câncer de pele (MAB, 20/05/2009).

Capixaba, natural de Guarapari - cidade litorânea da Grande Vitória, no Espírito Santo - Rucka de Lacaia é poetisa e profetisa. Performer, levita, escritora pajubeira, pensadora da Byshalidade e da Transgeniquidade, que consagra seus dias racionalizando feminilidades testiculadas usufruindo das artes visuais, artes plásticas, performance, música e literatura. De dentro do quarto registra performances em arquivos fotográficos e audiovisuais. Na Internet expõe para o mundo. Mantém um blogue autoral, intitulado DELACAIA, onde mantém um acervo com o que vem produzindo ao longo dos últimos anos numa carreira meticulosa e empirista. Desloca-se também para outras mídias sociais a fim de localizar semelhantes e edificar novos alicerces, buscando a todo vapor integrar a vida das testículosas por meio da arte, da espiritualidade e da cultura. Uma artista que explora outras possibilidades, de civilizações, apresentando a sua esfera com novos protagonistas, novas belezas e feiúras, e com novas ordens. A artista tem por missão assolar a cisheteronormatividade.



## Bonita

Música

Ficha técnica da música:

Composição e interpretação: rucka de lacaia | Produção musical e arranjo: fadroel

Ficha técnica do vídeo:

Composição e interpretação: rucka de lacaia | Produção musical e arranjo: fadroel

Roteiro: rucka de lacaia | Produção: castiel vitorino brasileiro & rucka de lacaia

Assistente de produção: rodrigo jesus | Beleza: natural | Realces: renata design

Fotografia: castiel vitorino brasileiro | Montagem & edição: rafael ribeiro lirio

## **BONITA**

LETRA:

na frente da tela  
tu me encontra  
manda solicitação  
curti todas as minhas fotos

me chama de bonita  
diz que sou gostosa

tudo que já sei

bonita, bonita  
gostosa, gostosa (2x)

ei, garoto  
você consegue sustentar teu desejo?  
aprende a ser macho!

me chama de bonita  
diz que sou gostosa

tudo que já sei

mas não sabe o que tenho entre as pernas



Re Moraes é T-Rapper compositora localizada em Florianópolis. Desde 2018 participando de movimentos de rua como batalhas de hip-hop e ocupando espaços que foram negados para ela. Resiste e sobrevive de arte, com música e ensaios fotográficos e batalhas de Rap, tanto que fundou uma batalha TLGB em Florianópolis. Re Moraes é multi-artistas sobrevivendo ao país que mais mata Travestis e Transsexuais no mundo!



### napistafritando.mp3

Música

Ficha Técnica: Produção DJ Trick Pa

Mixagem e Masterização Malka Julieta

Arte de Capa: Jaguaralab

## napista fritando. mp3

na pista fritando  
nem ligo pros mano  
que tão me olhando  
e eu rebolando  
tão sempre julgando  
sempre tão falando  
cachorro babando  
queria ta provando

aqui não tem rango  
corre pra matilha  
e vaza malandro  
eu não to brincando  
eu tenho um plano  
troco umas idéias  
te deixo babando  
com talento em dobro  
larga macho escroto  
não seja os outros  
eu piso em todos  
se faltar com respeito  
eu piso de novo  
na rua, ou nos morros  
to sempre afrontando  
se é preto ou é branco  
não seja escroto

não seja escroto  
se é branco ou é preto  
não seja escroto

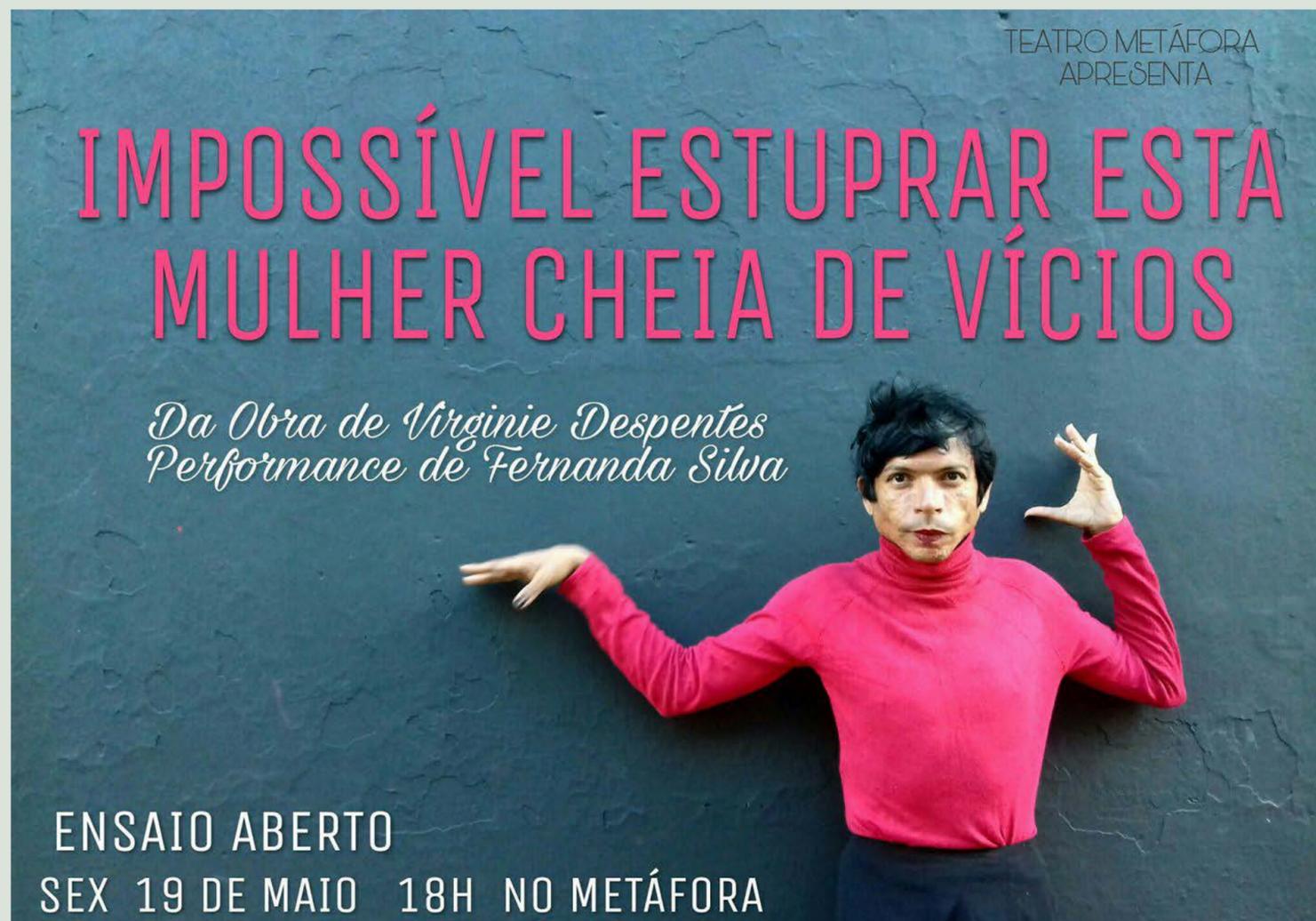
na pista fritando  
nem ligo pros mano  
que tão me olhando  
e eu rebolando  
tão sempre julgando  
sempre tão falando  
cachorro babando  
queria ta provando

tão se duvidando  
perguntam pros manos  
é homem ou mulher?  
não importa meu anjo  
só respeita zé mané  
as manas travas  
não são qualquer uma  
e tu tá ligado qual que é  
somos muitas

somos uma  
somos todas  
nessa luta  
de clandestina a puta  
dando uns gole nessa rua  
não sou prost  
não sou puta  
não sou sua  
não dei uma  
eufórica semi-nua  
não me toque  
filho da puta  
minha roupa não diz que sou uma  
trava puta  
trava suja  
safada promiscua  
sem cultura  
prostituta  
faço a minha sem conduta  
escrevendo minhas loucuras  
chapando nessas ruas  
nicotina, erva pura  
no cocaine  
in natura  
empodere-se minha amiga  
ce não é qualquer coisinha  
cada rima obra-prima  
pisa neles, pisa em cima  
nessa rima bem machista  
esses macho não fascina  
um embuste a cada esquina  
abusando dessas mina  
transfóbicos, facistas  
soltando umas rimas  
improvisando porcaria  
nas batalhas de floripa  
eu nao cheguei ainda  
mas eu vou chegar um dia  
pra acabar com esses machistas  
que só passam vergonha  
atura a travekona  
atura a travekona  
o efeito é Boomerang  
mas aqui é bang bang  
atiro neles nesse instante  
eu vim de tão longe  
to formando o meu bonde  
não esqueça do meu nome  
sonhe comigo more  
Re Moraes  
pisando nesses homem.

Fernanda Silva desde abril de 2014.

A performance mais que expressão artística é expressão da vida.



FERNANDA SILVA

## **Impossível estuprar esta mulher cheia de vícios**

Performance

Ficha técnica:

Da obra teoria king kong de virginie despentes. N-1 edições. Tradução de Márcia Bechara

Criação e performance: Fernanda Silva

Grupo de teatro metáfora - Parnaíba - Piauí

Obra de Virginie Despentes com tradução de Márcia Bechara, foi publicada no Brasil através da editora N - 1 edições, no ano de 2016. O livro alcançou as mãos de Fernanda Silva como um presente de Sônia Sobral, então, sua Diretora e co-criadora de Involuntários da Pátria, texto de Eduardo Viveiros de Castro, em 2017. Naquele ano o terceiro capítulo dessa obra: “Impossível estuprar esta mulher cheia de vícios” transformou-se numa performance de Fernanda Silva. Nascida em 1977, e com sua migração de gênero de masculino para o feminino tomando forma em 2014, a atriz, diretora e dramaturga da cidade de Parnaíba, litoral do Estado do Piauí, viu na narrativa do estupro da escritora e cineasta francesa, ocorrido em 1993, uma chance de performar a voz da autora usando a sua voz de mulher trans brasileira. A performance realizou três apresentações em Paris no Center Nacional de lá Danse na programação do CAMPING 2019.

131

A arte, como interferência, redefine o espaço, ao mesmo tempo em que o confronta, criando assim, não só uma ruptura no dia a dia urbano, como também apropriando-se do mesmo para dispor de questionamentos ligados à contemporaneidade. Por conseguinte, o corpo, tal igualmente como os espaços públicos físicos e digitais, são um depósito de resistências e opressões. Quando utilizado como um instrumento de comunicação, o corpo atravessa suas distintas concepções, buscando questionar limites e fronteiras da cultura e do cotidiano a ele associados, revelando assim o deslocamento dos códigos na intenção de desconstruir a realidade, os signos, os sentidos e a linguagem.



## Bubble

Fotografia Documental

Local: Harlem, Central Park e The Metropolitan Museum - Manhattan - Nova York - EUA

Material: Boia inflável Pink de PVC Redonda

Ano: 2018



por Afrofutur1st - Johnatan Rezende

A arte, como interferência, redefine o espaço, ao mesmo tempo em que o confronta, criando assim, não só uma ruptura no dia a dia urbano, como também apropriando-se do mesmo para dispor questionamos ligados à contemporaneidade. Por conseguinte, o corpo, tal igualmente como os espaços públicos, é um depósito de resistências e opressões. Quando utilizado como um instrumento de comunicação, o corpo atravessa suas distintas concepções, buscando questionar limites e fronteiras da cultura e do cotidiano a ele associados, revelando assim o deslocamento dos códigos na intenção de desconstruir a realidade, os signos, os sentidos e a linguagem, valorizando a ação em si, mais que seu valor de representação.





### o corpo não-humano

É utilizando o objeto como 'corpo não-humano' que Johnatan Rezende, Afrofutur1st, revela uma ação performática através da 'Bubble', pois o mesmo a vestia pela cidade de Nova York e então a fotografava entre monumentos artísticos e históricos como forma de reivindicação territorial e apropriação artística. A 'Bubble' foi encontrada durante a Páscoa de 2018 em Miami, e desde então ela tem estado na jornada de fazer parte das memórias do Afrofutur1st. Os registros desta exposição foram feitos em 2018 no Harlem, bairro de Manhattan, conhecido por ser um grande centro cultural e comercial afro-americano; no Central Park; e no 'The Metropolitan Museum' em Nova York nos Estados Unidos, onde Afrofutur1st foi impedido de entrar vestindo a 'Bubble'; então com a boia vazia, Afrofutur1st não só entrou em um dos maiores museus do mundo, como fez registros fotográficos da 'Bubble' junto de alguma das obras mais importantes da história da arte como forma de protesto.

A 'Bubble' ganha relevância estética ao estar em contraste com obras de arte contemplados como símbolo de perfeição e virtuosidade.

## **ARQUIVO HISTÓRICO**

O MUTHA está criando seu Arquivo Histórico e convida vocês a submeterem para nós materiais durante tempo indeterminado! As doações e empréstimos irão compor nosso Arquivo Digital (AD), um acervo digital que engloba todo o material coletado pelo museu, como performances, obras de arte, documentos, fotografias, panfletos, clippings, newsletters, correspondências, periódicos, impressos, história oral, transcrições de entrevistas, jornais, folhetos, objetos físicos, programas, anúncios, artigos, pôsters, discursos, dentre outros. Materiais datados em qualquer época serão aceitos - de pessoas brasileiras vivendo em qualquer local do mundo e/ou ocorrências no Brasil. Esta parte da exposição visibiliza as pessoas doadoras do primeiro documento recebido pelo Arquivo Histórico MUTHA.

### **Yuna Vitória Santana da Silva**

Pesquisadora em Direito e Sexualidade pelo Grupo de Pesquisa em Direito e Sexualidade da Faculdade de Direito da UFBA, Pesquisadora em Parentalidades Trans pelo Grupo de Pesquisa Conversas Civilísticas da Faculdade de Direito da UFBA.

Co-coordenadora da Linha de Pesquisa em Estudos Trans, Travestis e Intersexo do Núcleo de Pesquisa e Extensão em Culturas, Gêneros e Sexualidades da UFBA.

Integrante da Rede de Mulheres Cientistas Kunhã Asè  
Conselheira Fiscal da Associação Baiana de Transgêneros em Ação, Estagiária em Engenharia Jurídica pela JUSBRASIL e em advocacia pelo Escritório Abreu e Bittencourt.

### **Theo Brandon Pitanga Gonçalves**

Graduando em Medicina pela Universidade do Estado da Bahia, Diretor de Extensão da Liga Acadêmica de Endocrinologia e Metabologia da Bahia - LAEMB, Conselheiro Fiscal da Associação Baiana de Transgêneros em Ação, Pesquisador em Identidade de Gênero e Direitos Sexuais e Reprodutivos de Transmasculinos .



# TRANSESPÉCIE / TRANSDINAGEM



Ian Guimarães Habib (Org.)

